



# CASA DOS *Destinos*

DANKA MAIA



PERIGOSAS

# A CASA DOS DESTINOS

"Suas escolhas podem te trazer aqui."

Por

Danka Maia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

## **Agradecimentos**

De forma alguma poderia conceber o nascimento deste filho, meu livro, sem dar aqueles que durante toda minha jornada tanto contribuíram , seja da maneira que for a este momento.

Deus, eu sou um plano seu em ação. E esta obra é apenas o começo de onde o Senhor vai me levar.

Pai e Mãe, de modos distintos, quero agradecer aos dois por tudo que me proporcionaram para que chegasse a este momento tão esperado. Mãe, muito obrigado por ter me ensinado assim que comecei meus rabiscos, que eu podia fazer uma letra, uma palavra ou frase melhor do que havia feito.

Você me mostrou o caminho do ilimitável. Pai, sou eternamente agradecida pelos seus gibis de domingo, sem eles ,talvez eu não conheceria o mundo da imaginação, e pelo seu esforço de

sempre em me dar acesso as ferramentas para uma boa formação, e embora não seja sua missão, creio que está feliz por ter me visto chegar aqui.

Família, os que realmente gostam e torcem por mim, estão alegres, como estou, por esta conquista. Sois especiais!

Filhos Postiços, também conhecidos como alunos, a todos, que tão calorosamente, pararam para ouvir sobre meus textos, roteiros e A Casa Dos Destinos em especial. Sou muito grata, havia fogo nos olhos de cada um, quando me questionavam quando este livro sairia, e isto carregarei comigo para sempre!

Clara e Alice, sois minhas eternas princesas!

Ofereço também, esta obra em memória de uma pessoa muito especial para mim, que já se foi, mas, que certamente ficaria muito contente ,em me ver almejando essa conquista.

Ao Meu Eterno Tio "Jorge Tróia". Saudades de ti.

A todos, sem exceções, meu sincero e franco: Muito Obrigado.

AMO TODOS VOCÊS!

Danka Maia

Copyright © por Danka Maia

Todos os direitos são reservados de acordo com as Normas de Leis e das Convenções Internacionais.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



PERIGOSAS

Preparo de Originais, Revisão, Projeto Gráfico e  
Diagramação: Danka Maia.

Capa: Dan Rebouças

Revisor: Suzete Frediani Ribeiro

Registro na Biblioteca Nacional: 577.348

Livro:1.102 Folha:422

NACIONAIS - ACHERON

## A CASA DOS DESTINOS

### **Redes sociais:**

*Facebook: Danka Maia Autora*

*Fan page: Autora-Danka-Maia-II*

*Instagram: dankamaiaescritora*

*Twitter: @dankamaia*

*Site Oficial:*

*[www.dankamai5.wix.com/autoradankamaia](http://www.dankamai5.wix.com/autoradankamaia)*

*[Blog: www.dankamachine.blogspot.com.br](http://www.dankamachine.blogspot.com.br)*

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

## CAPITULO I

### UM NOVO EMPREGO. UM NOVO COMEÇO.

Parece ser mais um dia na Casa dos Destinos, apenas isso, mais um dia.

Chove torrencialmente.

Jocasta chegou animada e seca. Aguardava irrequieta por um homem chamado Raziel. Depois de ininterruptos minutos, decidiu aproximar-se do balcão da recepção onde uma senhora de olhos doces e ternos, a cumprimentou.

— Bom dia Jocasta, como vai? Estávamos esperando por você, é uma honra tê-la trabalhando aqui. — A moça, não compreendeu tanta gentileza muito bem. Sabia seu nome? Fato curioso. Mesmo assim retribui a saudação.

— Bom dia, senhora...

— Basta Lauviah, por favor. — disse em mistério.

— Nossa, nome distinto.

— Pode vir comigo, Raziel a aguarda.

A senhora saiu pela porta lateral da recepção, e Jocasta a seguiu, ao mesmo tempo em que

observava todo ambiente.

A Casa dos Destinos era uma clínica psiquiátrica que se confundia entre o sombrio e o estranho. O excêntrico e tenebroso. Uma atmosfera grosseira, arquitetura vitoriana talvez. Um lugar esquecido no tempo, cujas infiltrações foram embrenhadas, não somente nas paredes e pisos estufados, como também, nas pessoas que ali estavam.

Por mais que Jocasta se mostrasse empolgada em cumprimenta-las, não recebia nenhuma palavra em troca. E quando um olhar surgia em meio àqueles indivíduos, era frio, vazio e distante, não a tinham percebido. O cheiro em alguns locais era simplesmente insuportável. Para uma enfermeira como ela, é normal com o passar do tempo acostumar-se com a fragrância da morte. Entretanto, aquele odor era ainda mais intenso, marcante e intolerável.

Foi impossível para a jovem enfermeira não arremeter-se ao tempo de sua infância, e lembrar-se das inúmeras vezes que um aroma semelhante aquele, lhe incomodava profundamente todas as vezes que, precisava subir ao sótão, e ali esconder-se por horas das mãos e do desejo asqueroso de seu

NACIONAIS - ACHERON

padrasto. Todas as vezes que Jocasta ali esteve, e sentia aquele odor entremeado de fezes de morcegos, mofo e corpos decapitados de camundongos intrometidos, nas ratoeiras que sua mãe espalhava para apanha-los. Jocasta tinha em si que aquele era a fragrância do abandono e do olvido.

E essa lamentável recordação, pairava justamente ali, em seu primeiro dia de trabalho. Um bom ou mau sinal? Por um momento, não soube o que pensar.

Entre um corredor e outro, Luviah parou sorridente ao lado de uma porta fechada.

— Bom, é aqui. Chegamos. Vamos, entre, entre! — disse com uma das mãos abertas.

— Mas posso entrar assim? Sem ser ao menos anunciada?

— Imagine querida. Aqui não há esse tipo de formalidades. Dispensamos esses detalhes para os...

Uma ruga de preocupação emoldurou a testa de Jocasta.

— Para os?

— Nada, esqueça. Essa sou eu, às vezes, quase falo demais. Entre!

A moça resolveu seguir o caloroso sorriso da dona, e entrou sem bater, inda desconfiada.

— Com licença.

Ao levantar a cabeça, viu uma esguia figura masculina, imponente ensaiando um sorriso, enquanto guardava com certa pressa, algumas folhas de papeis que perambulavam em cima da mesa numa gaveta próxima.

— Como vai, Jocasta? Eu a esperava. — indo ao seu encontro ensaiando um contido contestar.

— Muito bem, obrigada. Raziél suponho?

— Eu mesmo, — refletiu, e finalizou misteriosamente. — Em pessoa.

Não ver uma das mãos do homem para cumprimentá-la foi uma minúcia que a incomodou. Era tão agradável, quase amável. Um aperto de mãos não lhe faria nenhum mal diante de tamanho acalanto. Porém, ela se manteve firme, e comportou-se da maneira desejada pelo emblemático anfitrião.

Abancou-se na cadeira recomendada. E se pôs a ouvi-lo atentamente.

— Bem Jocasta, serei seu supervisor na Casa dos Destinos enquanto aqui estiver, ou, até que se acostume com nossos procedimentos. Receio que

NACIONAIS - ACHERON

isso não seja um problema para você.

— Não. — afirmou. — De maneira nenhuma. Devo confessar que estava realmente um tanto preocupada com essa fase de adaptação.

— Perfeito. Gostaria que me acompanhasse. Quero mostra-la todas as nossas acomodações. Está pronta?

— Claro! — ressaltou acalorada. — Estou mais que pronta! — e sorriu.

Eles saem da sala do coordenador.

Raziel, tem o cuidado de apresentar à Jocasta todas as alas psiquiátricas da Casa dos Destinos. Ela aparenta estar num misto de confusões emocionais. Afinal, aquele homem demonstra com certo orgulho, em meio a um ambiente de aparência declarada de completo desdém. Por uma ou duas vezes, pondera se deve interromper o moço, e lhe questionar sobre as condições precárias que o lugar possui. No entanto, se contém. Não era a hora, nem o momento certo.

E saber ser diplomática era uma característica que dominava com extremo zelo. Segundo sua irmã, Ávila, até demais. Para ela ,Jocasta confundia o termo diplomacia com omissão.

Brigas entre irmãs, fato comum a todos os  
NACIONAIS - ACHERON



seres que desfrutam desta complexa e fascinante estrutura chamada: família.

Raziel enfim, apresenta o refeitório, e a chama para tomar um café. Os dois sentam-se em uma das imensas mesas de ferro que há naquele lugar. Era certo, que um batalhão, poderia comer ali em um piscar de olhos.

Logo que ajeitados, uma jovem vem servi-los, duas xícaras de uma bebida bem quente, mas que de longe se assemelhava ao máximo com um chá preto, contudo fraco.

— Sirva-se Jocasta, deve estar com frio. Aqui o tempo é muito incoerente. Os dias de chuvas são tão intensos como os de sol escaldantes. Hoje, frio, muito frio.

Ela toca com cuidado a xícara, e enquanto tenta achar um meio de tomar o primeiro gole sem queimar a ponta da língua, Raziel faz algumas recomendações.

— Jocasta, não sei ao certo o que lhe disseram ou se sabe, exatamente, o que é a Casa dos Destinos, então...

Ela o interpele abruptamente, enquanto desiste mais uma vez do gole da bebida fervilhante.

— Bem, o que sei é o que estava no anúncio  
NACIONAIS - ACHERON

do jornal.

— Anúncio de jornal? — Raziél se espanta com a notícia dada com tamanha ênfase por Jocasta.

— Sim, eu estava no trem, indo para casa da minha irmã, quando li o anúncio da clínica a procura de enfermeiras com experiência na área de psiquiatria.

Raziél evidencia total estranheza do episódio, mas decide prosseguir a conversa ignorando o fato.

— De qualquer modo, creio que devo explicar como as coisas funcionam por aqui.

— Claro, para mim é muito importante compreender a metodologia da casa.

Raziél, segura a xícara com uma facilidade surpreendente. Jocasta não consegue não notar tal proeza. Ele toma dois goles da bebida, coloca a xícara sobre o pires novamente com muita delicadeza e segue.

— Sua função será acompanhar somente os pacientes designados em sua ficha de trabalho. Precisa cuidar bem deles, procurar interagir, e sempre fazer seu relatório ao fim de cada semana ou quinzena, como preferir. O prontuário de cada um sempre estará em sua prancheta, com o

NACIONAIS - ACHERON

diagnóstico, situação anterior, enfim, os pormenores...

— Então, só preciso cuidar dos pacientes que tenho acesso ao prontuário? — estranha a mulher.

— Sim, somente eles. Procure não fazer perguntas do tipo, quem é esse ou aquele paciente, atenha-se apenas aos seus, entendeu? Consideramos estas questões meramente especulativas e desnecessárias vindas da parte dos funcionários.

A moça balança a cabeça, todavia, incomodada com tal metodologia, mas, entende que está em fase de adaptação de procedimentos da clínica.

— Por mim tudo bem. Algo mais?

Ele olha bem profundamente nos rosto da moça, com seus intensos olhos azuis a deixando ligeiramente inquieta.

— Sim. O mais importante, Jocasta, vem agora.

— E o que seria?

— Enquanto estiver aqui, há dois lugares que nunca, jamais, deve entrar ou mexer.

— Quais? — pergunta em meio a mais uma

tentativa de lograr êxito ainda em seu primeiro gole.

O homem inclina um pouco o corpo para frente, e sussurra:

— O arquivo morto e o antigo porão. Em hipótese alguma, não mexa ou vá até um desses lugares sem autorização. Pode ser muito perigoso!

Depois de alguns segundos, abandonando de vez a intenção de beber o tal chá preto, que parece fraco, o responde:

— Ah... pode deixar, não irei. Nem ouvi isso, aliás, nós nunca tivemos essa conversa.

— Vejo que entendeu bem o que disse.

— Mas Raziel, e quanto a alta dos pacientes? Devo acompanhá-los? Estar em contato com os médicos responsáveis?

— A alta? — estranha a pergunta da jovem.  
— A alta, nunca será seguida por você, assim como a partida de cada paciente que cuidar. Isto ficará a cargo de nossos superiores. É o que precisa saber.

— Está bem. E qual será o primeiro paciente? Estou ansiosa!

— Na verdade, serão dois pacientes.

— Dois? — assombra-se.

— Sim, os superiores acharam que seria interessante para seu desempenho.

— Que maravilha! Adorei saber disso. E quem é?

Raziel torna o corpo para trás.

— Um deles já está conosco há algum tempo, mas sem grandes avanços ao tratamento. Seu nome é Adrian Belmonte. Tudo que precisa saber sobre ele, já está em seu prontuário.

— Ok. E o outro paciente?

— Na verdade, outra. É uma moça muito jovem, feito você, entretanto, ainda não chegou à Casa dos Destinos. Deve se juntar à nós de hoje para amanhã no mais tardar. O prontuário também já está na sua prancheta. Vai ter mais tempo em estudar o seu caso, do que o de Adrian.

— Ótimo! — não se contendo em risos. — Estou muito, muito empolgada.

— Bem Jocasta, no mais, o que precisar, alguma dúvida, só precisa me procurar, sempre estou por perto. E mais uma coisa...

— Sim.

— Sei que este lugar é sombrio, frio, obscuro, e de certo modo, semelha ter sido

esquecido pelos homens e por Deus. Entretanto, enquanto estiver aqui Jocasta, procure aprender o máximo com tudo e todos que estiverem a sua volta.

Jocasta não entende a recomendação, e dessa vez sente-se a vontade em questionar:

— Por que está me dizendo isso, Raziel?

— Porque o mistério deste lugar não acontece do lado de fora, visível aos nossos olhos, e sim dentro de nós. Somente desta maneira, vai conseguir alcançar realmente o que a trouxe A Casa dos Destinos, e qual seu real papel aqui.

Ela não alcança sentido para suas palavras, mas agradece mesmo assim.

— Agradeço a informação.

Ele apenas sorri, enquanto se levanta da mesa.

— Agora, posso conhecer o rapaz, Adrian, não é esse o nome?

— Fique a vontade. A casa dos Destinos é sua!

Logo depois que o observa desaparecer ao sair do refeitório e dobrar para direita, Jocasta projeta seu olhar ao cair da chuva imponente e

ininterrupta.

Coloca uma das mãos sobre o queixo enquanto põe o outro braço como descanso ao cotovelo. E dentro de si, questiona:

— Mas, que lugar é esse?

## CAPITULO II

### CONHECENDO OS PACIENTES

Jocasta vai até a recepção apanhar sua ficha de trabalho.

Acomoda-se um pouco em uma pequena mesa reservada para ela numa antessala, e lê o prontuário do rapaz.

— Deixe-me ver, o que me dizem sobre você, Adrian.

*"Adrian Belmonte, 32 anos, jornalista. dia da chegada: 01/01 de 200..."*

— Nossa! Mas, isso já faz mais de quatro anos! — A enfermeira se assombra.

*"... O paciente apresenta um quadro de depressão profunda, pouca ou nenhuma resposta interativa social, não responde a estímulos de terapia, é avesso à conversação e contato físico. Alimenta-se de maneira forçada. Suicida..."*

— Santo Deus... O que fizeram com você, Adrian? — comenta em voz alta.

*"... O paciente chegou à Casa dos Destinos devido o forte trauma que sofreu pela tentativa de assassinato da parte de sua companheira e seu*



*amante contra o mesmo. O que lhe desencadeou cegueira progressiva, paralisção das pernas, depressão contínua, referente ao bloqueio emocional e psíquico...”*

— Quanta maldade! Como alguém pode fazer isso com o próprio marido?

*“... sem filhos, esteve casado por dez anos com a mesma. Segue abaixo medicação prescrita: dias de banho de sol, leitura e música.”*

Comovida e do mesmo modo, indignada com a história de vida do rapaz, e com a medicação indicada, Jocasta nem passa os olhos no prontuário de sua segunda paciente. Guarda imediatamente o prontuário, e segue à procura do quarto de Adrian. Enquanto percorre os corredores da clínica, a enfermeira intui que o recinto é ainda mais nublado que supunha. Infiltrações, umidade, lodo, sujeira de todo tipo é visto por toda parte. Pacientes que não param de gritar, tampouco chorar por um só minuto, transtornam ainda mais a cabeça de Jocasta.

O cenário é lamentável e aterrorizante.

Com esforço, consegue chegar à porta do quarto de Adrian. Ameaça empurrar sutilmente a porta velha e barulhenta, e meio sem jeito, adentra

NACIONAIS - ACHERON

o procurando. Adrian está em sua cadeira de rodas, com um olhar fixo e vago para janela, ao ponto de não se dar conta das goteiras que formam verdadeiros pequenos lacustres dentro do quarto embolorado e fétido devido a sua fralda, que não era trocada há dias a julgar pelo odor.

Jocasta fica boquiaberta com a condição que o moço se encontra.

— Com licença. — cochicha. — Olá Adrian, meu nome é Jocasta. Serei sua enfermeira e acompanhante daqui para frente. Como você está?

O jovem não esboça nenhum ruído ou gesto. Apenas o silêncio é a sua resposta categórica.

— Adrian? — insiste. Outra mulher adentra o lugar. Parece acostumada com a apatia mórbida do rapaz.

— Enfermeira nova é? — pergunta.

— Oi. Ele não fala muito, não é?

— Para ser sincera querida, ele não fala nada desde que chegou aqui.

— Pecado. — afirma Jocasta. Um homem tão bonito.

— passa uma das mãos delicadamente entre seus cabelos maltratados pelo tempo e pelo sofrimento.

— Prometo que irei cuidar muito bem de você, viu?

NACIONAIS - ACHERON

Seremos bons amigos, está bem?

A mulher coloca sobre o resto do que fora um dia um criado mudo, uma bandeja com um prato do que parece ser uma sopa rala, sem cheiro ou cor.

— Tente alimentá-lo criança, se conseguir, já será uma proeza, acredite!

— A história dele é estarrecedora.

— È um pobre coitado embevecido pelo próprio desgosto. Isso sim é o que ele é!

A mulher caminha até a porta, e diz:

— Faço votos que consiga ajudá-lo, viu. Sem dúvidas, este é um ser que precisa de ajuda. E muita. Até logo.

A enfermeira senta-se numa cadeira velha de ferro. Mordisca os lábios e esfrega as mãos uma a outra, enquanto analisa detalhadamente o paciente. Ela abaixa a cabeça, e quando a levanta está com os olhos marejados. Jocasta aprende a primeira lição na Casa dos Destinos. Naquele momento, não havia nada que pudesse fazer por Adrian, se não apiedar-se de sua condição.

Ela chegou.

Entusiasmada para mais um dia de trabalho, Jocasta acorda cedo, e antes de retomar seus

afazeres com Adrian, decide ler a ficha de sua outra paciente. Abrindo a pasta, depara-se com a foto de uma moça bonita, de cabelos fartos, rosto perfeito e olhos intensos. Tem a sensação de que a conhece de algum lugar, todavia, se atribui a ler o que menciona o prontuário.

— Vamos ver quem é você, mocinha.

*"Marieva Rondan Palhares"...*

— Rondan Palhares? Já ouvi esse sobre nome.

*"... 23 anos, a paciente sofreu um aborto espontâneo logo depois de flagrar seu futuro cônjuge com sua melhor amiga, na casa em que viveria com o mesmo, na manhã do dia do seu casamento..."*

— Que absurdo! Que coisa horrível! — diz chocada.

*"... A paciente não cancelou a cerimônia, e logo após a mesma, traçou e executou um plano de vingança quanto aos mesmos. Onde prendeu, torturou e assassinou os dois no que seria sua lua de mel..."*

— Ah, agora me lembro! Sim! Evinha Rondan Palhares! A herdeira do império das Empresas Danpa, uma das maiores no ramo de NACIONAIS - ACHERON

pedras preciosas. Mas, não foi condenada por assassinato duplamente qualificado? — refletiu.

*"... chegar à clínica com o intuito de passar por severo acompanhamento psiquiátrico, obtidos pela sua defesa no caso. Sofre de depressão profunda, transtorno bipolar e é suicida."*

— Ah, me engana que eu gosto! Isso não passa de uma manobra jurídica para livrá-la de um presídio qualquer. O que o dinheiro não faz! — fala embravecida. — Que Deus me ajude com essa garota!

Assim que fecha a pasta, Jocasta tem a sensação de ter ouvido o seu nome na recepção. Atenta, se concentra, e constata que Raziel a espera na recepção. Subitamente, vai ao seu encontro um tanto preocupada.

— Raziel? — grita logo que o nota parado rente à entrada do hospital.

— Que bom que veio logo. — mostrou-se o homem, aliviado por sua chegada.

— Por que? O que foi? Aconteceu alguma coisa com Adrian?

— Não, ele está bem. — enquanto olha para um dos corredores. — Sua outra paciente acaba de chegar. Depressa!

— Ah... A tal Marieva Rondan? — pergunta com certo descaso.

— Precisa ir imediatamente ao quarto dela!

— Mas Raziél, ainda não vi o Adrian hoje, primeiro tenho que..

Raziél a interrompe grotescamente:

—Imediatamente Jocasta. Obedeça!

Perdida, se agita, e pergunta:

— O número do quarto?

— Está no quarto oito.

— Mas não é o quarto ao lado do Adrian?

— Por gentileza Jocasta, vá!

A enfermeira cruzou pelos corredores o mais rápido que pode. Passa pelas mesmas bandas do dia anterior. Fica novamente uma vez abismada com as cenas de descaso e aflição por todo lugar, sobretudo dos pacientes.

Logo que se aproxima do corredor começa a ouvir gritos ameaçadores. Ela corre para o quarto.

— O que está havendo aqui? — Jocasta se depara com uma cena lamentável.

Há dois homens no quarto tentando conter a moça colérica, todavia, amarrada a uma camisa de força. Um deles suando muito, vem ao seu

encontro:

— A senhorita é quem vai cuidar dessa criatura? — não escondendo a espera de um eloquente sim.

— Essa é Marieva Rondan? — questiona apavorada.

— A biruta em pessoa! Prontinho, está entregue. Mikael, pode jogar a encomenda em cima da cama, a responsável já chegou. Graças a Deus, que é Pai e não padrasto! — objeta.

O outro obedece.

Jocasta leva as mãos à cabeça. A senhorita não para de berrar, se debater, e fazer exigências.

— Moço, espere aí! — bradou a enfermeira. — Pelo amor de Deus, como vou cuidar dessa garota neste estado? Sou a enfermeira, não responsável por ela!

— Seu nome é Jocasta Aguiar?

— Sim, mas..

— Então, — emitiu um som estalido com os lábios. — isto a faz responsável por esta criatura, a partir deste momento. Deus te ajude, vai precisar!

— Mas meu senhor não tem como cuidar de uma pessoa em tamanha circunstância!

— Filha, — o homem responde contundente.  
— Sinto muito, mas isso, não é mais problema meu. Lamento!

Os dois saem do quarto.

Jocasta não sabe o que fazer. Olha de um lado para o outro em busca de respostas.

Uma faxineira passa por ali.

— Querida, é melhor entrar enquanto ela ainda tenta se levantar da cama. Já pensou se tenta fugir por esses corredores? De quem será a culpa?

Por fim, A jovem enfermeira decide entrar no cômodo com a cara e a coragem.

— Me soltem! — A moça grita o tempo todo.  
Jocasta demonstra cautela.

— Por favor, Marieva, tente se acalmar!

— Me tira daqui! Tira-me daqui agora, ouviu bem? Agora!

Em nada Marieva lembrava a bela da foto que Jocasta vira instantes antes em seu prontuário, completamente descontrolada, soberba e de uma arrogância inenarrável.

— Marieva... Acho melhor...

— Cala a boca! Quem disse que pode falar comigo, sua fulaninha? Quero falar com minha



família imediatamente! Vamos, exijo um telefone agora! Para de me olhar com essa cara de retardada, vá buscar o telefone! — e berra um sonoro:— Hello besta, andando!

Atônita com o comportamento extremamente rude e farpado da moça, Jocasta tenta educadamente chamar-lhe à realidade.

— Marieva, receio que isto não seja possível neste momento então...

— Me faz um favor, fulana, cala a merda da boca! Pessoas como eu, não tem tempo na vida para perder com seres como você, era só o que me faltava!

Entretanto, a enfermeira insiste em mais uma tentativa enquanto a garota esbraveja cada vez mais pelo quarto.

— Meu nome é Jocasta. Pode me chamar de Jô se quiser, serei sua enfermeira enquanto...

— Quero saber quem me mandou para essa espelunca! — aos gritos. — Quem teve a ideia de me mandar para esse lugar?! Vão todos ser processados! — pela primeira vez, aparenta notar a presença da enfermeira. — E quem é você, hein?

Ao notar o aprontado descaso da Marieva, pelo o que acabara de lhe dizer, Jocasta se sente

NACIONAIS - ACHERON

mal como profissional e principalmente como pessoa. Usa o resto de sangue frio adquirido com a diplomacia, e repete.

— Meu nome é Jocasta. Serei sua acompanhante, sua enfermeira enquanto estiver aqui...

— E desde quando preciso de babá? — replica furiosa.

— Ainda mais do seu nível? Faça-me o favor!

— Entendo que esteja sob forte stress emocional, mas neste instante é vital que tente se acalmar...

Marieva para por um segundo a histeria, a examina de cima a baixo, e conclui:

— Você vai me dizer o que fazer? — ela se joga novamente na cama, começando a rolar de rir em um tom suave de claro deboche, o que deixa Jocasta indignada e revoltada com a sua conduta.

Tranca a porta deixando-a aos urros dentro do quarto, e começa uma verdadeira caçada à procura de Raziel. Ela sai desnorteada pelos corredores, nunca havia tratado alguém como Marieva, nunca havia sido tão insultada em tantos anos de profissão, muito menos e especialmente, como pessoa.

Jocasta pensa em Raziel

Entra e sai freneticamente de uma ala à outra. Na verdade, não sabe precisamente onde encontrá-lo devido a imensidão do lugar. Então, volta à pequena sala, e ao abrir a porta e ascender a luz, na tentativa de beber um pouco d'água a fim de abrandar-se, toma um susto ainda maior

— Procurava por mim, Jocasta?

Ela joga instintivamente o copo, e grita:

— AI MEU DEUS!

Ele sorri serenamente, e com um dos dedos, apazigua.

— Quê isso menina. Soube que procurava por mim, então vim, como ainda não havia chegado, sentei ali no canto. Só isso.

— Ok, mas não me cause um infarto!

— Estava à minha busca?

Jocasta resolve sentar-se em uma das cadeiras. Respira um pouco e é incisiva.

— Olha, não faço ideia de como vai entender isso, mas não posso cuidar daquela garota!

Ele também se aconchega em outra cadeira.

— Marieva?

— A própria!

— Hum... — ele reflete. — E por que não?

— Porque ela é simplesmente... Mesquinha! É má, petulante, de uma arrogância... Olha, aquilo não é um ser humano!

— Jocasta, acalme-se. — sugere.

— Raziel, tenho 25 anos de idade, experiência nesse ramo há pelo menos 5 anos. Não é uma baita experiência, mas é uma experiência razoável. Aquela garota pode sofrer de qualquer coisa no mundo, e aliás, ela sofre, sofre de má educação, da síndrome do nariz em pé, síndrome da mimada infernal. Mas, se tem algo que aquela mocinha definitivamente não tem, é um desequilíbrio mental! E não venha falar que desconheça isso!

Raziel se levanta ajeitando o terno elegante como sempre. Caminha até o bebedouro, apanha um copo d'água e oferece à enfermeira.

— Beba um pouco, precisa recobrar a força e ânimo.

Ela aceita bebendo todo conteúdo numa talagada só. Ele se aproxima, agachando-se sobre seus joelhos.

— Melhor?

— Não posso fazer isso. Desculpe-me! — a enfermeira parece irredutível.

— Jocasta, o único motivo pelo qual está na Casa dos Destinos, é porque foi designada para cuidar de Adrian e Marieva.

Ela se espanta com a afirmação do homem.

— Como assim?

— Faça seu trabalho, cuide deles.

— Está dizendo que se não fosse pelos dois, não me contratariam?

Ele se ergue, vai até a porta, ensaia sair segurando a maçaneta e a responde;

— Eles são a única razão pela qual está aqui.

Ela resiste.

— Marieva não é uma paciente psiquiátrica.

— Leu a ficha dela?

— É claro que li.

— E como pode falar isso? Ela pegou o homem com quem ia se casar construir uma família, na cama com sua melhor amiga, no dia do seu casamento. Sofreu um aborto por conta disso...

— E assassinou os dois! Sua presença aqui, porque é podre de rica, e está fugindo da obrigação de pagar pelo que fez em um presídio como um

mortal qualquer. Ela é asquerosa, atrevida, desaforada, insolente, isso sim!

— Nossa!

Ele sorri mais uma vez, impressionado.

— O quê?

— Passou cinco minutos com ela e já descobriu tudo isso. Imagine o que não fará nos próximos meses?

— Raziel... — ainda contrastando.

— Faça seu melhor. Lembre-se: Você é digna do suor do seu trabalho.

— Citações bíblicas agora?

— Conhece alguma verdade maior? Eu não, até logo.

Antes que Raziel cruzasse a porta, Jocasta se lembra de um detalhe e o questiona:

— Raziel!

— Sim, Jocasta.

— Como soube que estava te procurando? Se não mencionei nada à ninguém desde que saí do quarto dela?

O homem graceja novamente, dessa vez, com certo orgulho nos olhos, sem deixar um aparente por quê.

PERIGOSAS

— Bom trabalho, Jocasta.

NACIONAIS - ACHERON

## CAPITULO III

### DOMANDO A FERA

Depois de voltar ao bebedouro e tomar mais um copo de água, Jocasta traça um plano para voltar ao quarto de Marieva Rondan Palhares.

Não há como negar, aquela condição era muito desconfortante.

Confrontar pessoas nunca fora seu forte. Quantas vezes sonhou em seu quarto, ensaios súbitos de questionamentos à sua mãe. Quantas vezes preparou um texto enorme cheio de ira, raiva e revolta contra sua genitora. Foram inúmeros. E em todas aquelas vezes, tudo que conseguiu, foram choros soluçantes e intermináveis, que resultaram em devastadoras enxaquecas, e noites muito mal dormidas. Marieva de alguma maneira, a fazia reviver aquele sentimento de estar sozinha, acuada e com uma necessidade absurda de reagir contra uma situação tão adversa, e isto fazia com que a animosidade da enfermeira para com a moça rica e esnobe, piorasse expressivamente.

Voltar ao quarto exigiu dela muito esforço. Precisava encontrar o caminho dentro de si, que lhe fornecesse as armas necessárias para agir com

NACIONAIS - ACHERON



firmeza e coragem concisas com Marieva. Mas como se tem uma atitude, a qual se negou exercer durante toda a sua vida?

Jocasta para em frente ao dormitório. Anda de um lado a outro, experimenta palavras, gestos, como quem decora incansavelmente as falas de um monólogo. Transpira aos baldes, está gelada. A sensação piora com os gritos ensandecidos de Marieva. Ela amedronta a enfermeira, assim como os abusos que sofrera durante toda a infância de seu padrasto acobertados pela postura submissa e cúmplice de sua mãe.

— Muito bem Marieva... não, não! Não pode ser esse o tom, tem de ser mais imponente. Muito bem Marieva! Assim está melhor, desse jeito está legal! É assim que vai ser. Ai Deus, me ajude!

Ela toca a maçaneta, por um segundo, acredita ser aquela menina de vestido no joelho e surrado, tão intimidada com a possibilidade de o rádio informar às dezoito horas, horário que o padrasto sempre chegava a casa, onde só ela estava lá, totalmente entregue a sua maldade e desejos tão pervertidos.

Faz o sinal da cruz, e entra no quarto. A jovem rebelde está caída no chão, em uma posição

NACIONAIS - ACHERON

no mínimo curiosa, de popa para cima sem poder se levantar graças ao seu ataque. Ao ver a cena, Jocasta fica aliviada, pareceu mais fácil que julgara, ensaia uma gargalhada, porém, logo se contém.

— Me tire daqui! Tire-me daqui, imediatamente! Eu exijo que me retire daqui!

— Sinto muito Marieva, mas se pretende ter minha ajuda para sair dessa posição, nada agradável, — controla o riso.

— irá precisar usar algumas das palavrinhas mágicas.

A jovem se embravece. Entende como grande destrato da parte da acompanhante.

— O quê? Que palavrinhas mágicas? Do que está falando, sua anta? Vamos, me tire daqui agora!

— Sem perder a imponência no olhar.

— Muito bem Marieva, use uma das palavrinhas mágicas, que certamente esta sua refinada educação aristocrata lhe ofereceu ao longo dos anos, e a ajudo sair daí.

— Será que vou ter que começar outra sessão de gritos para você se tocar, e acordar para ver com quem está falando, sua idiota?!

— Eu avisei. Passar bem, senhorita Rondan Palhares.

Logo que percebe que Jocasta está decidida a deixá-la ali, Marieva volta atrás.

— Não! Espere. — baixando o tom da voz.

A enfermeira coloca as mãos dentro do jaleco alvo, e amistosamente vira-se para ela.

— Tem alguma coisa para me dizer?

— Pode me tirar daqui.

Jocasta aproxima um pouco mais.

— Pode me tirar daqui... - disposta a ouvir o complemento da frase.

— Pode me tirar daqui... Por favor. — Marieva sussurra entre os dentes como que ferisse a ferro quente a própria alma.

Jocasta ensaia um sorriso no canto da boca, e arremata.

— Resposta certa.

A enfermeira se agacha gentilmente, e com muito cuidado ajuda a paciente a se erguer, e a coloca sentada sobre sua modesta cama.

— E agora? Posso retirar a camisa de força, sem maiores consequências?

A aristocrata responde rispidamente:

— Não vou fugir, se é o quer saber.

— Tenho sua palavra?

— Escuta aqui minha filha, não sou criança do prézinho para me tratar assim não, sabia?

— Hum... Resposta errada! Volto mais tarde.

Diante de uma nova ameaça de abandono, Marieva refaz os vocábulos.

—Tudo bem, tudo bem. Tem a minha palavra.

— resmunga. — Santa babaquice!

A enfermeira ignora os resmungos malcriados da moça.

—Melhor. Antes porém, vamos começar nossa apresentação com civilidade. Meu nome é Jocasta, serei sua enfermeira durante o tempo que estiver aqui.

Marieva a observa de rabo de olho.

— O que quer que eu diga? Logicamente sabe que meu nome é Marieva Rondan Palhares.

— É um prazer para mim também, Marieva.

A paciente contorce os olhos para cima como quem está enfadada diante de tanta cortesia.

— Sua rotina enquanto estiver na Casa dos Destinos, será sempre comigo. Terá acesso a biblioteca, banho de sol e a sala de música.

— Olha, no momento, tudo que em resumo

necessito é de um telefone, nada mais!

— Bem, segundo o manual que recebi, um paciente só pode receber alguma carta ou bilhete, quando a família assim desejar ou se desejar.

— Carta? Bilhete? — gargalha. — E o que aconteceu com o telefone, internet e adjacentes da comunicação moderna? Para sua informação, preciso atualizar meu facebook pelo menos cinco vezes ao dia.

— São as regras.

— Isso é um absurdo!

— Como disse, são as normas da Clínica.

— Hã! Clínica? Acha mesmo que esse pardieiro pode ser chamado de clínica? Preciso falar com minha família, quero que me tirem daqui! O mais rápido possível!

— Lamento, mas segundo o que está em seu prontuário, foi uma decisão concisa que viesse para cá.

— Que decisão concisa? Quem decidiu isso? Eu não fui!

— contestando com veemência.

— Como disse anteriormente, são as regras. Então, posso remover a camisa de força

com tranquilidade, ou prefere ficar com ela por mais algum tempo?

Marieva lançou um olhar um tanto malicioso, porém, beirando um ar de amabilidade.

— Retire... — Jocasta espera as palavrinhas mágicas. — por favor.

Retirando a camisa com delicadeza, Marieva percebe que a Jocasta é uma pessoa diferente daquelas que está habituada a lidar em seu círculo de amizades.

Pondera que o ar da aristocracia, riqueza e ostentação tenha de certa forma inibido em si a capacidade de enxergar pessoas que são tão somente e nada mais que pessoas.

Logo que consegue sentir seus braços soltos, os sacode freneticamente em voltas do próprio corpo, evidencia certo acalmo o que sugere a Jocasta, um bom sinal.

— Livre enfim! Ufa! Essa porcaria esquentada, coça, é horrível. Nem um animal deveria usar isso! — confessa amainada.

— Não há de quê, Marieva.

Percebendo a insinuação da enfermeira, se retrata.

— Obrigado. Foi Mal.

Jocasta esboça um ar de contentamento.

— Bem Marieva...

— Evinha, apenas Evinha, prefiro. — Estende sua mão afim de um simples aperto de mãos, Jocasta o retribui.

— Então, Evinha, como lhe disse antes, teremos que cumprir uma rotina aqui. A moça a interrompe novamente:

— Sabe dizer como vim parar aqui?

— Não se lembra? Chegou há pouco, os seguranças a trouxeram. Esqueceu?

— Não, não é a este momento que me refiro. Quero saber se, viu como cheguei aqui? Se alguém da minha família veio comigo?

— Infelizmente não tenho acesso a essas informações.

Evinha não esconde a decepção pela falta de informação. Flashes com a velocidade da luz projetam sobre si, a séria discussão que havia tido com seu avô logo após o resultado da sentença, que a condenou por dezesseis anos de reclusão. Sabia, que por ele, teria sido mandada para um lugar como aquele, sem pestanejar. Pois, no fundo, gostaria que

ela pagasse pelo que fez em um presídio comum. E esta reclusão certamente não cabia somente pelo fato de ter assassinado Maurício e Patrícia, mas também, por todo seu descaso para com ele e sua Avó, Maria Helena. Que devotaram o restante de sua velhice para terminar sua criação, devida a morte trágica e súbita de seus pais em um acidente aéreo.

Uma verdadeira prova de amor e dedicação para fazer dela, não só a herdeira do império da família, contudo, uma mulher de bem, digna e educada nas aprimoradas escolas do mundo. O único problema, é que esta nunca fora sua meta. Sua vida desregrada, cheia de lascívia, escândalos e puro esbanjo de dinheiro e ostentação , a traziam quase que diariamente, tanto às páginas policiais , como a de revistas lidas pela alta sociedade, que seu avô recorria em troca de favores para fazer matérias, que rescindissem os supostos boatos.

— Realmente preciso saber quem me pôs aqui.

— Sinto muito, mas essa informação não está em sua ficha.

— Ficha? Que ficha? — Marieva fica curiosa.



— Nada de mais, apenas informações técnicas que vão me ajudar a entender melhor o seu caso.

— Por acaso acha que eu sou mais uma maluca aqui, é? Que sou igual ao bando de despirocado que há nessa espelunca? — volta a se agitar.

— É óbvio que não. — Jocasta refutou.

— Acho bom mesmo. Até porque...

Jocasta se irrita intensamente quando nota, que a moça voltara ao primeiro estágio. E a detém.

— Os loucos geralmente não são assassinos confessos e não se escondem em hospitais psiquiátricos para não pagar pelo que fizeram. Na maioria das vezes, eles até podem matar, mas não se isentam disso.

A garota não deixa por menos, e se arma colocando o dedo na cara da enfermeira sem nenhum pudor.

— Escuta aqui, sua fulaninha, não ouse abrir a sua boca, para falar sobre o que não sabe, entendeu?

Jocasta surpreendentemente levanta da cama, e a enfrenta de igual para igual.

— O que não entendi? Que você flagrou seu futuro marido na cama com sua melhor amiga na manhã de seu casamento? Que resolveu se casar mesmo assim porque havia planejado como mataria de maneira cruel e desumana os dois? Por favor, senhorita Evinha Rondan Palhares, esclareça a esta pobre mortal, qual foi à parte da sua história sórdida e macabra que fugiu ao meu simplório poder de compreensão?

Marieva eleva a voz, imediatamente, mais contundente.

— Não lhe dou liberdade para falar assim comigo, ouviu bem? Nem sei por que estou me dando ao trabalho de responder esse bando de baboseiras que está dizendo. Pessoas como eu, não ouvem pessoas feito você, aliás, nem sabem que existem!

Jocasta aumenta do mesmo modo o tom.

— Tem razão. Pessoas como eu são traídas. E mesmo assim, entendem que traição não é motivo para tirar a vida de ninguém.

Marieva a empurra com toda força contra a parede.

— Escuta aqui sua babaca, se ousar falar comigo desse jeito de novo, volto para camisa de  
NACIONAIS - ACHERON

força, mas antes, parto essa sua cara de lesma em duas, sacou?

A enfermeira sabe que a situação pode ficar ainda mais fora de controle. Engole seco a ameaça e tenta manter a calma.

— Desculpe, não quis ser invasiva.

Marieva também percebe o clima, a solta, lhe dá as costas indo para a janela

— Estou com fome! Não se come nesta porcaria não?

Contida, Jocasta ajeita o jaleco retorcido pelo embate e responde:

— Vou até a cozinha pedir que lhe tragam algo. Em seguida, iremos à biblioteca.

Ela a ignora, enquanto tenta se aquecer esfregando as mãos sobre os ombros. Jocasta sai do quarto, e Marieva fica ali, sozinha e remoendo todos os seus rancores sem ao menos saber, em quem de direito, pode descontar toda sua ira.

## CAPITULO IV

### UM PEQUENO AVISO

Enfim, os dias de chuva deixam entender, terem ficado para trás outra vez.

O sol desponta desinibido, modesto, parece envergonhado por não poder justificar tanta ausência.

Jocasta está no quarto de Adrian, tentando fazer com que aceite um pouco da sopa rala e de sabor desconcertante, quando é interrompida por Raziel.

— Jocasta! — entra com um belo sorriso, certo de que a encontraria exatamente ali. — Como vai, Adrian?

— Não consigo fazê-lo comer. Já tentei de tudo.

— demonstra grande aflição. — Também Raziel, convenhamos, esta sopa não é nada atrativa! Olha a consistência disso? A água é bem mais pastosa. — diz sem reservas.

— Não reclame, moça. Nem só de pão viverá o homem.

— ele se recosta a parede enquanto a observa cuidar de Adrian.

— E Marieva?

Ela para com a colher que já estava no meio do caminho em direção à boca do rapaz. Respira fundo e dispara.

— A insuportável?

— Jocasta, ela é sua tarefa. Já conversamos sobre isto.

— conclui.

— Eu não sei não. Não lhe prometo nada.

— Vim avisá-la que terá que levá-los juntos para as atividades.

Seu olhar é de imenso desgosto.

— Como assim, juntos? Vou ter que conduzir os dois à biblioteca, banho, sala de música e tudo mais?

—Exatamente. — remata enquanto mexe na lapela do terno.

— Impraticável! — ela abandona a colher e o prato.

— Imagine, como vou conciliar esta pobre alma com aquele vulcão em plena erupção? Isto não tem o menor cabimento!

— Lembre-se Jocasta, esse é o seu trabalho. É para isto que está aqui. Até logo.

— Mas Raziel...

Ele não deixa nenhuma rusga de fresta para que complete a frase.

Simplesmente saí do quarto e desaparece.

Jocasta, coloca a mão sobre a cintura, e é enfática:

— Agora sim, estou ferrada, e de vez!

*A biblioteca.*

Adrian foi o primeiro a ser colocado na velha sala de leitura, enquanto Jocasta fora até o quarto buscar Marieva. Para ele, estar ali, ou em qualquer outro lugar era sempre a mesma coisa. Entretanto, naquele dia, algo distinto ocorreu quando viu a enfermeira aproximar-se acompanhada de sua outra paciente. Adrian por um instante, saiu da imensidão do mar perdido em seus olhos, virou a cabeça e fixou o olhar na jovem.

— Tudo bem, Adrian? — perguntou Jocasta, ao notar sua primeira reação desde que estava aos seus cuidados.

— Quem é ele? — Indagou Evinha, enquanto revolia alguns exemplares para ler.

— Meu outro paciente. Recebi ordens de

trabalhar com vocês ao mesmo tempo, portanto, todas as atividades serão feitas com os dois, sempre.

Evinha não gosta muito da novidade.

— Quem? Eu e esse vegetal aí? — contesta sem pudores enquanto apanha um exemplar no chão.

— Evinha, gostaria que tivesse um pouco mais de respeito com Adrian. Ao contrário de CERTOS pacientes aqui, ele realmente expira grandes cuidados da minha parte.

— Você é muito ridícula, mesmo! — larga sua procura por um livro, e esbarra na enfermeira, que mordisca os lábios para não revidar.

— Oi Adrian, como vai? — Diante do silêncio, questiona:

— O que há de errado com ele, não fala não?

— Parece que não muito.

— Parece? A enfermeira-Mor não sabe o que o paciente tem? Onde foi que comprou seu diploma, filha? — Evinha não perde o tom de provocação com Jocasta. Sabe que isso a incomoda, e que a enfermeira não tem muito como se defender dela.

— Vamos nos ater à leitura. Fique a vontade, pode ler o que quiser. — disfarça, para não rebater a afronta.

— Duvido muito que nesse chiqueiro haja algum livro que me interesse, mas enfim, é melhor que ficar olhando para tua cara.

Marieva mira sem muito interesse a pilha de livros empoeirados, prefere, sem se deixar notar, analisar o cuidado que Jocasta tem com Adrian. Avalia o carinho e o zelo da enfermeira para com o rapaz.

Na tentativa de acomodá-lo adequadamente, Jocasta o deixa escorregar, no ímpeto com o claro intuito de evitar a queda dele, Marieva se joga e impede a queda do jovem. O que causa grande surpresa na enfermeira.

— Obrigada. — Responde desconcertada.

— Por que não me pediu ajuda? É lógico que ele é muito pesado para você.

As duas o ajeitam, enquanto o olhar dele continua fixo em Evinha.

— Ele me olha tanto. — diz encabulada.

— É, também reparei.

— Engraçado, logo que o vi, quando entrei,



tive a nítida impressão de que o conheço de algum lugar. Mas, não consigo me recordar de onde... Enfim, sempre que precisar de ajuda com ele, pode me pedir.

— Agradeço outra vez. Realmente, caso o machucasse nem sei se ficaria aqui. Preciso muito do emprego.

Evinha se afasta e volta a ver alguns livros. Enquanto lê os títulos como quem não quer nada, constata.

— Então, também é uma novata por aqui?

Jocasta tão somente afirma que sim, balançando a cabeça.

— O que escolheu ler para ele?

— Peguei o livro de Antoine de Saint-Exupéry.

— mostrando-lhe a capa.

— Pequeno Príncipe? Pelo amor de Deus! Não pelo livro, mas o carinha tem mais de dez anos de idade, não é?

— Como não fala, não enxerga, não pode apontar para algum exemplar, achei que ...

— Ele pode ser cego, mudo, mas não quer dizer que seja débil mental! — rebateu.

A enfermeira joga o livro em cima da mesa de madeira maltratada pelo tempo como tudo ali, e desiste da leitura.

— Por que ele não pode ver?

— Na verdade pode, mas segundo o que está no seu prontuário, a cegueira, a mudez e paralisção das pernas, foram se agregando com o tempo, psicossomáticos, entende?

— É aquele lance de que a pessoa projeta no corpo algo que feriu na alma?

— Por aí.

— E qual a história dele?

Ao ouvir a pergunta, Adrian, afugenta o olhar de seu rosto, e volta para seu vácuo permanente.

— Adrian, teria visto a esposa e o amante em sua casa. E como castigo por a ter pego em adultério, ela e o amante tentaram assassiná-lo.

— Nossa! — Marieva espantou-se. — Ele não fez nada para merecer a Casa dos Destinos. Pelo visto, ela sim, é quem deveria estar aqui.

— Pois é, a vida é deste modo, cheia de injustiças.

— Jocasta conclui enquanto passa carinhosamente a mão sobre a mão do rapaz.

— Tem muito tempo que Adrian está aqui?

— Parece que há uns quatro anos. Não responde a nenhum estímulo. Seja fisiológico ou emocional.

— E o que descrevem sobre ele? — Marieva se mostra interessada.

— Depressão profunda, tendência suicida. Acho que perdeu a vontade de viver.

Evinha revira um livro e outro. Para por alguns instantes e afirma.

— É bem provável. Entendo a dor dele. Somos as duas faces de uma mesma moeda.

Jocasta vira-se para jovem, sem entender o comentário.

— Duas faces da mesma moeda?

Eva sorri. Larga a sua procura, senta-se em cima da mesa, olha para Adrian e responde:

— Não percebeu a ironia do destino? Eu e Adrian estamos aqui pelo mesmo motivo. As pessoas que mais amávamos nos traíram sem a menor sombra ou resquício de pudor. Só que na mesma história, de um lado ele foi à vítima, e do outro, eu sou a vilã.

Jocasta sente que a moça se identifica com a

história do rapaz. E se vê na necessidade de se retratar.

— Olha, Desculpe pelo que disse no quarto aquele dia. Não deveria ter comentado algo tão íntimo de um jeito tão grosseiro e deselegante. Perdoe-me.

Ela dá os ombros e se espreguiça.

— Entendo sua reação. Estou acostumada a despertar o pior das pessoas sobre mim.

— Quero que saiba, quando desejar conversar, seja sobre o que for, pode contar comigo. Falo de coração.

Marieva volta a procurar possíveis exemplares dignos de sua ávida leitura. Jocasta a observa, depois Adrian, e não deixa de pensar lá com seus botões.

*"— Como duas pessoas tão diferentes, podem ser tão iguais?"*

## CAPITULO V

### PERCEBENDO O AMBIENTE

Os dias vão passando...

Na verdade, eles se arrastam na Casa dos destinos.

E a cada dia, sendo sol ou chuva, o local dá ares de mais nevoento, gélido e imêmore nas invenções do tempo.

Há mais infiltrações, mofos e sujeira do que antes. Conjuntura adversa para qualquer ser humano tolerar.

Em contrapartida, Jocasta e Marieva estão se entendendo cada vez mais. Adrian, ao seu modo, interage com as duas, é um ouvinte atento a todas as suas falas e confidências. Para ele, estar com elas, foi uma grandiosa válvula de escape, depois de tantos anos desamparado em sua própria imensidão de pensamentos e amarguras.

Marieva cessa a conversa por um tempo, atenta para tudo a sua volta minuciosamente. Jocasta, anseia arrumar o jovem para que seja mais apresentável e com um aspecto um pouco mais saudável. Mas, a seguir se desanima.

— Adoraria ver o Adrian reagir a qualquer estímulo. Sinto-me uma incompetente.

— Não se culpe, ele tá de boa. Cada um sabe o tamanho e intensidade da dor que carrega. Adrian vive a sua, e segue a vida.

Jocasta surpreende Evinha com uma interrogação:

— E você? Como está se sentindo aqui?

A moça solta um risada gostosa e debochada antes de responder.

— Como não poderia estar bem, neste hotel cinco estrelas? Acomodação perfeita, serviço de quarto impecável, entretenimento por todos os lados, e não vamos esquecer-nos da melhor parte: a comida, feitas pelas mãos dos mais renomados chefes de cozinha do mundo! Precisamente, todos franceses.

Ambas dão uma boa e espalhafatosa gargalhada, no entanto, a enfermeira persiste.

— É sério, como está? Fala tão pouco sobre si.

— O que acha, Jocasta? — questionou, antes de acomodar-se na mureta. — Se ponha no meu lugar, sei que tem a resposta. Não subestime minha inteligência, por favor!

NACIONAIS - ACHERON

— Ainda revoltada.

A jovem curva-se, e pega um raminho bem mole de uma planta, traz à boca, mordiscando apenas o seu início. Senta-se ao lado da acompanhante e elucida seu pensamento.

— Sabe, já estive mais. De um tempo para cá, estou começando a avaliar umas coisas. É claro que não sou hipócrita em acreditar que essa merda de clínica vai me amparar de alguma maneira. Mas, por outro lado, é melhor estar aqui, do que naquele covil de víboras que vivo. Falsidade explanada por todos os cantos, transbordando pelos poros aos baldes. — enrouquecendo o timbre da voz.

A enfermeira sente que pode ir além, talvez, pela primeira vez.

— É tão ruim assim?

Ela joga o raminho fora, e é contundente.

— É muito pior do que jamais possa imaginar.

— Em breve vai poder receber alguma carta deles, e quem sabe, não lhe enviam para outro lugar. — disse na tentativa de consolar a moça.

— Jocasta, já tinha ouvido falar na Casa dos Destinos?

— Sinceramente não. Nunca. Vim parar aqui porque estava indo para casa da minha irmã e acho que mexendo num jornal no trem, vi o classificado, me interessei, estou aqui.

— Seja franca, não acha esse ambiente bizarro demais?— Evinha espera uma rebate incisivo.

— É, tem algumas particularidades, — diz a enfermeira sem maiores comprometimentos. — entretanto, todo o lugar tem coisas que podem e as que não podem ser feitas. — frustrando todas as expectativas da paciente.

— Então é desse jeito que consegue explicar isso aqui?

— reluta. — Tem uma bordoadada de absurdos, para lá de esdrúxulos nessa joça. Não acredito que veja tudo de forma tão simplória. É revoltante!

— Mas Evinha, todos os locais têm seus processos. Isto vai desde a nossa casa, até a igreja, supermercado e clínicas. Qual o problema?

— Não estou falando de metodologias, estou falando do estrambólico, bisonho, repugnante.

— Como por exemplo?

— Desde que estou aqui, nunca vi ninguém sair dessa clínica, passar por aquele portão, que é o NACIONAIS - ACHERON



único, diga-se de passagem. Só vejo pessoas entrando. Ninguém nunca saiu!

Jocasta tenta remover a ideia conspirativa da moça.

— Evinha, isso é muito subjetivo. De repente saem, quando não estamos aqui.

A jovem determinada justifica suas suspeitas.

— Não senhora, do meu quarto fico de olho, ninguém sai, só entra. Fico me questionando, como os pacientes que recebem altas, saem daqui? E por que nenhum médico nunca veio conversar comigo, aliás, onde estão os doutores da suntuosa Casa dos Destinos?

Nervosa, Jocasta deixa escapar o pouco que detém sobre o lugar.

— Tudo que sei é que somente os superiores é que determinam a alta. E que não devo mexer no arquivo morto nem ir ao porão. — Evinha se cala imediatamente, a enfermeira nota que excedeu em sua decorrência de informações, e retoma os cuidados com Adrian.

— Como é que é? — segura o antebraço de Jocasta.

— Que história essa?

— Melhor esquecer isso Evinha, nem sei por

NACIONAIS - ACHERON

que falei sobre isso com você. Pode largar meu braço, por gentileza?

Ela o larga. E continua a encarar a enfermeira. Jocasta se sente desconfortável com o olhar inquisitivo de Evinha, não suportando a pressão e sucumbe.

— Quer parar de me encarar ?

— Jocasta... Atirou no pé, agora manca!

Vencida pela força persuasiva da garota, Jocasta senta com raiva de si, e esclarece:

— São as determinações que recebi de Raziel no primeiro dia de trabalho.

— E ainda acha isso normal? — Marieva fica revoltada diante do conformismo da moça.

— Como disse cada lugar possui suas regras, segue suas normas. — tentando se esquivar do seu olhar investigativo.

— Outra coisa intrigante, e em minha opinião, muito doida, alguns indivíduos, que vi aqui nos primeiros dias, sumiram, não os tenho visto mais.

Dessa vez, é Jocasta quem fica intrigada.

— O quê?

— Lembra-se do senhorzinho que sentava ali,

perto do bebedouro? E da moça que vivia com a boneca na mão apontando para todo mundo?

Jocasta olha metodicamente o ambiente, e responde:

— Sim, lembro.

— Pois é, já não os vejo há dias. Para onde foram, como falei, não vejo ninguém sair dessa clínica? Para onde vai essa gente?

A enfermeira retoma sua posição discreta.

— Talvez esteja encasquetando muito a cabeça com besteiras, Evinha.

A moça persiste no assunto.

— Jocasta, nós duas sabemos que posso ser qualquer coisa, mas ao contrário da maioria que está internada nesse hospício, maluca eu não sou. Minhas faculdades mentais estão perfeitas! Tem algum lance rolando aqui, sim. Queira você aceitar isso, ou não!

— Não acha que seria melhor ter ficado em um presídio comum? Acho que seria mais apropriado. — Jocasta a alfineta na tentativa de contê-la.

Evinha se cala por segundos, e com um tom de voz tristonho responde.

— Não é assim que a banda toca amiga. Não é mesmo.

— O que quer dizer com isso? — Jocasta a olha incomodada.

— Já esteve no inferno? — Evinha curva a cabeça.

— Lógico que não.

— Pois eu sim. Diria que passei minha vida inteira nele. No meu caso, entende-se pela expressão: família + dinheiro = status.

Jocasta não compreende seu raciocínio, e sacudindo levemente a cabeça, franze a testa e pergunta;

— Do que está falando?

— De mim. Minha vida é o verdadeiro inferno. Ao contrário do que pensa Jocasta, por minha vontade, teria ido para um presídio comum. E pagaria dia após dia da pena que me foi imputada, com muito prazer. Porém, a minha nobre família, para não ter que conviver com esta profunda vergonha nos anais de sua longa dinastia e honra, me mandou para esse buraco.

— Não diga isso. — Sente o pesar de ter tocado no assunto.

— Pensa que estou exagerando? Acredite, não estou. Parece jargão, mas me assemelho muito à frase: "*Pobre menina rica!*" — enquanto revolve com o pé a terra.

— Diz isso por causa do seu noivo?

A moça levanta a cabeça, sai do banco, batendo a parte traseira da calça suja pela poeira.

— Do Maurício? Não me faça rir. Ele mereceu cada bala que cravei na cara dele e daquela piranha da Patrícia.

— continua a se limpar.

Jocasta entende que é melhor calar-se.

— Não me arrependo nem um pouco do que fiz, se quer saber. Faria tudo de novo, só que com mais perfeição, assim não seria condenada por perder meu filho e levar um belo par de chifres!

Jocasta, tenta apaziguar seu ânimo.

— Evinha...

— Não precisa esconder Jocasta, sei que qualquer um que olha para mim, e isso te inclui, quando sabe o que fiz, tem uma palavra ordem na ponta da língua: Assassina! Sei disso. Mas, só quem sabe, é quem sente na pele. E quer que lhe diga mais? Nunca fui do tipo que se importa com o que pensam, falam ou acham sobre mim. Sempre

NACIONAIS - ACHERON

fiz e fui quem quis ser em toda minha existência. Dane-se o mundo! Matei sim, armei, fiz toda emboscada, usei sangue frio, planejei arditamente como fazer os dois sofrerem o máximo imaginável tudo que me fizeram padecer. Tinha que ver a cara deles! Acabei com os dois!

— Se sentiu melhor pelo que fez? — Jocasta está atônita com o relato de Evinha.

— Por que a pergunta?

— Ora, porque no fim é o que conta, ou não?

— Não sou hipócrita Jocasta, não sou mesmo. Sim, me senti sim. Não esperei a justiça de Deus, nem a do homem, executei meu código de Hamurábi. Olho por olho, dente por dente.

Jocasta está chocada com o dito por Marieva.

— Não sei como você pode ter conseguido ser tão...

— Cruel? Má? Fria?

A enfermeira se angustia com tanto ressentimento presente na jovem.

— Evinha, veja bem, não cabe à mim te julgar...

Ela para bem em frente da enfermeira, a fita dentro dos olhos e prossegue.

— Sabe qual a pior coisa em ser sincero e verdadeiro? É que as pessoas dizem que amam a verdade, desde que, você não diga à verdade que elas precisam ouvir. Que todo mundo quer te ver bem, desde que, não esteja melhor que eles. Que todo mundo quer ir para o céu, mas, ninguém quer morrer.

— Por que está dizendo essas coisas?

— Porque no fundo, o que fiz, é o que a maioria tem vontade de cometer, quando passa por uma situação dessas, mas não tem coragem. Porque os proclamadores da sociedade não permitem, é feio...Não consentem meter uma bala na cara de dois sacanas que você ama do fundo da sua alma. Porém, dão aos mesmos sacanas, o direito de te matar com uma coragem ainda maior, mais bélica e cruel. Quem realmente morreu primeiro nessa história? Quem na real, foi assassinado primeiro e de verdade? Eu ou eles? Ninguém parou para pensar que o que fiz foi reagir a uma ação atroz? Porque os dois foram os primeiros a enfiar uma estaca e cravá-la no meu peito. Mas, veja só Jocasta, nisto nem você, nem o papa, nem ninguém, parou para pensar! — Seus olhos além de marejados, concentravam uma dor angustiante.

— Evinha...

— E sabe o por quê? Porque são todos reféns de um código de ética, onde matar se restringe a pegar uma arma de fogo ou branca, um bocado de veneno, usar um carro, ou sei lá mais o quê, para tirar literalmente a vida do outro. Onde trair sua confiança, seu amor, seu respeito, sua dedicação não é matar, é no máximo ferir. Quer conduta mais hipócrita do que essa?

— Evinha... — Jocasta tenta delicadamente conter a moça.

— Eu sei que não sou flor que se cheire. Sei disso Jocasta. Mas ser má, ou ser julgada como tal, não me impede de fazer aquilo que acredito ser o certo e justo.

— Só acho, sinceramente, que nossos atos tem que no mínimo valer a pena para nós mesmos. Se acha que valeu, tudo bem. Não acredito que matar todas as pessoas que me decepcionaram, irá fazer a minha vida valer a pena. Mas cada um sabe de si. Sua alma, sua palma.

Evinha mexe nos cabelos de Jocasta, e é enfática.

— Minha vida não está melhor, entretanto, certamente, está mais limpa.

NACIONAIS - ACHERON



A enfermeira tenta sorrir, no entanto, a dureza do semblante da garota a impede. E então, ela respira, levanta e avança:

— Talvez seja bom irmos para sala de música. Chega de banho de sol por hoje. Vamos Adrian?

Evinha fica ali parada, enquanto a jovem ajeita Adrian na cadeira de rodas. E logo que saem, ela olha mais uma vez à sua volta, cerra os punhos com tanta força, que as veias dos seus braços saltam em sua pele morena. Com a mesma intensidade, uma brisa quase imperceptível passa entre seus cabelos, e por alguma razão, Evinha vai desfazendo o movimento tão árduo, e de vez, abre a mão, indo atrás de seus companheiros.

## *Entregando relatórios.*

A porta da sala se abriu sem ao menos Jocasta perceber.

Curioso, já que naquele lugar, tudo de tão velho sempre rangia incessantemente.

Era Raziel, fazia algum tempo que não se viam ou falavam. Jocasta, está terminando os primeiros relatórios a serem entregues ao seu

NACIONAIS - ACHERON

coordenador. Encontra-se um pouco aflita, sabe que segundo, o que a sua modesta experiência mostrou em sua curta caminhada na enfermagem, que não obteve grandes avanços com os dois pacientes. Teme, porque aquele emprego, fora a porta que se abrira quando menos esperava depois de um ano inteiro sem nenhuma oportunidade em sua área profissional.

— Como vamos, Jocasta? — indaga o sempre elegante homem de terno.

— Raziel! Estou tão concentrada que nem o vi entrar.

— Espero não tê-la assustado novamente. Acharia extremamente deselegante de minha parte. — confessou enquanto puxava a cadeira para sentar frente à moça.

— Imagine. — ensaia um sorriso.

Ele vai direto ao assunto.

— Então, como vão Adrian e Marieva?

— Bem, — cita apreensiva. — estou terminando o relatório de ambos. Acho que o de Marieva está um tanto quanto melhor que o de Adrian.

— Verdade? E como ela está se saindo? Ainda permanece asquerosa? — sorriu, recordando  
NACIONAIS - ACHERON

do último adjetivo dado por Jocasta sobre Marieva.

— Fui precipitada, confesso e admito. Mas ela tem uma personalidade muito...

— Autêntica.

— É, autêntica definiria bem o conceito dela.  
— prossegue. — Nunca conheci ninguém igual. Sem medo nenhum de se expor, dizer e fazer o que pensa. Ainda hoje, me falou um pouco sobre a morte do noivo. Ela me deixou sem palavras. — declarou.

— E por quê? — averiguou Raziél enquanto punha os braços sobre a cadeira.

— Por que, curiosamente, conseguiu me fazer refletir sobre outro ponto de vista da questão.  
— abandonando a caneta sobre a mesa, e entrelaçando às mãos.

— Que foi...

— Ela disse: “*Quem morreu primeiro nessa história? Quem na real foi assassinado primeiro, e de verdade?*” E isto me fez parar e analisar a maneira como colocou o assunto.

— Marieva é inteligentíssima, tem uma capacidade de argumentar e embasar bem suas razões, como poucos. E o que achou do ponto de vista dela? — Raziél, evidencia curiosidade sobre o  
NACIONAIS - ACHERON

impacto que a jovem causou sobre a enfermeira.

— Ainda creio que eliminar uma vida por traição ou por qualquer outro motivo, seja inaceitável. No entanto, tenho que aceitar, trair alguém da forma como fizeram com ela e Adrian, também é um crime hediondo. E uma espécie muito, ou tão quão desumana de tirar a vida de uma pessoa.

Raziel se dá por satisfeito mudando de assunto.

— E Adrian? O que me diz sobre ele?

— Infelizmente, não tenho obtido nenhum resultado significativo com ele até agora. — Jocasta abaixa o olhar como autopunição.

— Soube que ele ouve todas as conversas de vocês duas. É verdade?

— Lógico, sempre está conosco. E sinto que de alguma maneira, sempre está atento a tudo.

— Parabéns Jocasta! Excelente trabalho! — ele abriu um largo e belo riso.

— Como ótimo trabalho Raziel? Não consegui fazê-lo dizer um "oi" até agora?

O coordenador, endireita-se um pouco mais na cadeira, enlanguescendo os punhos da camisa,

prossegue a sua explanação.

— Vou te contar um pequeno segredo sobre Adrian, e aí saberá o quanto está evoluindo. Em todos esses anos, que está aqui conosco, nenhuma enfermeira conseguiu passar mais que uma semana com ele.

Jocasta inclina o corpo para trás, e questiona abismada:

— Por quê?

— Ele não gostava de nenhuma delas.

— E como sabe que ele gosta de mim? — cruzou os braços a espera de uma boa explicação.

— Porque quando não gostava, Adrian sempre deixou um bilhete debaixo do prato que vai para a cozinha. — Raziell retira dos bolsos vários pedaços de papel e entrega a moça.

— Leia você mesma.

A enfermeira apanha alguns daqueles bilhetinhos, e os lê como quem busca a solução de um enigma.

*"Peço que troquem minha acompanhante, incompatibilidade de gênios."*

— Sabe quanto desses Adrian mandou sobre você desde que está com ele?

Jocasta está incrédula.

— Todos esses! — pondo as mãos sobre a boca desesperadamente.

— Apenas esse. — Raziel retira do bolso outra estilha de papel.

A senhorita praticamente salta nas mãos de Raziel, com afínco em ler o que está escrito.

*"Obrigado pela acompanhante nova e a Evinha. Elas estão me fazendo muito bem."*

O rosto de Jocasta se ilumina na leitura das palavras. E é impossível não notar seus olhos marejados pela emoção. Ela olha para Raziel e não consegue emoldurar uma só expressão. Entretanto, ele tem os termos certos para a enfermeira.

— Seja lá o que for, continue, você e Marieva fazem parte do processo, sobretudo você. — tocando sutilmente a mão da enfermeira, que imediatamente, sente algo poderoso e apaziguador sair ao mesmo instante, daquele toque tão inesperado quanto rápido.

Raziel se ergue, vai até a porta, e num ato completamente impulsivo Jocasta o indaga.

— Posso perguntar uma coisa?

— Sim.

— Tenho uma curiosidade. Desde que cheguei aqui, tenho dado por falta de alguns pacientes que circulavam pelos corredores, outros nos banhos de sol, como a moça com a boneca na mão. Onde estão? Receberam altas?

Raziel sorri desta vez contidamente, mas responde a pergunta.

— Digamos que eles foram removidos para outro setor.

— Outra clínica psiquiátrica? Qual?

— Apenas removidos, Jocasta. Apenas removidos. Até logo!

Jocasta encosta o corpo relaxado na cadeira. Olha novamente para sua mão. Lembra-se do que Evinha lhe dissera, e com um semblante intrincado balbucia:

— Pois é Evinha, talvez tenha razão. Tem algo muito estranho sucedendo por aqui. Mas, o que será? O que será?

## CAPÍTULO VI

### EU SOU CEGO, NÃO MUDO.

A sala de música era um momento especial para Adrian, Evinha e Jocasta, não somente porque a adoravam, como também, a reverenciavam. Mesmo diante da apatia de Adrian, quando ali estavam, sua feição se suavizava de um jeito díspar. Uma velha vitrola que só funcionava para os saudosos discos de vinis, aquele era o único contato que possuíam para alcançar refúgio de todas as suas melancolias.

Jocasta foi à pequena pinacoteca, e buscou o que havia de melhor, não podia se negar que os clássicos da humanidade estavam ali, isto era fácil deparar-se, desde "quatro primaveras" de Vivaldi, "asa branca" Luiz Gonzaga e os Beatles. Jocasta, optou pelo último da lista, "Twist & shout", logo que posicionou a decrepita vitrola, correu para empolgação de Adrian.

— O nobre cavalheiro me daria à honra desta dança? — estica uma das mãos para o rapaz, que esboça um inicial e leve sorriso.

— Muito bem, Adrian! O que me diz disso? — ela segura nas duas mãos do paciente, e começa

NACIONAIS - ACHERON



se sacudindo no ritmo da banda londrina. Entusiasmada, gira com ele na cadeira.

Enfim, é possível ouvir o barulho de seu sorriso.

Era verdade. Adrian sabia sorrir.

Atrevida, projetou-se em cima da mesa, apanhando um espanador, certamente aposentado, já que era notória a poeira por toda a sala.

O rapaz ri um pouco mais, com a traquinagem de sua desengonçada enfermeira, que chacoalha os cabelos ensandecidamente de um lado para outro num louco frenesi. Enquanto esfrega as solas de suas sapatilhas de uma ponta até a outra da bancada.

— Cavalheiro, importa-se de segurar minha varinha de condão enquanto faço aquela abobora ali virar uma bela carruagem? — se referindo a Evinha que estava completamente desmotivada e abatida, jogada no canto da sala.

Adrian segura o espanador, e então observa Jocasta aproximar-se da moça.

— Um doce pelos seus pensamentos, topa?  
— embarrando-a com o ombro.

— Meus pensamentos são tão amargos que nem todo mel do mundo poderia adoçá-los. —  
NACIONAIS - ACHERON

# PERIGOSAS

responde o furacão aparentemente adormecido.

— O que houve Evinha? De nós três, é sempre quem mais curte a sala de música. Parece que está em outra dimensão.

— How can I go on?

Jocasta, sorri.

— Desculpe, sempre fugi das aulas de inglês para beijar na boca. — graceja.

Evinha não consegue encobrir o descontentamento. Contudo, continua.

— Freddie Mercury e Montserrat Caballé, comoveram o mundo com a letra dessa música. How can I go on? Como posso continuar?

— O que diz a letra? — perguntou a enfermeira, interessada.

— Como posso continuar esse caminho...

Quando todo o sal é tirado do mar

Me sinto destronado.

Estou nu e sangrando,

Mas quando você aponta seu dedo de maneira tão agressiva,

Existe alguém pra acreditar em mim?

Para ouvir meu apelo e cuidar de mim?

Como posso continuar?

NACIONAIS - ACHERON

# PERIGOSAS

Dia após dia,  
Quem pode me fortalecer em todos os  
sentidos?

Onde posso estar seguro?  
Aonde pertenço?  
Nesse enorme mundo de tristeza  
Como posso esquecer?  
Aqueles lindos sonhos que compartilhamos,  
Eles estão perdidos e não consigo achá-los!  
Como posso continuar?

Às vezes eu tremo no escuro  
Não consigo ver,  
Quando as pessoas me assustam  
Tento me esconder longe da multidão,  
Tem alguém aí pra me confortar?  
Senhor...cuide de mim!  
Como posso continuar?

A enfermeira vê que Evinha encontra-se em  
mais uma de suas batalhas interiores. Sabe, que no  
geral, elas sempre são intensas, dolorosas e  
dilacerantes, o que era arduamente pior.

Julgando-a já naquela altura, além de uma

NACIONAIS - ACHERON

paciente, e sim, uma amiga, oferece o que tem de mais genuíno.

— Também não faço ideia de como se pode continuar Evinha. Mas, se um mero abraço puder protegê-la de alguma forma...

Marieva lhe fita com os olhos quase gotejando. Mordisca os lábios, e acena com a cabeça um sim. Jocasta se ergue, e a envolve docemente em seus braços ,pondo sua cabeça sobre seu ombro.

E foi então, que a garota rebelde de posicionamento firme e estarrecedor, simplesmente caiu em prantos em seu colo, como apenas, uma pobre e mera mortal.

— Como posso continuar? Fui esquecida neste fim de mundo. Como puderam fazer isso comigo? — soluça tentando conter as lágrimas que caem obstinadas de sua face.

— Não sabemos hoje, mas tenho certeza de que vamos encontrar um jeito de continuar. Prometo isso a você. Confie em mim. Pode estar certa de uma coisa: Você não está sozinha. Tem à mim e Adrian. Enquanto estivermos aqui, seremos sempre um só. — ela acalenta os cabelos da amiga.

O momento se estende por mais alguns  
NACIONAIS - ACHERON

minutos.

Intensos minutos.

Quando ao longe, Jocasta escuta uma voz.

— É só não desistirmos.

A acompanhante ignora a voz funda, que se faz mais firme repetindo o que dissera.

— É só não desistirmos.

No ímpeto, replica:

— Eu sei Adrian. Nós não iremos desistir.

Nós...

É quando se dá conta do que acabara de dizer. As duas se entreolham, e juntas direcionam seus olhares para o rapaz.

— Adrian? — pergunta Marieva, abeira-se à cadeira dele.

— Você falou? — indaga Jocasta maravilhada.

Ele meneia com a cabeça e empina o velho espanador como um microfone, e conclui.

— Por que o espanto meninas? Como diz Evinha, estou cego, não mudo. E nem cego me sinto mais, começo a ver vultos, e ensaio algumas cores.

Impressionadas, elas o agarram com imensa

ferocidade .

E celebram aquele momento mágico. Os três, juntos, em plena Casa dos Destinos.

Após quase uma hora de ser bombardeado pelas duas com tantas perguntas, Jocasta se afasta um pouco, a fim de procurar outra melodia. È quando Evinha volta a se inquietar a uma antiga sensação.

— Sempre que olho para você ,Adrian, tenho a impressão que te conheço de algum lugar. Mas não consigo me lembrar de onde. De onde nos conhecemos?

— Isso é bom. Porque também tenho a mesma sensação em relação a você. Mesmo sem poder ver seu rosto detalhadamente, sei que posso descrevê-lo nos mínimos detalhes. Seu rosto é uma pintura que não saí do meu consciente.

— Destino ou mera coincidência? — Brinca.

Ele eleva uma das mãos tentando tocar-lhe a face, e contesta:

— Coincidência foi uma palavra que Deus inventou, para não ter que justificar o tempo todo o quanto Ele cuida de nós.

E enquanto sua mão roça seu rosto, Evinha fecha os olhos, e tenta eternizar aquela ocasião,  
NACIONAIS - ACHERON

para sempre em sua linha do tempo.

Havia um emblema.

Um emblema negro.

Os três estão voltando alegres como passarinhos da sala de música. E ao passar pelo saguão principal da clínica, um enfermeiro vem chamar Jocasta para ir à recepção. Marieva senta num sofá acabado e rasgado e Adrian está ao seu lado. Ela observa com atenção um emblema imenso que há no rol do hospital. Um símbolo enigmático e nebuloso. Decide indagar o amigo sobre o emblema.

— Adrian, você que está há mais tempo aqui, o que significa aquele emblema gigantesco e horroroso na parede?

Ele retorce um pouco o maxilar, e fala o que sabe sobre o assunto.

— Não sei o significado. Mas sei que toda vez que alguém está para receber alta, ganha um envelope com aquele emblema impresso com uma única frase dentro.

Bastou.

O bichinho do alerta vermelho se acende mais uma vez na moça.

— Que frase?

— *“Todos que estiveram na Casa dos Destinos é porque em algum momento de suas vidas, fizeram uma escolha que lhes trouxe exatamente aqui.”*

— Tenso, muito tenso! E como conhece isso?

— Antes, quando cheguei aqui, dividia o quarto com outros dois rapazes, não nos falávamos, corrigindo, eu não falava. E todos dois, sem exceção, receberam a tal carta. Leram a mesma frase. E no outro dia, meramente tinham ido embora. Um, depois o outro, somente eu restei.

Evinha fica ainda mais curiosa com a novidade.

— Deixa ver se entendi direito. O que está expondo é que os pacientes que irão ter alta, são avisados através do recebimento desta carta, com esse brasão horripilante, e com essa frase de traseira de carro funerário?

Ele pensa um pouco, e reafirma.

— Isso mesmo.

— Quando digo, esse lugar é uma bizarrice só! Adrian, por acaso, sabe onde fica o arquivo morto ?



O rapaz reflete outra vez.

— É melhor ficar longe de lá, Evinha. —  
responde com firmeza.

— Por que diz isso? O que sabe a respeito?  
— deixando-a ainda mais salivante.

— Os funcionários daqui não gostam nem de  
tocar nesse assunto. Esqueça isso!

— Mas sabe onde é? — Insiste.

— Sei, isso sei.

— Pois irá me levar até lá!

Adrian, demove a ideia de imediato.

— Não, não senhora! Não podemos ir até lá.  
Além de longe, é arriscado demais.

— Adrian, não sei quanto a você. Mas não  
pretendo ficar nesse mausoléu, a espera de uma  
carta, que eu nem sei para onde vai me levar! Se  
não quiser tudo bem, mas irei, com ou sem sua  
ajuda.

— Pare com esse assunto. Jocasta, está  
voltando. — Ele se recompõe.

— Então, próxima parada é o refeitório.  
Quem vai?

Adrian tenta despistar o clima que ficou no  
rosto de Evinha, que não tira os olhos do emblema.

— O que queriam com você, Jocasta?

— Nada demais. — responde sem nada perceber.

— Coisas de praxe. Vamos Evinha?

Enfeitiçada pelo símbolo, ela diz a amiga.

— Ah...vamos. Pensando bem, podem ir, sigo vocês.

Jocasta empurra a cadeira de Adrian, enquanto Marieva, para justamente em frente ao grande brasão, e o estuda em detalhes.

A intriga em seu semblante é notório, quase berrante.

Examina minúcia por minúcia.

Neste instante Raziél surge, e a aborda com a cordialidade que lhe é peculiar.

— Como vai, Marieva?

Desconfiada, replica.

— Vai tudo bem.

— Vejo que nosso emblema chamou a sua atenção.

— Para falar a verdade, o acho bastante esquisito, diga-se de passagem, como muitas outras coisas por aqui, senhor... — ela o faz lembrar de que ainda não haviam sido apresentados.

— Ah, perdoe-me. Raziel, meu nome é Raziel.

— Raziel? — encarando com mais desconfiança. — Olha só, mais uma particularidade. Os seguranças do portão são Hariel e Mikael, e a tiazinha da cozinha é Luviah. E outro dia, descobri que o rapaz que limpa o pátio se chama Elemiah, Não é isso?

— Vejo que decorou alguns nomes. Isso é muito bom, geralmente os pacientes só se recordam das nossas funções por aqui.

Ela vai além.

— Pois é... Raziel, Hariel, Luviah, Mikael, Elemiah. Sempre achei a cabala fascinante, especialmente, por dar os significados específicos dos nomes de cada anjo.

Raziel não esconde a surpresa cometida pela sagacidade da mocinha.

— Está coberta de razão. São todos nomes de anjos.

— Curioso, não? — comenta. — Qual a probabilidade de num ambiente tão pequeno, agrupar tantas pessoas com nomes celestiais? — instigando a afronta.

— Acho melhor acompanhar Jocasta e

NACIONAIS - ACHERON

Adrian. Assim irá se atrasar para o jantar. — Tentando de uma forma um tanto ríspida, cortar o assunto.

— Está correto. Com licença. — antes de sair completamente do saguão, retorna com uma informação, ainda mais persuasiva. — "*Deus é a minha visão*", não é esse a definição do seu nome?

Ele tão somente confirma com a cabeça enquanto lhe aponta o caminho para o refeitório.

— Lehitra'ot! — ela se despediu. Uma expressão hebraica que tem como significado "até logo".

Raziel a acompanha atentamente até que saia do saguão. Um dos seguranças, aproxima-se dele com extrema discrição.

— Algum problema com Marieva, Raziel?

Ele se inclina suavemente para o lado do segurança e faz as seguintes recomendações.

— A mocinha é muito mais sagaz do que presumi. Avise os demais. Temos que ter cuidado com cada passo que dermos daqui para frente. Eles não podem descobrir a verdade antes do tempo prescrito. Principalmente ela.

O rapaz entende a ordem, e acata com discrição.

NACIONAIS - ACHERON

— Pode deixar, farei isso agora mesmo.

O segurança se afasta, e Raziel permanece ali observando o emblema na grande parede da entrada da Casa dos Destinos.

## *Especulações da problemática.*

Já haviam passado alongados minutos, quando Evinha apontou esbaforida na porta do refeitório acenando para os dois, cá acomodados tomando o ralo chá de sempre. Adrian, atualmente, consegue com as próprias mãos, um pouco trêmulas, levar até a boca, algumas talagadas. Jocasta, feliz, bate com delicadeza em suas costas, como um sinal de orgulho da atitude do jovem.

— Onde estava, Evinha? Olhei para trás e não a vi!

— Perguntou Jocasta curiosa pelo breve sumiço da paciente.

— Tive uma pequena troca de palavras com Raziel.

— Sentando-se no meio dos dois afim de cochichar o que descobrira sobre o coordenador.

— Então o conheceu? Ele é um amor de pessoa. Sempre muito solícito, pelo menos comigo.

— Antecipou Jocasta antes de qualquer comentário

NACIONAIS - ACHERON

controverso.

— Muito reservado, na maioria das vezes. — explicou Adrian logo que colocou a xícara sobre a mesa.

— Sobre o que conversaram? — Indagou a enfermeira.

— Jocasta, o que sabe sobre Bíblia, cabala ou angelologia?

Estranhando a pergunta, rebate:

— Bíblia sei um pouco, vim de família católica. Agora cabala e essa tal Ângelo... Não faço ideia. Por quê?

— A cabala é uma sabedoria que estuda a ação divina sobre nossas vidas. Angelologia é a ciência que estuda os anjos. — Adrian explana de imediato seu conhecimento geral sobre os assuntos.

— Vejo que Adrian fez o dever de casa. — brinca Marieva. Deixando Jocasta irritada enquanto trocam doces sorrisos.

— Será que um dos dois sabidinhos, podem esclarecer sobre o que estão falando?

— Calma Jô! Assim vou ter que emprestar minha camisa de força pra você, quer? — Evinha não deixa passar a piada com a amiga.

— Engraçadinha! — Vira-se chateada levando à caneca a boca.

— Você não presta atenção em nada mesmo à sua volta, não é Jô?

— Evinha, é o jeito dela. — conserta Adrian.

A enfermeira volta o corpo para o lado novamente, e num tom mais inquisidor dispara.

— Afinal de contas, sobre o que falam?

Marieva, sai de entre os dois, sobe e senta-se na mesa.

— Raziel, Mikael, Hariel, Luviah...

— São os nomes de algumas pessoas daqui, e daí, o que tem demais? — Ainda não entendendo a colocação da amiga.

— São todos nomes de anjos. — pisca simultaneamente com um dos olhos, num tom claro de puro deboche.

— É sério? — Ela olha para Adrian em busca de uma confirmação plausível.

Evinha nem espera a retorno do rapaz, e se antecede.

— Seríssimo!

—Evinha, uma, pode ser uma simples coincidência!

O bastante para que a moça subisse nas tamancas.

— Acha coincidência estarmos num lugar esquecido pela humanidade, caindo aos pedaços, de onde ninguém sai, só entra esquisitices por todos os lados, funcionários com nomes angelicais, onde servem todos os dias, em todas as refeições sempre o mesmo chá ralo, e esta sopa deplorável?

— Fale baixo Evinha.- sussurra Jocasta.

— Se não o quê, Jocasta? Vão me levar para solitária?

— aumentando mais o tom da voz, e depressa sobe literalmente em cima da mesa com as mãos na cintura.

Adrian, tenta contê-la:

— Jocasta tem razão Evinha. Não é hora de chamar atenção sobre estas questões. Outra hora conversamos sobre isso, de maneira mais reservada. Desça daí, por favor.

— Quer saber de uma coisa? — se enfurece de vez. — Se existem fulanos que realmente merecem estar aqui, são vocês dois! São dois patetas, que aceitam tudo que lhe dizem. Para mim, chega! Eu vou embora desse muquifo e quero ver quem me segura aqui, ou não me chamo Evinha

NACIONAIS - ACHERON



Rondan Palhares!

— Evinha... — Jocasta implora.

— Não faça isso! — Adrian retruca.

— Passar bem!

A moça pula num salto só da mesa, e rompe direto para a recepção. Jocasta e Adrian não sabem o que fazer diante da galopante reação da amiga. Decidem segui-la com a intenção de impedi-la de alguma sandice. A enfermeira rapidamente o coloca na cadeira de rodas, e o empurra até a entrada. Assim que chegam, constatam que Marieva já está chegando à guarita da Clínica. Jocasta se desespera:

— Ai meu Deus, é agora!

A enfermeira resolve deixar Adrian ali, e desatina a fim de conseguir impedi-la de qualquer jeito, tamanho ato impensado. Entretanto, Marieva está fora de si.

— Anda! Abra essa merda de portão, imediatamente! Eu vou sair daqui! — esmurrando com as mãos os enormes portões de ferro. — Vamos, abram isto já!

Os dois homens, Harriel e Mikael saem da guarita e tentam apaziguar a situação.

— Senhorita , acalme-se! — diz Harriel

— Ficar nervosa não vai adiantar em nada!  
— Mikael tenta chegar mais perto dela.

— Nervosa? Vocês ainda não me viram nervosa. Abram esse portão imediatamente! — ela está determinada a sair da Casa dos Destinos de qualquer jeito.

— Sinto muito senhorita Marieva, mas não podemos fazer isso. Não temos ordens para deixá-la sair da Casa dos Destinos! — tenta explicar em vão, Harriel.

— Ordem? Vocês querem uma ordem? — fala mansamente. — Pois vou arrumar uma! — dispara.

Olha a seu redor, vê uma barra de ferro jogada no chão. Marieva a apanha, e tomada de fúria começa a esmurrar os portões da clínica.

— Queriam uma ordem? Essa serve? — erguendo a barra. — Ou precisam de outra? — esmurrando o portão com a força das suas entranhas.

Jocasta, não sabe o que fazer, desorientada grita:

— Saia já daí, Evinha! Largue essa barra, pelo amor de Deus!

Harriel comenta com a enfermeira:  
NACIONAIS - ACHERON

— Posso estar enganado, mas a sua atitude, me faz acreditar que ela quer sair daqui a qualquer preço.

— É, a preço do meu emprego! Evinha! — correndo em direção à jovem surtada. — Pelos céus, criatura! Pense no que está fazendo!

Harriel também a ajuda.

— Senhorita, ouça a sua acompanhante, isso não irá levar a nada!

— Tente segurar a fera, Harriel, vou avisar o Raziel pelo comunicador. — Mikael volta para guarita.

Evinha esmurra os portões com uma força descomunal. Tem o jeito de se aliviar de todas suas frustrações por ter sido enviada para Casa dos Destinos.

— Abram! Agora, imediatamente! Se não vou derrubar essa merda! Ponho isso no chão!

Durante o contratempo Mikael volta com o semblante fechado da guarita. É fato que tem uma ordem a cumprir.

— Raziel nos mandou adotar o código seis! — Grita enérgico. — Vamos imobiliza-la!

Harriel se choca com a determinação, e

contesta:

— Código seis? Tem certeza, Mikael?

— E o que é esse código seis? — replica Jocasta por desconhecer o procedimento.

— Temos que executá-lo Harriel. É uma ordem direta e expressa! — enfatiza com o rosto tenso.

Quando nota que Harriel acata as palavras de Mikael, a enfermeira, tenta se contrapor:

— Espere aí, o que irão fazer com ela? Sou a responsável por Marieva, tenho direito de saber!

— Então, nos ajude a segurar sua paciente, Jocasta!

— ordena Mikael, usando de certa truculência.

— Não, até que me expliquem o que é esse tal código seis! — Mantendo-se firme a frente de Mikael.

— Obedeça mulher, é tudo que pode fazer! — ele diz.

Jocasta encara Harriel na esperança de obter seu apoio, entretanto, ele acena a cabeça e a faz entender que precisa acatar a ordem designada. Mikael vai até a cabina, apanha uma seringa, coloca um liquido de cor azulada e espessa. Vai até

Jocasta e lhe dá a instrução.

— Assim que a dominarmos, aplique isto nela.

— Que medicação é essa?

— Somente aplique Jocasta, entendeu? — Mikael é veemente em seus termos, sem deixar o mínimo rastro de dúvida do que espera dela.

A enfermeira consente de maneira positiva, porém inconformada. Os dois homens partem para cima de Marieva de maneira ostensiva e bárbara. A jogam no chão, ela se debate enquanto pode. Tenta se livrar de ambos a qualquer custo. Mas é impossível, dado a enorme desvantagem de força e estatura dos seguranças. Aos berros, diz:

— Me soltem! Me larguem! Tirem as mãos de mim!

Harriel consegue retirar de suas mãos a barra de ferro e joga longe.

— Senhorita, é para seu próprio bem! Desculpe!

— ressalta Mikael enquanto a imobiliza com o rosto junto ao chão.

— Ande Jocasta, não temos muito tempo! — alerta Harriel a enfermeira, que parece não acreditar na cena que está diante de seus olhos.

NACIONAIS - ACHERON

— Não Jocasta! Não, faça isso comigo! Não aplique isso, por favor! Ajude-me! Não entende o que estão fazendo? Por favor, Jocasta! — Implora a moça enquanto a terra e sua saliva se juntam no céu de sua boca.

Jocasta hesita por um momento.

— Deve haver outro jeito...

— Vamos Jocasta. Aplique isso, mulher! É uma ordem direta, não entendeu isso ainda? Não discuta, obedeça!

— Mikael fica irritado com o embaraço da enfermeira.

Jocasta não esconde as lágrimas que rolam sobre seu rosto, obedece aplicando a tal substância em Marieva. Em questão de minutos a garota desfalece. Mikael e Harriel a elevam e a transportam. Jocasta tenta tirar maiores informações.

— Para onde vão levá-la?

Raziel surge inexplicavelmente, e se põe a dianteira de sua subalterna.

— Jocasta! Pare!

Ela acata Raziel. Seca as lágrimas. Tenta se acalmar, e o pede explicações.

— Para onde a estão levando?

Sucinto nas palavras, e apenas cita.

— Deixe que a leve. Marieva precisa se acalmar.

— Mas, para onde irá? Não era necessário tudo isso! Uma boa conversa a faria desistir e jogar a barra de ferro no chão.

— ela contraria o modo violento da abordagem.

— Seu papel aqui não é discutir procedimentos adotados por seus superiores, Jocasta. É melhor que volte a cuidar de Adrian, pelo menos dele, tenho a ideia que dá conta.

Ofendida pela rispidez de Raziel, ela se curva e faz mais uma pergunta antes de voltar a cuidar de Adrian.

— Quem vai cuidar dela?

— No momento certo, Marieva estará de volta. Passar bem.

Raziel a deixa ali, e retorna para dentro da clínica. Jocasta desaba, e difícilimo não se atribuir a falha para com Marieva. Desolada, recebe o conforto da mão de Adrian sobre sua cabeça. Por um instante, só o silêncio os encobre durante um breve abraço. Ela respira um pouco, acomoda-se em um dos degraus da escadaria da entrada. Adrian

NACIONAIS - ACHERON

a segue em sua cadeira. E agora ,arrisca consolar a amiga.

— Fique calma, Jô. Vai ficar tudo bem.

— Nem sei para onde a levaram, Adrian. Não faço ideia. Não quiseram me dizer nada.

— Não se preocupe, ela só precisa se sossegar um pouco. Logo, estará aqui conosco. Os três, unidos novamente.

— enseja um curto sorriso.

— Sabe, estou acostumada a lidar com esse tipo de situação em minha profissão. Posso lhe assegurar, não era necessário. Ela só estava apreensiva, ansiosa, não estava pondo ninguém em risco, nem ela mesma. Por que tamanha agressividade?

— Vamos ter paciência. Precisamos nos manter serenos, o máximo possível. Aqui, somos um pelo outro. — ele tenta achar a sombra da mão da jovem.

— Sinto que a culpa foi minha, Adrian.

— De forma alguma! Não pense nisto! Evinha jamais permitiria que pensasse por um segundo, em tal possibilidade.

—Alguma vez, viu alguém ser tratado assim aqui?

NACIONAIS - ACHERON



— Jocasta espera uma por uma, a resposta que embase o que presenciou, e que justifique de modo admissível, o procedimento autorizado por Raziel. Contudo, Adrian é enfático em sua resposta:

— Não. Nunca.

Ela se levanta dos degraus, pondo uma mão sobre a testa e a outra na cintura.

— Não consigo entender.

— Por isso, confesso, começo a pensar nos questionamentos ora tão absurdos de Evinha. Seriam mesmo tão incoerentes? — Olha para entrada, a espera de que um dos seguranças retornassem com alguma notícia sobre a moça.

— Onde quer chegar, Adrian?

— Me pergunto se esses pensamentos de Evinha, sobre a Casa dos Destinos, essa falta de comunicação com nossos familiares, a comida, as pessoas que sempre chegam, mas que nunca vimos partir, os nomes dos anjos. — ele busca atenção da enfermeira e consegue. — Sei, parece loucura, no entanto, diante do modo como a trataram... Fico pensando, não seria um jeito de fazê-la se calar?

Jocasta se assusta com a colocação do rapaz.

— Acredita nesta possibilidade? Retaliação?

— Não sei Jocasta. Mas estou abrindo caminho à considerar. — ele remexe os dedos, e não esconde a emoção.

— Ei! Quê isso? Não, não fique assim, Adrian. Temos que descobrir, e vamos descobrir para onde a levaram. Prometo isso a você!

A jovem enfermeira se apieda da dor do amigo porque aquela também é a sua. Procura imaginar por onde pode começar a tal busca por Marieva. Em seus pensamentos, tenta traçar métodos, jeitos, metas, mas, Jocasta sempre esbarra na falta de conhecimento sobre o local. Sobre o que de verdade, sabe sobre *A Casa dos Destinos*.

## CÁPITULO VII

### HORA DE DORMIR.

A noite cai, trazendo consigo, a falta de informações sobre Marieva. Jocasta, está terminando de acomodar o amigo em sua cama. É visível seu abatimento e desgosto. Ele por sua vez, em seu silêncio, e com a visão mais aclarada, não deixa de reparar a acompanhante em sua dor interna.

Mistura de culpa e incompetência.

— De jeito algum deveria ficar tão triste, minha amiga.

— ele sussurra na expectativa de lhe confortar.

— Não consigo para de pensar nela. Nem no que poderia ter feito para impedir, e não fiz.

— Por que não havia nada que pudesse fazer, ponto. No fundo Jocasta, você é tão limitada quanto eu e Evinha somos.

Jocasta para num baque e reflete sobre a última frase do amigo.

— É verdade. Tem razão. Aqui sou tão limitada quanto vocês dois! — levando a mão sobre o lábio inferior, como quem acabara de conceber

uma ideia.

— Por que o espanto?

— Porque não deveria Adrian. Sou uma enfermeira, não uma paciente. Quando cheguei aqui, Raziel me falou sobre todas as regras da clínica, avisou para nunca me aproximar do arquivo morto ou do porão. E que as altas, eram avaliadas pelos superiores. Mas, se sou uma funcionária, por que não sei sobre o código seis?

— Pode ser que tenha esquecido. — especulou.

— Não, não, não! Jamais esqueço dos regulamentos dos locais onde trabalho. E outra coisa me chama atenção... — os pensamentos ecoam na mente da samaritana.

— Seria?

— Se o coordenador, os seguranças, faxineiros, recepcionistas, possuem nomes de anjos, por que eu não, se sou uma agregada como eles?

— Também crê que a história dos nomes faz sentido?

— Adrian está abismado com elucidações da amiga.

— Agora sim. — senta-se de novo na cama, e  
NACIONAIS - ACHERON

refaz a rota com as mãos. — Conheci alguns deles, Mahasiah é uma enfermeira, Keliel o rapaz que cuida dos banheiros. Admito que achei os nomes esquisitos, diferentes. Não concebi que eram nomes de querubins. — levanta o dedo para o rosto de Adrian. — Por que só o meu, não é? Não tinha pensado sobre este aspecto. — retendo o indicador novamente. — E ainda tem outro pormenor, Evinha desconhece, mas atinei, entretanto, me mantive calada.

— Estou começando a ter medo é de você! — comentou Adrian, esbugalhando os olhos. — O que sabe?

— Até o presente momento não conheci, tampouco fui apresentada a qualquer médico. Como pode ser isto? Médicos e enfermeiras interagem o tempo inteiro seja num hospital, clínica ou emergência. Isto além de muito anormal, é inaceitável! Que lugar é este?

— Noto que as supostas descobertas de Evinha, além de dominarem a sua e a mente dela, não satisfeitas, estão se espalhando por outra. — sorriu comedido.

— A sua não? — Jocasta o coloca contra a parede.

— Olha Jô, a Casa dos Destinos é um lugar atípico. Compreendi o fato, no primeiro minuto que botei os pés aqui. Mas, depois do que me ocorreu, meu interesse pela vida se tornou tão ínfimo que nunca dei importância ao caso. De certa maneira, passou a ser um lar para mim.

— Mas e agora, Adrian? Ainda não se importa? — seu tom de voz exige dele uma posição.

— Atualmente, — olhando-a agradecido. — tudo o que mais quero é poder ter você e a Evinha comigo. Permaneceremos juntos. Sou grato à você eternamente, pelo carinho como me tratou, como cuida de mim. E a ela...

— procura olhar num ponto invisível. — devo essa vontade de reviver, embora sem saber se isso será algum dia permitido.

Evinha me trouxe alegria em respirar. Tão somente, pelo simples fato de saber que posso respirar sem medo outra vez.

Eles se alcançam num olhar.

— Sugiro descansarmos Adrian, porque amanhã, nem que seja a última coisa que faça, irei revirar canto por canto desta clínica. E te prometo. — aperta-lhe o queixo. — Irei encontrá-la.

— Boa noite minha amiga.

Quando a enfermeira já ia saindo, ele a chama:

— Psiu!

— Diga.

— No fim tudo dará certo.

Ela apoia a cabeça contra a porta sem esconder um quê de desolação e questiona:

— E se não der?

— É porque ainda não chegou o fim. Fernando Sabino. Ela ficará bem.

Jocasta apaga a luz.

E o olhar de Adrian, fica entregue para a lua clara, que invade todo seu quarto com toda veemência e amabilidade que lhe é peculiar.

*Por que não?*

Logo que fecha a porta do quarto de Adrian, Jocasta cessa por alguns instantes. Ela chora calada, e em seu coração pede que Deus, a ajude de alguma maneira, achar a amiga.

Devido o seu afastamento com o ser divino, imediatamente, chora, por acreditar que Ele não tem motivos para ouvir ou acatar nenhum de seus

pedidos.

De repente, um lenço de papel aparece em seu ombro direito. Ela se assusta com o objeto, e quando se vira, se depara com Azrael, outro enfermeiro, de sorriso fácil, bonachão e senhor de um olhar muito doce e terno.

— Nossa Azrael, você me deu um baita susto! — leva a mão ao peito.

— Desculpe amada, mas estava passando e ouvi o seu pranto. Pensei em ajudar. Pode me dar um minuto?

— Agradeço sua gentileza. — mostrando o lenço de papel. — já ia me recolher, Azrael. Estou um pouco cansada, tive um dia difícil, se não se importar, podemos conversar em outro momento?

Ele cochicha quase em forma de gemido.

— É sobre Marieva. — Então a enfermeira se recompõe imediatamente segurando-o pelo punho.

— Sabe para onde a levaram? Se souber de algo, me conte por favor, Azrael!

— Não faça alarde. Fique quieta e acompanhe meus passos, vou levá-la até Marieva. Mas não faça barulho, mantenha a calma, está bem?



— Tem a minha palavra. — beijando os dois dedos em forma de cruz.

Peregrinaram por diversos corredores. Muitas entradas e saídas que confundiram Jocasta. Ela tem certeza que jamais estivera naquela parte da Casa dos Destinos.

E que o recinto parece ser ainda maior ,do que visto de fora.

Por fim, chegam a uma passagem muito estreita e escura. Azrael apanha um acanhado candelabro para iluminar o ambiente hostil. No fundo, há uma pequena porta de ferro. Sem maçanetas, é muito fácil notar que a porta só pode ser aberta por dentro.

— A porta não está trancada? — ela observa o detalhe.

— Não, não está. Só deste modo, Marieva poderá sair, ela tem que transfixa-la sozinha. A porta apenas poderá ser aberta por quem está dentro do quarto do perdão.

— Quarto do perdão? — Jocasta não faz ideia do que seja aquilo.

— Marieva foi trazida para cá, não para ser punida, e sim, auxiliada em seu processo, Jocasta. Faz parte do seu tratamento. Foi uma determinação

NACIONAIS - ACHERON

clara de nossos superiores. É preciso que você entenda isso para melhor ajuda-la.

— Não entendo. Por que o nome desta sala chama-se "*quarto do perdão*"? É por que vão perdoá-la pelo o que fez? Pela maneira como se comportou? E como isto faz parte do seu tratamento, se como sua enfermeira, não fui sequer avisada?

Azrael não deu maiores explicações, somente, enfatizou:

— Entre! Não há tempo para responder suas perguntas, ainda que pertinentes. Não demore, ela não tem muito tempo.

— Mas Azrael... Como, não tem muito tempo? Do que está falando? Não compreendo nada!

— Lembre-se: — ressalta. — É Marieva quem tem de abrir a porta e sair sozinha. Se não conseguir compreender porque veio parar aqui, receio que talvez você não a verá mais. Precisa ajudar sua amiga, Jocasta. Vá! Não perca mais um segundo!

Enquanto caminha pelo corredor escuro e estreito, a figura de Azrael gesticulando com as mãos para que a enfermeira prossiga vai

NACIONAIS - ACHERON

desaparecendo. Mesmo sem entender o que o enfermeiro queria dizer, prossegue o encurtado trajeto. Para em frente à porta, e com um leve toque dos dedos a empurra. Que vai se abrindo lentamente.

Lá dentro, há mais escuridão. O pequeno aposento é ainda mais abafado, úmido e fétido que todo o restante da clínica.

Um odor insuportável lhe traz quase o vômito. Há muita imundície e entulhos, todavia, nada detalhadamente possui contorno. Jocasta balbucia.

— Evinha? Evinha? Pode me ouvir?

No canto direito uma voz funda a responde.

— Jocasta! É você? Estou aqui. — Um barulho emana do lado contrário. Jocasta alumia, porém, não há nada lá. Então, torna para o lado onde ouviu a voz e consegue chegar até Marieva com muita dificuldade. Vai Tateando pelas paredes, até tropeçar na moça que está no chão.

— Evinha, graças a Deus! — elas se abraçam. — Que bom te encontrar! Meu Deus, que bom ter te achado! Não sabe como fiquei por ter a perdido! — beijando a fronte.

— Fico aliviada em ver ser rosto outra vez.

— A jovem está completamente tomada pela emoção.

— Desculpe! Mil desculpas! Não pude evitar tudo aquilo. Sinto-me um lixo por isso.

— Não há do que desculpar. O que poderia fazer naquela hora? O que importa, é quando pode, fez. Esta aqui. Veio me encontrar. — Marieva roça o dorso de uma das mãos no rosto da enfermeira.

— Jamais sossegaria antes de saber para onde a tinham movido. Não tem ideia de como essa noite seria de tamanha aflição. Nem mesmo sei como a encontraria.

— E o Adrian? Como ele está?

— Confiante, mas abatido em estar longe de você. Somos dois bobões sem sua palhaça encantada! — elas gracejam.

— Vocês são muito importantes para mim, de verdade. Mas, como me descobriu aqui?

— Na verdade não achei, Azrael me trouxe aqui assim que saí do quarto de Adrian.

— Azrael? — Desconfia.

— Sim, ele é outro enfermeiro que trabalha aqui também. Foi assim que pude chegar até você, até o quarto do perdão.

— Ah, então é desse modo que o intitulam ?

— Parece que sim. Azrael me falou que não tinha muito tempo. Que devia te ajudar a sair daqui o quanto antes. Por que não abriu a porta, Evinha?

— Mas como Jocasta, se estava fechada desde da hora que acordei?

— Não, não! A porta só pode ser aberta por dentro, e olhe, — tenta iluminar a tranca. — a chave está na maçaneta. Poderia ter saído. Por que não saiu?

— Nem sabia onde me colocaram. E sei que pode parecer demência o que vou dizer, mas já estava me acostumando a esse quarto. Alguma coisa aqui me faz sentir confortável. — Ela olha tudo a sua volta.

— O quê? A esse cômodo? A essa sujeira? A essa escuridão? Você enlouqueceu? Nem um animal conseguiria viver aqui!

— Um animal não, no entanto eu... — atirando-se na parede enquanto com as costas, desce até o chão, onde se acomoda por fim.

— Evinha, por que acha isso? É óbvio que não merece estar aqui. Ninguém merece. Por que ficar num lugar podre, imundo, fechado e triste como este, se a chave está na maçaneta, pronta para

NACIONAIS - ACHERON

ser girada? — Jocasta não entende o comportamento apático da amiga.

— Esse ambiente é tão podre, tenebroso e triste, quanto sou por dentro, Jocasta. — abafando a voz enquanto mordisca o vestido.

— Tem que tirar estes pensamentos, da sua mente. Isso não te faz bem. Vamos, temos que sair daqui já! — a agarra pela mão.

— Não Jocasta! Eu não quero ir! — puxando a sua mão de volta.

— Santo Deus, garota! Ouça tamanha discrepância. É totalmente insano! Irá sair daqui comigo, e será imediatamente!

— Não, pensando bem não é. Não era isso que minha família queria, quando me trouxeram para cá? Me enfiar num mundo tão obscuro e tenebroso, onde não tivessem que explicar a seu suntuoso ciclo social a aberração maligna que sou? Uma assassina infeliz e descontrolada? — Evinha está tomada pelo rancor. Logo que ouve a amiga, Jocasta matuta sobre o que Azrael havia lhe despertado: "*O quarto do perdão*".

Embora sobre conflito, atinge a lógica do recinto, e tenta abrir a mente de Marieva. Jocasta a toma pelos ombros, e a obriga olhar dentro dos seus

NACIONAIS - ACHERON

olhos.

— Sei o quanto se sente abandonada, esquecida e traída por sua família por ter te mandado para cá. Mas, sabe...

— Sabe, o quê Jocasta? — a moça não mostra nenhuma rusga de flexibilidade em seu comportamento.

— Precisa perdoá-los.

Marieva congela.

— Deve perdoar sua família, seu noivo, sua amiga. Precisa ultrapassar o que fizeram a você. — agachando ao chão junto à ela.

— Por que fala sobre essas coisas? Sabe quando irei perdoá-los? Nunca! Jamais absolverei nenhum deles. Nem mesmo depois de morta! O que cometeram... É desumano!

— E o que fez com eles, é humano? — Jocasta grita sem pudores.

Jocasta e Marieva travam um olhar bélico.

Pela primeira vez, a moça rica e rebelde, desce o olhar para a enfermeira. Fica notório que está em meio a um grande tumulto de anseios.

— Detesto ter que lhe lembrar, mas, tirou a vida de duas pessoas que um dia disse amar. Feriu

sua família com atitudes e gestos hediondos, que você mesma me contou dias desses. Nunca gostou de estudar, de receber ordens, vivia de maneira desregrada, sem respeitar ninguém. Evinha, saiu de sua própria boca: “Sinto muito ter feito minha avó sofrer tanto com meus atos, ela jamais mereceu isso.”

— Vá embora Jocasta! — levanta e vai para um canto ainda mais escuro.

— Eu vim para te buscar, não vou embora sem você.

— Jocasta está impregnada de uma coragem que em si, desconhece.

— E por que veio atrás de mim? Eu não faria por você, estou sendo sincera!

— Eu sei, acredito em você. E foi por isto que vim.

— Para quê? Para me encher de sermões?

— Não. Para te mostrar o que significa ter um amigo de verdade.

Houve silêncio.

Marieva a entreolha, e vai para o outro lado do quarto, ainda mais tenebroso.

— E se eu decidir ficar? Não pensou nessa



hipótese? Deveria!

— Pois duvido que a Evinha que conheço, aceitaria ficar num lugar tão avesso a condição humana como esse, sendo uma firme defensora de seus direitos. Venha, vamos!

— Ficarei, Jocasta. — refuta contundente.

— Sabe, vendo isso aqui, entendo que perdoar faça parte do mesmo processo.

— Você não sabe do que está falando. Não passou pelo que passei. A dor é única, sabia? — Tenta se justificar.

— Pelo que passou, não. No entanto, acredita que nunca me decepcionaram, humilharam ou me feriram? Fui estuprada pelo meu padrasto quando tinha nove anos de idade, sabia?

Marieva olha imediatamente para a amiga e se apieda do que ouve.

— Sinto muito, Jocasta — se aproxima novamente. — E sua família, sua mãe, o que fez?

A enfermeira esboçou um riso sem ao menos chegar abrir os lábios.

— Me mandou morar com minha madrinha, disse que estava inventando mentiras porque tinha ciúmes dela com o marido. Dois anos mais tarde

ele fez o mesmo com a minha irmã.

— Ela preferiu ficar a favor de um homem, do que da própria filha? — Evinha fica indignada.

— Sim, preferiu. Mamãe ficou com ele, até que morresse.

— E você? O que fez? — na expectativa de ouvir a vingança da amiga, diante da imensa injustiça materna.

— Cresci, estudei, batalhei, e todas as quartas-feiras fizesse sol ou chuva, durante vinte anos, fui visita-la na casa da minha irmã, que cuidava dela.

— Não acredito que não tenha guardado mágoa dela. Não mesmo! Ninguém é tão supremo!

— É claro que tive muito mágoa dela. — replicou com ênfase. — Porém, com o tempo percebi que a única pessoa que havia se prendido aquela situação era eu, mais ninguém.

— Aonde quer chegar? Ela trocou você e sua irmã, por um homem? Qual é!

— Sim, mas viveu a vida dela, do jeito que queria. Quando alguém te faz algo, é você quem se torna o prisioneiro, não a pessoa. Durante anos, percebi que eu, era a refém de tudo aquilo. Fui eu quem sofri, chorei e remoí. O que minha mãe podia

NACIONAIS - ACHERON

bancar? Pedir desculpas? Sim, isso era o máximo. Entretanto, cabia a eu sair daquela circunstância. O perdão é exatamente como esse quarto, Evinha. Exatamente!

— O quê? Feio, fedorento e escuro? — ela abre os braços mostrando a alcova.

— Não, é algo que te aprisiona pelo tempo que desejar, porque a chave sempre estará na porta. Tudo que precisa, é decidir levantar, caminhar, ir até a maçaneta, girar a tranca e sair. Se alforriar. — concluiu.

Os olhos da jovem ficaram gotejantes com que acabara de escutar: "Se alforriar".

— Quer que eu esqueça tudo que me fizeram padecer até hoje?

— Não, quero que se lembre de que é a única pessoa que esteve cativa aqui durante todo esse tempo. Ninguém mais está aqui além de você. Nem seu noivo, nem sua amiga ou sua família, somente você, Marieva.

Ela reluta calada. Trava uma batalha épica dentro de si, entre a soberba e o livre-arbítrio.

— Estou indo. — Jocasta se caminha até a porta. — Fiz o que deveria fazer aqui. Quero que saiba que eu e Adrian estamos esperando por você,  
NACIONAIS - ACHERON

ansiosos.

Ela volta, e a beija na face.

Respira fundo e sai do quarto.

Ao romper a porta que se bate imediatamente. Jocasta caminha por mais alguns metros do corredor tenebroso com o candelabro que Azrael deixou ali.

Quando está para sair, reclina-se na parede e não consegue conter as lágrimas. Lamenta, convicta que falhou outra vez.

Entre soluços, ensaia continuar andando, após alguns passos, ouve um rangido na porta. Para, olha, iluminando o ambiente. Mas não é nada além de um velho rato passeando por ali. Torna e segue seu caminho tentando achar a saída de tantos corredores. Ouve seu nome em um tom muito baixo.

— Devo estar ouvindo coisas. — prossegue.

Quando ouve outra vez.

— Quem está aí? — indaga temerosa. — Tem alguém aí?

Ao virar para sair da passagem, nota uma silhueta, cintila com o candelabro e pergunta mais uma vez.

— Quem está aí?

Nada surge.

No entanto, do outro lado, uma aparição se aproxima lentamente tateando as paredes do lugar. Jocasta a alumia, e encontra um olhar muito conhecido.

— Não acredito! — balbucia.

Corre em direção à sombra, coloca entre ela e a silhueta a luz para não haver erros.

E não houve erros.

— Não creio que tenha vindo! — a enfermeira joga o candelabro no chão, e agarra a amiga contra o peito com toda sua força. — Você veio, Evinha! Você veio!

— Parece que sim.

— Pensei que a tivesse perdido para sempre. Foi tão inflexível. Meu Deus, você veio, Evinha! — ela para por um instante, e a questiona curiosa. — O que a fez mudar de ideia?

— Raciocinei, se uma amiga pode ir atrás de mim em um lugar tão inóspito como aquele, para mostrar do que era capaz de fazer por mim, entendi, que sair de lá, seria a prova, como amiga, de que sua ação valeu a pena.

— Tenho muito orgulho de ser amiga sua!

— Nenhuma decepção em minha vida foi maior do que o carinho que tenho por você e por Adrian. Meu passado me aprisionaria lá eternamente. Contudo, vi que meu futuro poderia me libertar.

Jocasta coloca as mãos delicadamente sobre o rosto de Marieva.

— E conhecereis a verdade... — segreda.

— E ela vos libertará! — termina a jovem.

Apanham o candelabro e tentam encontrar o caminho de volta. Enquanto Raziél, surge em um canto da parede com uma luz amena sobre seu rosto, ele, era a silhueta que Jocasta vira antes de Marieva. Com um leve sorriso e tocando as pontas dos dedos, como quem insinuasse uma batida de palmas afável, com a restrita finalidade de não emitir nenhum ruído, confidencia:

— Bom trabalho Jocasta. Bom trabalho.

## CAPÍTULO VIII

### TEMOS TODO TEMPO DO MUNDO.

Era mais uma estadia, na tão desejada sala de música.

Marieva chega empolgadíssima, riso fácil e largo, coração repleto de expectativas, abrindo os braços até onde pode, para apertar ao culminante, Adrian e Jocasta, que ali a aguardavam.

Aquela era a manhã do dia seguinte ao quarto do perdão.

Não era história, a agonia durou uma noite, mas a alegria veio com o amanhecer.

Adrian a havia visto, apesar da imensa vontade, já sabendo de todos os detalhes narrados pela enfermeira.

— Bom dia pessoas de minha vida!

— Já não era sem tempo! — exclamou Jocasta enquanto recebia o abraço carinhoso da amiga.

Adrian se cala, curva a face, é visível seu sentimento ao ver Evinha novamente.

Ela o observa por cima dos ombros de Jocasta enquanto gracejam. Lentamente, a solta e

acosta-se dele. A enfermeira respeita o momento, e fica imóvel e calada.

Evinha, se abaixa, levanta o rosto do rapaz com um dedo, através do seu maxilar, e nota uma lágrima caindo do seu semblante. Ela procura seu olhar, ele, tenta fugir. De algum modo, não quer que ela o veja comovido.

Coisa de homens, ela pensa.

No entanto, insiste, e quando os seus grandes olhos se deparam com os dele, Adrian não reprime, e desaba em lágrimas. Os olhos também o acompanham, contudo, sorri enquanto acaricia sua face.

Os três se calam, é uma ocasião tocante para eles, de formas distintas.

Jocasta, por ter conseguido trazer Marieva do quarto do perdão. Marieva, por compreender que o espaço antes destinado à sentimentos ruins podia servir de abrigo para leal e pura amizade dos três.

E Adrian, porque de algum jeito estar perto das duas, sobretudo, Evinha, lhe soava como recomeço.

— Foi daqui, que me contaram haver um moço bobo à espera de sua palhaça encantada?

Ele controla as lágrimas e replica.

NACIONAIS - ACHERON



— Pois é, o moço bobo agradece pela sua presença. Senti muito a sua falta...

— Jura? — o fita de rabo de olho. — Então, posso pedir uma coisa?

— Todas as coisas do mundo. — afirma sem pensar duas vezes.

— Quero um abraço seu, porém, tem que ser um abraço especial.

— E como seria uma abraço especial?

Ela recua cerca de três passos, e diz:

— Não acha que está na hora de sair desta cadeira por uma boa causa? — lançando as palmas das mãos na altura dos ombros.

Adrian entende o que Evinha deseja.

Apoia-se com força seus braços na cadeira.

Na primeira tentativa, não consegue êxito.

Jocasta intervém:

— Talvez ainda não seja a hora, Adrian.

Decidido rebate:

— Se não conseguir ficar de pé para abraçar uma pessoa que amo, o que mais me fará levantar desta cadeira, Jocasta?

Evinha acena, dando-lhe força.

— Você consegue, Adrian. Sei que sim,

consegue.

Por mais uma vez, ele se apoia sobre os braços da cadeira, e desta vez consegue elevar o tronco. Aos poucos, vai se erguendo como uma palmeira escondida nas dunas do deserto, depois de uma intensa tempestade de areia.

Mas confiante, fica de pé, e empurra a cadeira para trás.

— Cuidado Adrian. — disse Jocasta, ensaiando lhe segurar com uma das mãos.

— Deixe, Jô. Ele não chegou aqui nesta cadeira, então, precisa se livrar dela para quando sairmos esteja de pé e andando com as próprias pernas como sempre fez.

Adrian se sente seguro pelas palavras de Marieva.

E ensaia um passo, torto, desequilibrado, mas forte. Sorri sozinho com a façanha. Animado, arrisca mais um, este agora, mais assente e coordenado.

As duas gracejam e festejam.

Ele se aproxima de Marieva.

— Foi daqui que me pediram um abraço especial?

— brinca.

Ela responde:

— Sim cavalheiro, sua dama espera pelo afago de seus braços. — graceja.

Se entrelaçam cuidadosamente num acalanto que mesmo tendo segundos, pareceu semelhante uma deliciosa eternidade.

— Todo obrigado do mundo é seu, Marieva Rondan Palhares. — Beijando ternamente em sua testa. — Adoro você!

— Eu sei disso, mas finjo não saber para não deixá-lo encabulado. — e ficou rindo.

Jocasta ensaia uma tosse.

— Desculpe atrapalhar os pombinhos, mas e eu? Não mereço nenhum abraço especial? — claramente enciumada, disse Jocasta.

Adrian e Evinha a puxam pela cintura, e zombam com ela.

— Adrian, conhece enfermeira mais chata do que esta criatura?

— Definitivamente não, Evinha. Ela é um porre!

— Estão falando sério? — com certa dúvida a enfermeira ficou.

Os dois a enlaçaram, e ela entendeu a brincadeira, então, se apertaram como um elo de três pontas avigoradas. E uma corda com três dobras, certamente, se torna muito mais difícil de ser rompida.

Logo que Adrian voltou a sentar-se, agora num sofá velho, pediu para Jocasta que sumisse com a antiga, porém não quis(ofender? Magoar?) a companheira nos últimos anos, a cadeira de rodas. Animados, gargalharam, trocaram figurinhas, até que Jocasta se pronunciou:

— O que faremos hoje?

— Que tal um violão, Jô? — sugeriu Adrian.

— Violão? Para quê? — Jocasta colocou as mãos sobre a cintura..

— É? — completou Marieva. — Para quê?

— Gostaria de tocar uma música para vocês, aliás, para nós, será a nossa música para sempre! Aceitam?

As duas se entreolham surpresas com a proeza do rapaz, e se posicionam.

— Não sabia que cantava ou tocava algum instrumento. Isso para mim, é uma grande novidade Adrian! — proferiu Jocasta.

— Eu toco gaita, e não é meia boca não! —  
Gritou Evinha, parecendo uma menina pulando numa perna só.

— Então, se mexam! Sei que há um violão atrás da porta da biblioteca. — Informou Adrian, estalando os dedos.

— E podemos usá-lo? — como sempre, a preocupação da enfermeira.

— E se não puder, o pegamos do mesmo jeito! — puxando Evinha, pelo braço.

Se juntam, e como duas adolescentes, vão alegres pelos corredores sombrios, que agora, de certo modo, tornara-se um segundo plano diante de aparvalhada felicidade.

Sobressaltadas, chegam rindo e tagarelando em alto e bom som na biblioteca. Imediatamente, são repreendidas por Raziel, que está sentado ao fundo da sala, num canto quase imperceptível.

— Silêncio meninas! — adverte.

Jocasta, logo se recompõe.

— Desculpe Raziel, nós não o vimos aí.

— Não se preocupe, fico feliz em saber que estão felizes. Sobretudo você, Marieva. — fitando com um olhar questionador sobre a moça.

Ela se aproxima dele.

— Gostaria que me desculpasse pelo comportamento naquele dia. Foi um momento de explosão.

— Eu sei. Todo humano que se preze tem o seu fatídico "*dia de fúria*". Realmente só desejo que encontre o seu caminho e faça a escolha certa dessa vez. De coração.

Pela primeira vez, ela sente empatia pelo homem e o agradece pelas palavras.

— Fez um ótimo trabalho, Jocasta. Ah! A propósito, o violão está ali no balcão. Precisei trocar algumas cordas, Rafael tem dedos de chumbo, às vezes. — sorri e se levanta. — Com licença.

Raziel sai da biblioteca.

Jocasta corre para apanhar o violão na ânsia de retornar o quanto antes a sala de música. Marieva, no entanto, fica parada, pensativa.

— Maravilha! — apanha o instrumento. — Vamos Evinha!

— Jô, espere um momento. — ela trinca os lábios.

— O que foi?

— Não viu o que acabou de acontecer aqui?

— Se refere à bronca do Raziel, por termos entrado tagarelando demais? Não ligue, Evinha, ele...

Ela a repele:

— Mas você é muito tonta mesmo! — A puxa para um canto da parede.

— Gente, não estou entendendo!

— Quem disse a ele que viemos buscar o violão?

— elevando uma das sobrancelhas.

A enfermeira para e também pensa achando logo uma solução:

— Ah, alguém deve ter contado, lá da sala de música.

— Só havia eu, você e o Adrian na sala de música. E ele já disse que não troca muitas palavras com Raziel. — sustenta Evinha.

— Mas pode ter sido o Adrian, oras!

— E dado tempo suficiente para consertar as cordas do violão, que nós viríamos pegar, quando ele, já estava aqui?

— insiste a jovem ferrenha em seus pontos de vista.

— Quem ele é, um dos X-men?

— Lá vem você de novo com essas ideias...  
— Jocasta se joga desanimada numa cadeira.

— No calor do momento não dei importância. No entanto, contou que o nome do enfermeiro que te levou onde eu estava era Azrael?

Jocasta a olha de banda.

— Sim, isso mesmo. Por quê?

Marieva começa a procurar pela biblioteca um livro.

Jocasta não compreende.

Ela se designa à uma caçada acirrada entre todos os livros e estantes do lugar.

— O que está fazendo, Evinha? Adrian está nos esperando! — inconformada.

— Coloque esse violão em cima da mesa, e me ajude a procurar "O Torá". — o tom de ordem era claro e objetivo.

— Torá? Mas, o que é isso?

— Livro sagrado do judaísmo. Deve ter um por aqui, tem que haver. Toda biblioteca que se preze, possui ao menos um exemplar. Vamos Jocasta, procure mulher! — Evinha está completamente obstinada pela busca do tal livro.

Jocasta começa a procurar a tal obra, mesmo



sem saber por onde ao certo. Após incessantes cinco minutos, Marieva está de pé em cima de uma pilha de volumes, braços esticados ao extremo, prestes a cair.

— Jô!, — berra sem reservas. — me socorre aqui! Acho que encontrei!

Antes que Jocasta a beire, Marieva no entusiasmo, puxa com toda força e cai agarrada com o livro em cima da amiga.

A enfermeira se resume a dizer:

— *Mim* fica feliz em servir.

— Anda, levanta, que isso não foi nada! Me ajude a colocar o livro na mesa.

As duas se atrapalham em quem vai ou vem, contudo, por fim, conseguem chegar a tal bancada.

— Você quando cisma com uma coisa... Ai meu Deus!

— limpando os braços da poeira do livro. — Ah, que maravilha! Tanto esforço e o livro está todo escrito em outra língua. Perfeito!

— Claro que está. Em iídiche, anta!

— Íí... O quê? — Fazendo uma cara muito feia.

— A língua dos judeus, Jocasta. Iídiche. Vem

cá, em que planeta você vive?

— Num, que de preferência, fale a minha língua. Não vai me dizer, que por acaso... Sabe ler isso? — ela se assombra de novo com Evinha, que sorri sarcasticamente, enquanto procura a página que justificará sua suspeita.

— Santo Deus, de onde saiu esta criatura! — absorta com o lance de a jovem poder ler o enigmático idioma.

— Aqui está, AZRAEL! Também é o Anjo da Morte na tradição e folclore Judaico-Cristã. Azrael é a forma em português para o nome árabe Azra'il (عزرائيل). O nome literalmente significa "AQUELE A QUEM DEUS AJUDA".

— Você está brincando, não está? Isso não pode ser verdade! — Jocasta se descontrola.

— Nada mais conveniente, não acha? Justamente "AQUELE A QUEM DEUS AJUDA" veio ao seu socorro na hora que mais precisava... — aponta para si mesma. —... Me encontrar!

— Nada a declarar. — É nítido o alarme da enfermeira com tal informação.

— Acredita em mim agora? Tem algum acontecimento muito cabeludo rolando na tal Casa dos Destinos! — batendo com a mão em cima da

NACIONAIS - ACHERON

mesa.

— Pode ser coincidência.

— Lembra do que Adrian disse: "Coincidência é a palavra que Deus inventou para não precisar explicar os pequenos milagres que faz o tempo inteiro em nossas vidas."

— Se queria me assustar, conseguiu. O que faremos? Estou descontrolada, os joelhos batendo um no outro, e um frio doido me subindo pela espinha! Olha o estado das minhas mãos, estou tremendo!

— Por hora, nada. — Evinha demonstra total equilíbrio dada às circunstâncias.

— Nada? Faz esse pandemônio todo, e não vai fazer nada? — Jocasta começa a se abanar com as mãos. — Estou prestes a ter um infarto, sabia?

— Não faremos absolutamente coisa alguma! Me ajude a guardar o livro no mesmo lugar. Vamos pegar o violão e dar o fora daqui. Outra coisa, por hora, não contaremos nada ao Adrian.

— Mas, ele precisa saber.

— Sim, e saberá, no momento oportuno.

Evinha convence a Jocasta de guardar rapidamente o exemplar, e voltarem o mais breve

possível para sala de música e levar o violão para o amigo.

Quando retornam se deparam com a impaciência de Adrian, devido a demora.

Desta vez, Jocasta se adianta.

— Contou ao Raziel que fomos buscar o violão na biblioteca? — ela torce no seu interior, que a resposta seja positiva.

— Não, não estive com ele hoje. A última vez que o vi foi na confusão do portão. Por quê?

— Por nada, está perguntando por desencargo de consciência, não é amiga? — com o tom de sarcasmo.

Marieva então, apanha o violão das mãos de Jocasta e o entrega nas mãos do jovem.

— Muito bem senhor violonista, qual será o repertório apresentado? — parece ansiosa e ao mesmo tempo empolgada para ver o que Adrian preparou para aquela ocasião em peculiar.

Apanhando o instrumento o dedilha suavemente enquanto fecha os olhos, quer estar certo de que o instrumento está devidamente afinado. Assim, que tem sua resposta, ele sorri e lhes fala:

— Quero cantar uma música que nos define. Não o que fomos antes de chegarmos à Casa dos Destinos, mas sim, o que somos agora, principalmente um para o outro. Quero que as duas recebam essa música, como meu maior agradecimento pela persistência severa e maciça, que sei, que ambas possuem com fim de me fazer a cada dia melhor. Não sei onde irei parar, contudo, sei que quando chegar, seja lá onde for, graças a você Jocasta, e a você, Evinha, sei que serei um homem muito mais completo e feliz.

Ele se cala, assim como elas.

Aconchega o violão no colo, e na segunda tentativa, consegue tirar a nota que inicia a letra da melodia escolhida, com uma voz grave e doce ao mesmo tempo, o que deixa sobretudo mais perplexa, Evinha.

Todos os dias quando acordo,  
Não tenho mais o tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo.

Todos os dias antes de dormir,

Lembro e esqueço como foi o dia  
"Sempre em frente,  
Não temos tempo a perder".  
Nosso suor sagrado  
É bem mais belo que esse sangue amargo  
E tão sério  
E selvagem, selvagem; selvagem  
Veja o sol dessa manhã tão cinza  
À tempestade que chega é da cor dos teus  
Olhos castanhos  
Então me abraça forte  
Me diz mais uma vez  
Que já estamos distantes de tudo  
Temos nosso próprio tempo,  
Temos nosso próprio tempo,  
Temos nosso próprio tempo.

Não tenho medo do escuro,  
Mas deixe as luzes acesas agora,  
O que foi escondido é o que se escondeu,  
E o que foi prometido,  
Ninguém prometeu.

Nem foi tempo perdido;

Somos tão jovens,  
tão jovens,  
tão jovens.

Quando a última nota foi dedilhada, Jocasta o aplaudiu veementemente.

— Lindo! — disse. — Lindo, Adrian! — Assoviou.

Marieva por sua vez o observou sem nada dizer por algum tempo.

— Como você canta bem, maravilhoso! Essa música, não é aquela...?

—Tempo perdido. — completa Evinha quebrando seu silêncio.

— Gostou, Evinha? — Adrian pareceu preocupado.

Ela somente o apreciou. Jocasta não entende bem a atitude da amiga.

Adrian prossegue.

— Se me permitir, escolhi uma música especialmente para você. Quer ouvir? — Ele aparenta estar disposto a uma suposta declaração.

— Claro. — Evinha, afirma.

Mais uma vez, Adrian posiciona o

instrumento, e dessa vez, demonstra nervosismo. Respira, se concentra, e na terceira vez, consegue tirar a letra da melodia que dedica a Marieva. Jocasta volta a sentar-se ao lado da amiga, pega a sua mão e nota que está gelada. Adrian canta:

Uma menina me ensinou,  
Quase tudo que eu sei  
Era quase escravidão  
Mas ela me tratava como um rei  
Ela fazia muitos planos  
Eu só queria estar ali  
Sempre ao lado dela  
Eu não tinha aonde ir  
Mas, egoísta que eu sou,  
Me esqueci de ajudar  
A ela como ela me ajudou  
E não quis me separar  
Ela também estava perdida  
E por isso se agarrava a mim também  
E eu me agarrava a ela  
Porque eu não tinha mais ninguém  
E eu dizia: — Ainda é cedo  
Cedo, cedo, cedo, cedo



E eu dizia ainda é cedo..  
Sei que ela terminou  
O que eu não comecei  
E o que ela descobriu  
Eu aprendi também, eu sei  
Ela falou: — Você tem medo  
Aí eu disse: — Quem tem medo é você  
Falamos o que não devia  
Nunca ser dito por ninguém  
Ela me disse:  
— Eu não sei mais o que eu  
Sinto por você. Vamos dar  
Um tempo, um dia a gente se vê  
E eu dizia: — Ainda é cedo  
Cedo, cedo, cedo, cedo  
E eu dizia ainda é cedo...

Quando Adrian termina o último acorde da música, Evinha está calada e imóvel.

Semelhante uma pedra, inerte.

Jocasta, também não sabe o que expor, seu receio é de mencionar algo que não transcreva o sentimento da moça.

— Evinha? — Adrian a chama.

Em meio a um rompante, apenas cita.

— Ainda é cedo... Adrian.

—Evinha! — Rebate a enfermeira.

Ela sai desatina da sala feito uma estrela cadente rasgando o céu.

— Evinha, Evinha volta aqui! — Jocasta tenta evitar aquele ato tão desconcertante.

— Deixe Jô. Deixe digerir o que ouviu. Ela precisa desse tempo. — aquieta o violão com cuidado sobre a mesa.

— Poxa, você tocou com tanto carinho. E ela age assim?

— Jocasta fica chocada com a reação da amiga.

— Como agiria, se alguém te desse um gesto de amor completamente voluntário e despretensioso, se a vida inteira só o teve quando pagou de alguma forma para tê-lo?

— Verdade. — reflete um pouco a enfermeira. — Eu sairia correndo, sem sombras de dúvida. — conclui.

Evinha está em seu quarto.

Sentada sobre seu leito, com as pernas contra o corpo e os braços entrelaçados. Repete movimentos de vai e vem, incansavelmente.

O olhar foi perdido dentro do nada poderoso dentro de si.

Em sua mente, uma frase: *"Uma menina me ensinou quase tudo que eu sei..."*

Tormentas avassaladoras a maltratam por demais. Jocasta, bate na porta sorrateiramente, antes de ouvir um sim, se atreve adentrar o recinto.

— Oi! — colocando a face em meio as mãos na porta.

Marieva, permanece na mesma oscilação. Jocasta, repete a saudação.

— Oi!

A moça a olha, e tão somente a questiona:

— Por que fez isso? Como quem não alcança entendimento do gesto do rapaz.

— Falando do Adrian, suponho. — Jocasta entra e se aconchega na beira da cama.

— Do Papa é que não seria, não é ? — retrucou impaciente.

A enfermeira ignora a resposta atravessada e continua.

— Ele só quis ser...

— Romântico? — Aumenta o tom de voz. — Ridículo! Desnecessário!

— Não entendo a razão de tanta irritação. Quando lhe deram espinhos, reclamou porque eram espinhos. Agora, alguém lhe oferece uma rosa, e reage como se ainda tivesse sido um espinho?

— Onde ele está? — Aparentando moderação.

— No quarto. Depois de tamanha hostilidade, para onde mais o pobre iria?

Ela pula de cima da cama, empurrando a amiga para o canto como uma bala, enfia a mão no molho de chaves e dispara para a porta do quarto de Adrian, tentando descobrir qual chave abriria a fechadura.

— Ei mocinha, volta aqui! — a enfermeira tenta se levantar do solavanco recebido. — Não pode fazer isso, é contra as normas! — Eleva as mãos à cabeça:

— Ai Santo Deus, lá vamos nós de novo!

Enquanto tenta uma por uma, Jocasta surge desenfreada, e tenta segurar afoitamente as mãos da amiga, devido a barulheira que as chaves faziam quando tilintavam uma a outra.

— Sua louca, para com isso! — tentando impedi-la entre puxões e solavancos. — Vai colocar outra vez, o nosso pescoço à prêmio por

NACIONAIS - ACHERON

causa dessa sua cabeça quente! Devolva isso!

— Me solta Jocasta! — digladia. — Que não solto essas chaves nem por um decreto!

Marieva consegue levar a melhor, e joga Jocasta mais uma vez, no chão.

Ela consegue a chave certa, olha para amiga no chão, e estende a mão solícita.

— Vai ficar parada aí, ou vai entrar comigo?

A moça segura a mão da amiga, e se eleva arrumando a roupa. Evinha entra no quarto do jovem, seguida por Jocasta.

— Adrian? Dormindo? — Questiona a mocinha receosa.

— Impossível, dada a algazarra das duas na minha porta. — sorriu divertindo-se da situação.

— Desculpe Adrian, eu disse a ela, — Jocasta arrojou Evinha ligeiramente para o lado. — isto é contra as regras e...

— Na boa Jô... Cala a boca!

A enfermeira cruza os braços.

O moço senta-se na cama enrolado pelo fino cobertor.

— São duas adolescentes enlouquecidas. — completa

O rosto de Marieva se enrijece, e meio sem graça, se reporta a ele:

— Queria lhe falar.

— Se veio até aqui porque acha que necessita me dar qualquer tipo de explicação pelo seu comportamento agora pouco, esqueça, de verdade. — insiste. — Não é necessário, Evinha. Não mesmo.

Ainda diante da negativa de Adrian, a jovem persiste.

— Posso falar? É importante para mim.

Jocasta nota que sua presença torna-se demais no ambiente.

Arruma uma tosse atrapalhada e engraçada como ela mesma, e soletra que precisa ir até a cozinha beber um copo d'água. Na verdade, ficaria no corredor dando cobertura aos dois, e se certificando que isso não lhe causasse danos à sua permanência no emprego.

Conhecendo-a mais um pouco, Evinha brinca:

— Nossa, que nem uma tosse decente você consegue arranjar?

Assim que a amiga sai, ainda com uma

sombra de sorriso no olhar, puxa uma cadeira, caindo aos pedaços dadas as ferrugens e senta ao lado do leito de Adrian. Ela está desconfortável dada a ocasião precedente, ele, como cavalheiro que é, tenta descontraí-la com elegância.

— Aceita uma taça de Château Mouton-Rothschild safra 1982 ou a senhorita prefere algo mais doce como o Château d'Yquem 1811? Ah, desculpe, minha governanta já se recolheu aos seus aposentos, e infelizmente, apenas me deixou essa mísera caneca d'água de plástico!

Ele consegue sorriso, agora um pouco menos tensa.

— Adrian...

Pondo as mãos delicadamente sobre os lábios dela.

— Seja lá o que tiver para dizer, eu peço, não diga.

— Por quê? — pergunta curiosa.

— Porque no meu mundo é mais fácil sobreviver da utopia do que da realidade.

Explica olhando no fundo dos seus intensos olhos.

— Jamais diria qualquer coisa que te

magoasse.

Elucida enquanto toca suavemente sua mão.

— Eu sei. Acredite, sei disso.

Pondo a outra mão sobre a dela.

— Só quero te pedir uma coisa, somente uma, posso?

— Sim, sempre.

— Me deixe cuidar de você?

— Cuidar de mim? — se afasta — Não sou alguém que valha a pena cuidar, Adrian.

— Resposta errada.

Ele a traz de volta a si com extremo zelo.

— Você é alguém que não sabe o quanto vale a pena ser cuidada.

Evinha, dedilha em meio a face do rapaz.

— Definitivamente, você é um homem que não se esquece.

— Errou de novo. Sou um homem que descobriu que pode ser inesquecível porque você me fez lembrar de quem eu sou. — toca-lhe o rosto com extremada encanto.

— De onde será que te conheço?

Adrian sorri outra vez. Ela prossegue:

— Uma menina me ensinou quase tudo que



eu sei?

— Marieva flexiona os olhos.

Adrian roça-lhe o rosto com seu, tenta senti-la, e quando consegue, sussurra:

— Era quase escravidão...

Selando os lábios.

— Mas ela me tratava como um rei.

E ali, quase sem querer, que a menina se apropriou de vez de ‘todo reino, tornando-se a rainha do coração daquele monarca, que imediatamente, transformou-se no mais dedicado dos servos.

## CAPÍTULO IX

### ONDE ESTÁ A SENHORA WATSON?

Era para ser mais um banho de sol.

Jocasta e Adrian estão no pátio, o rapaz agora já consegue se locomover com ajuda de uma muleta.

Sentam, e jogam xadrez.

Marieva se aborda encarando toda a movimentação na entrada do portão.

— Quem é?— ela investiga.

Jocasta dá com os ombros.

— Não faço a menor ideia.

— Adrian, jogando xadrez, — graceja. — a visão está cada vez melhor, pelo visto. — provoca.

— Bom dia para senhorita também, Evinha!

— Desculpe, — o beija. — foi mal. — sem tirar os olhos da circulação que vinha da portaria.

O olhar intrigante e obstinado de Marieva incomoda a enfermeira, e também passa à prestar atenção.

— Olhem, é um senhor. — Jocasta comenta a fim de cessar o interesse da amiga.

— Mais um para dividir o inferno! — resolve assentar mostrando claramente descontentamento com a notícia.

— Evinha! Você fala de um jeito...

Enquanto volta a tentar apreender o movimento de Adrian no tabuleiro.

— Bispo na casa nove. — ele arremata.

— Espere aí espertinho, me deixa sacar o que o senhor fez aqui!

Marieva analisa toda chegada do senhor até a entrada da clínica. Presta atenção a tudo, e sente falta de alguém.

— Onde está a senhora Watson?

— Quem? — indaga a amiga.

— A senhora Watson? — reafirma. — A que vivia tricotando.

— Ah sim, não vi por aqui hoje.

— A última vez que a vi, estava em sua cadeira de balanço tricotando sem parar. — lembrou Marieva.

— Deve ter recebido alta, Evinha. — comenta Adrian.

— Mas se recebeu alta, hoje seria o dia de ir embora, são nas terças e quintas que os portões se

abrem. Se na terça a senhora Watson estava ali, tem que ir embora hoje. — deduz.

Jocasta sussurra entre os dentes:

— Vai começar a paranoia.

— Do que suspeita, Evinha? — inquire Adrian parando com o próximo movimento.

— Como podemos ter certeza de que a senhora Watson recebeu alta, Adrian?

A enfermeira tenta intervir na conversa:

— Adrian, quer mexer logo essa peça, por gentileza?

— No entanto, é ignorada.

— Como Adrian? — Marieva persevera.

— Evinha...Pelo amor de Deus! — suplica Jocasta.

— Bom, poderíamos ir até o quarto dela. Se recebeu alta, a tal carta que te falei com o brasão da recepção vai estar lá em algum lugar. Todos que estão de alta a recebe, é fato.

— enfatiza com firmeza.

— Então, nós iremos ao quarto da senhora Watson!

Salta do banco, como se fosse escolhida para ir à lua.

— Mas não iremos mesmo! Não podemos fazer isso!

— adverte Jocasta.

— Já esqueceu do que descobrimos na biblioteca no dia que fomos buscar o violão?

— Ei, que conversa é essa? Não me contaram nada sobre isso! — reclama o moço.

Evinha aproxima-se do rapaz, como quem lhe contaria o maior segredo do mundo:

— Lembra que quando voltamos da biblioteca, e Jocasta te perguntou se havia estado com Raziél?

A enfermeira, coloca a mão sobre o rosto desolada, e pede:

— Evinha, não!

— Ao chegarmos à biblioteca, fomos repreendidas por Raziél porque estávamos um tanto eufóricas. Assim que pediu que ficássemos de boca fechada, advinha o que nos falou?

Jocasta quase suplica.

— Evinha... Por favor!

— O quê? — Adrian vira todo corpo para sua amada.

— Nos avisou que o violão não estava atrás

da porta, que havia colocado em cima do balcão, e trocado as cordas, porque Rafael, às vezes, tem dedos de chumbo.

— Mas... Disseram a ele o que foram fazer lá? — Adrian quer entender o inexplicável.

— Em momento algum! Como Raziel sabia que estávamos lá, para pegar o violão? Como soube, se éramos os únicos na sala de música naquela hora, e você nem sequer o viu?

— Adrian, não acha que pode ter sido uma baita coincidência? — tenta encontrar refúgio no amigo.

— Mas Jô, como soube se não disseram nada à ele?

— E a história não acaba aí. — Falou Marieva empolgada, cruzando as pernas.

— Evinha fecha essa boca.

A enfermeira remete os olhos ao céu, na esperança de uma súbita intervenção Divina.

— Sabe aquele dia, que dei aquele pire-paque no portão, e me levaram para o tal "*quarto do perdão*"?

— Sim! Sim!

Adrian decide cortar etapas.

# PERIGOSAS

— Sabe quem levou a Jocasta até lá?

— Quem? Achei que ela havia te encontrado sozinha.

Fitando-a imediatamente, como quem a reprovasse por esconder tal informação.

— Um enfermeiro, chamado Azrael. Conhece?

Evinha espera alguma reação de Adrian.

— Azrael? Nunca vi falar dele antes! Ele é novo por aqui?

A reação do rapaz, faz com que Marieva lance um olhar triunfante para amiga. Que também se espanta dessa vez.

— Não conhece Azrael?

— Não mesmo. Nunca ouvi falar de nenhum enfermeiro chamado Azrael aqui.

Assegura contundente.

— Satisfeita agora, *cara mia*? — Triunfa Marieva.

— A Evinha, revirou a biblioteca inteira atrás de um livro chamado "Tora"...

— Que "tora", Jocasta! É a Torá, e a louca aqui sou eu!

— revolta-se a jovem.

# NACIONAIS - ACHERON

— O livro sagrado dos judeus? — questiona Adrian à Marieva.

— Eu tinha certeza que havia lido sobre Azrael na Torá. E estava lá, e mostrei à senhora "coincidência" aí! — indicando com o dedo para Jocasta.

— E o que descobriram?

Ele não sabe a qual das duas direcionar sua pergunta.

A enfermeira, toma a iniciativa e responde a contragosto:

— Azrael é nome do anjo da morte na tradição judaica.

— Entretanto, todavia, contudo, mas, porém, o melhor vem agora.

Marieva pula saltitante e continua a explanação.

— Sabe o que o nome dele significa? "AQUELE QUE DEUS AJUDA"!

— Isso é brincadeira, não é? — Adrian fica assustado.

— O que me diz, Adrian? Seria apenas um mero acaso do destino, um enfermeiro que ninguém nunca viu, exceto a senhorita "coincidência" —



apontando para Jocasta. — cujo nome significa "AQUELE QUE DEUS AJUDA", surge justamente na hora que ela mais precisava me encontrar?

— Impossível! — Ele exclama.

— Para ser sincera, também acho. E muito! O que faremos? — Diz a senhorita coincidência.

— Temos que entrar no quarto da senhora Watson, e tentar achar a tal carta.

Marieva é prática e incisiva na decisão.

— Mas Evinha, vamos violar umas "trocentas" regras, Posso perder meu emprego!

Adrian se cala, pensativo.

— E a essa altura do campeonato, ainda acredita que está apenas em mais um emprego?

— É evidente que estou. Eu fui contratada.

Jocasta se exalta, entretanto, Adrian percebe a conotação duvidosa que Evinha lança na pergunta, e rebate:

— Do que está falando?

— Para mim está claro, não viemos para cá por uma simples casualidade de circunstancias. Há um motivo comum a nós três, que nos veio fazer parar neste lugar! — conclui.

— Mas como? De que jeito? — A enfermeira fica embravecida.

— Adrian, lembra do que me falou sobre a frase que vem na tal carta quando os pacientes recebem alta?

— Frase? — Jocasta continua no tom de indignação.

— Claro que lembro.

— Recite por favor, para senhorita "coincidência".

— esticando uma das mãos para Jocasta.

— "Todos que estiveram na Casa dos Destinos é porque em algum momento de sua vida, fizeram uma escolha que lhes trouxe exatamente aqui."

A enfermeira fica atônita olhando para os dois.

— Viu? Não percebem?

Ela abre as mãos como quem acabara de ver o sol.

— Em algum ocasião das nossas vidas lá fora, tomamos alguma decisão que nos trouxe direto para cá!

Jocasta adentra no meio dos dois e

enlouquece:

— Ah Senhor! Será que morremos? Nós morremos? Meu Deus, não paguei minhas contas, eu morri caloteira! — se desespera.

— Jocasta, se recomponha, por gentileza! — Grita Marieva.

— Calma Jô, se morrêssemos, não estaríamos aqui. É fato, estaríamos no céu, ou no inferno. Pelo menos, é o que acho. — explana Adrian.

— Se tratando de mim, e o que fiz, a segunda opção seria a mais certa. O que inviabilizaria o encontro de nós três. — ressalta Marieva.

Ele raciocina alto.

— Nesse caso, temos uma ligação em comum.

— Gente, isso é loucura! Isso é coisa de gente surtada!

Jocasta tenta esvaziar os pensamentos. Porém, a amiga a impede.

— Isto é uma clínica psiquiátrica, lembra Jocasta?

— Mas eu não sou doida, querida! — Replica. — Sou pobre, ferrada, se estiver morta, serei uma pobre morta caloteira. Que vergonha!

Mas, pirada eu não sou!

— Definitivamente, há uma grande possibilidade que eu seja!

Evinha não hesita em sua autoanálise.

— Meninas, temos que ir ao quarto da senhora Watson. — Adrian parece coeso e convicto entre as duas.

— Só ser for agora! — Marieva esfrega as mãos uma na outra.

— Não, sou a acompanhante dos dois, não vou permitir que façam uma loucura dessa! De jeito algum!

Adrian e Evinha se entreolham, e se entendem balançando a cabeça.

— Jô, se importa ir comigo ao meu quarto?

Pergunta despretensiosamente Marieva.

— Claro, vamos!

Jocasta fica feliz ao perceber que a conversa se encerra por ali.

No quarto, num rápido bote, Marieva e o companheiro, conseguem dominar a amiga, e amordaçá-la na camisa de força antes usada por Evinha. Jocasta está possessa e tenta se bater incansável, contudo, sem lograr êxito.

— Me tirem daqui! Vocês não podem fazer isso comigo! Voltem aqui! Vão se meter em confusão! Estou avisando, estou ficando muito brava...

Aquela porta.

No corredor sombrio, e com uma lanterna que falha toda hora, Marieva está vestida como enfermeira, roupas que surrubiara de Jocasta quando a amarrou em seu quarto, na sua camisa de força. Adrian também está vestido como um enfermeiro, os dois furtaram um jaleco na lavanderia, porém de um número muito menor ao do manequim do moço.

— Evinha, esse jaleco está apertado demais. Estou quase sem ar aqui dentro. — reclama.

— Roubado, esperava o quê? Um sob medida? Vai ter que se virar com esse mesmo, Adrian. Muito bem, estamos no corredor após a sala de música e agora, para onde vamos?

— ela aguarda as coordenadas.

— À nossa frente, deve estar uma porta estreita toda de madeira.

Ela ilumina a sombria passagem com o pequeno objeto, e avista a tal abertura.

— Tem uma porta desse jeito sim, e agora?

— Passamos por ela, e viramos à esquerda. O quarto da senhora Watson é ao lado do Raziel. — completa.

— O quê?

A moça se choca com a inesperada informação

— O quarto dela fica ao lado do Raziel? E só agora me diz isso?

Aumenta consideravelmente o seu tom de voz, corrigido pelo aceno das mãos de Adrian.

— Você falou que queria vir... — relembra.

— Maravilha! E se o maluco militar, nos pegar? O que vamos dizer?

Esperando uma resposta convincente dele.

— Que nos perdemos? Para mim parece ótimo! Não é?

Marieva mantém a seriedade, ele constata:

— Não, não é uma boa ideia. Será que a Jocasta está bem? — tenta desconstrair.

— Não se preocupe, ela vai ficar bem. — ilumina o local.

— Qual é o quarto dele? Antes ou depois do dela?

— Antes. No corredor há três portas. A

primeira é a dele, a segunda a dela e a terceira é a "aquela porta". — gesticula com os dedos.

— "Aquela porta"? — Não compreendendo.

— É, Evinha. *"Aquela porta"*...

— Que diacho de porta é essa, Adrian? — Evinha permanece na incógnita.

Adrian balbucia:

— O arquivo morto.

O semblante da moça se transforma e ela abre um belo e um sorriso quase infernal.

— Está de sacanagem? Jura? — estupefata.

— Evinha, viemos aqui para entrar no quarto da senhora Watson, lembra? E ainda temos que passar pelo quarto do Raziel sem que nos veja!

— Tem razão. Tem toda razão. — a moça se concentra.

— Dessa vez, nosso objetivo é outro. Bom, o que sugere?

— Apaga a luz da lanterna. Temos que tentar passar rente a parede e fazer o mínimo de barulho imaginável.

— Adrian, — procura um jeito de lhe dizer. — Não acha melhor que fique aqui, digo isto, por que ainda necessita do amparo das muletas para se

locomover.

— É, tem razão. Me livro delas, então.

Prontamente começa a ajeitá-las nas paredes com o intuito de abandoná-las ali mesmo.

— Não! Como vai tirar as muletas assim, Adrian? Pode se machucar!

— Cheguei aqui andando, vou sair daqui andando, lembra do que disse? Sou um cara altamente sugestionável. — Sorri.

— Qualquer coisa, apoie-se em mim, certo?

— Certo, vamos!

Os dois dão início à travessia, beirando as paredes escorregadias da trilha. Logo, notam que há muitos cacos de vidros no chão. Compreendem que seu propósito ali, convém de forma clara, para inibir a passagem de quem quer que seja.

— Adrian. — sussurra.

— Oi.

— Não tem como passar e não fazer algazarra.

— Acho que tive uma ideia. Vamos voltar e pegar as muletas.

Eles retornam ao ponto. Adrian entrega uma muleta à moça e fica com a outra.



— Para quê isso?

Ela não compreende o plano do rapaz.

— Até onde me lembro, há um cabo de aço esticado bem em cima de nós. Verifica com a lanterna.

— É, há sim. Mas como pode nos ajudar?

— Ele leva até o fim do corredor. Vire a muleta de cabeça para baixo, use o lugar de apoiar o braço como um gancho até prender no cabo com firmeza. Então, deixe a muleta pendurada, e vá segurando com as mãos até o quarto da senhora Watson.

— Quer que nos penduremos feito macacos? Na boa, não sirvo para Chita do Tarzan, Adrian!

— Bom, eu não tenho uma ideia melhor. Quer voltar?

Ela decide jogar a muleta na posição sugerida e reclama:

— Ai Meu Deus! Isso é praga da Professora de Educação Física que sempre me avisou que um dia, as aulas que matei a vida inteira na escola, me fariam falta!

— Preciso que coloque a minha também.

— Ok, vou tentar.

Marieva tenta três vezes sem sucesso.

Na quarta acerta em cheio o cabo e prende a muleta de Adrian. Ela o impulsiona para que possa segurar o cabo. Ele passa sem grandes dificuldades. Seu desafio agora, é tentar colocar a sua muleta. Na segunda acerta, se impulsiona segurando entre as duas paredes estreitas. Segura o cabo com força, mas percebe que não terá muita resistência para segurar o peso do próprio corpo.

— Eu vou cair, Adrian! — grita.

— Não, não vai! Vamos, força nas mãos! — ele a incentiva.

— Minhas mãos estão escorregando... — o nervosismo aumenta ainda mais.

— Segura firme, Evinha! Tem que conseguir!

Mas Marieva começa a dar sinais de cansaço.

Apreensivo, Adrian não sabe o que fazer, uma vez que sua visão, ainda um pouco turbada, o impede de ajudá-la. Ele tem outro plano.

— Balance o corpo, Evinha!

— O quê? — assustada

— Vamos, sacuda o corpo para frente e para trás, e quando ganhar impulso, se jogue para frente.

— Mas Adrian, desse jeito vou me espatifar

no chão!

— Pule em cima de mim, vou amortecer sua queda. Anda, não temos muito que pensar!

Ansiosa, o obedece. Começa a projetar o corpo para frente para trás, e quando se sente segura, solta as mãos do cabo e cai em cima do amigo. Entre os gemidos do moço, diz:

—Ai, meu Deus, matei o Adrian!

— Não, estou vivo, acho. — responde.

Se erguem, e ele retoma a arquitetura do lugar.

— Veja se na porta à frente, tem uma bonequinha de pano pendurada?

— Tem, tem sim! — Marieva afirma com clareza e satisfação.

— É este o quarto. Chegamos! — ambos sentem-se aliviados. — Vamos entrar, não podemos abusar da sorte!

Abrem a passagem unidos, entram e fecham rapidamente e com cuidado. O quarto está todo arrumado, semelha nunca ter havido nenhuma presença da senhora Watson ali.

— Adrian, — ela desconfia. — o quarto está de um jeito, parece que ninguém nunca esteve aqui.

Tem certeza que este era o aposento da senhora Watson? — indaga duvidosa.

— Claro que tenho. Esqueceu que estou nesse lugar há pelo menos quatro anos? Reconheceria esse cheiro em qualquer lugar.

Ele ressalta o odor elevando as mãos.

— Que cheiro? — pergunta intrigada.

— Puro uísque escocês! Hum... A senhora Watson adorava mergulhar em doses cavалares de um bom uísque escocês.

— Credo! — se espanta. — A velha era biriteira assim? Fazendo tricô daquele jeito, ninguém poderia imaginar. Quem diria!

Enquanto olha um pouco melhor o cômodo.

— Procure nas gavetas do criado mudo, Evinha. Comece por aí.

Logo que ouviu as coordenadas de Adrian, A moça desatinou a procurar Tim-Tim por Tim-Tim de todo criado mudo. Após, foram as gavetas da velha cômoda, tudo, fora meticulosamente revirado por Evinha.

— Cara, não é possível um negócio desse! Não tem vestígio de nada em lugar algum!

— Paciência! — ele pede. — Deixe-me

pensar cá com meus botões.

— Gavetas?

— Conferidas.

— Cômodas?

— Conferidas.

— Debaixo da cama?

— Nada. Também olhei. Será que passar por esse sufoco todo não vai dar em nada?

A moça resmunga evidenciando uma provável mudança de humor.

— Não faço ideia de onde isto possa estar! — desabafa.

— Um minuto! — Evinha gesticula.

— O que foi?

— Disse que ela era chegada num uísque?

— Oh, e como! No que está pensando, Evinha? Conheço esse olhar... — sentindo problemas.

— Suponho que fazia isso às escondidas, não deve fazer partes das normas da casa deixar pacientes se embriagar, certo?

Ele concorda .

— Verdade! A senhora Watson sempre dava um gole e outro numa garrafa que escondia por

dentro do vestido.

— relembra.

— Então, é bem plausível também, que houvesse um lugar secreto no quarto, ou não? — instigada ela sorri.

Adrian se vira para a janela, parece revirar em sua mente algo que atine para a colocação de Marieva. Para, olha para ela e cita:

— Uma vez... Somente uma vez, a ouvi mencionar algo com o velho Artur para apanhar a reserva aqui no quarto.

— Excelente Adrian! Onde? Tente lembrar! Confio no seu HD!

Sorri cinicamente, enquanto coloca as mãos em forma de penitência.

Ele anda de um lado para outro. Puxa, repuxa, bate e rebate as lembranças e grita com vontade:

— O banheiro! — aponta para portinha dentro do recinto. — É isso, no banheiro, Evinha! Dentro da caixa d'Água da privada.

— Partiu!

Marieva se embrenha dentro pequeno banheiro. E começa a gritar:

— Está muito escuro aqui!

Resmunga, enquanto bate a cabeça no que parece ser uma barra de ferro.

— Adrian, tem alguma parada estranha aqui, o chão está meio que se mexendo. Me passa a lanterna!

Ele fecha a porta do banheiro assim que ela entra.

— Evinha, tem uma coisa que precisa saber sobre esse banheiro antes de lhe passar a lanterna.  
— coça a cabeça preocupado.

— E só me diz isso agora? O que é?

— Por acaso, assim, só a título de curiosidade, você teria medo de baratas?

OBS.: as palavras que foram ditas a seguir pela personagem foram subtraídas pela escritora em virtude de seu baixo calão. Desnecessário, não é pessoal? Vamos manter o nível!

— SOCORRO!!! — berra aos quatro cantos.

— Pelo amor de Deus, Evinha. Quer que nos descubram?

# PERIGOSAS

Adrian corre até a porta com receio que Raziel pudesse ter ouvido o ataque de Marieva.

— Me deixa sair daqui, imediatamente Adrian!

Inicia-se o segundo round com socos e pontapés na porta.

— Evinha, pare de gritar! O perigo mora ao lado, esqueceu? Mulheres!

— Pois não vou dividir o mesmo espaço que essas bandidas! Me deixa sair! Tem milhares destes seres desprezíveis aqui me olhando grotescamente! Sangue de Jesus tem poder!

— Cacete Evinha! Vai estragar tudo por causa de umas baratinhas?

Ele precisa demovê-la daquela ideia estapafúrdia de sair do banheiro infestado de "*cucarachas*".

Ela pensa melhor e respira, e diz:

— Tudo bem. — Respira pausadamente. — Um minuto, um minuto apenas, nem um segundo a mais. Me passa a lanterna.

Assim que Adrian passa a lanterna por debaixo da fresta da porta, Marieva a liga, encontra dezenas, grandes e saradas burguesas para todos os



gostos, cores e tamanhos. A gritaria recomeça:

— Não! É mais forte que eu, me tira daqui, ADRIAN!

Batendo na moça o total desespero.

— Evinha, se concentra na carta, pensa na carta! Vai, sei que consegue!

— Ai Meu Deus, que nojo! Tem duas se pegando aqui, são tão grandes, parece até o Vitor Belfort lutando com Anderson Silva! Eca!

— Pensa na carta, foca na carta!

— Fácil falar, não é gostosão? Encara aqui que eu quero ver! Ai, que coisas asquerosas !

— Anda Evinha, anda logo!

— Achei! — Grita aliviada. — Está aqui! Peguei! Abre a porta, estou saindo do Hades!

A garota sai carregando o envelope na ponta dos dedos. Com cara de nojo e muito brava com o amigo.

— Essa vai ter troco, Adrian! Me aguarde! — sem dúvidas, o ameaça.

— Desculpe, não tinha outro jeito. — beija-lhe no rosto.

— O importante é que achou. Abra, vamos ler!

Eles colocam atenciosamente o envelope em

cima da cama.

Olham um para o outro, focam a lanterna para averiguar com mais cuidado.

Observam que o envelope é de cor roxa, bem escuro. Dentro o brasão, que está na recepção da clinica psiquiátrica. Na folha com o brasão em relevo, a frase que Adrian já havia citado.

— Não disse? Eis a frase!

Marieva trás os dedos nas pontas do lábios e deixar escapular parte dos seus adágios.

— Intrigante isso...

—O quê? O brasão ou a frase Pergunta o moço curioso.

— Não, outro detalhe...

— Qual? Fala logo, Evinha! — Adrian estava agitado.

— Sabe, sempre fui uma grande curiosa da religiosidade humana. Estudei tudo que possa imaginar sobre as mais antigas religiões e suas civilizações extintas. Comecei inúmeras faculdades, mas, não tive saco para terminar nenhuma. No entanto, fiz todos os cursos que possa imaginar sobre este assunto.

— Por isso fala iídiche?

— Pois é. Entretanto, a cor desse envelope é que mais me chamou atenção, além do brasão que ainda não sabemos o que significa, e a frase que já traçamos alguma linha de raciocínio. — Cita intrigada.

— Ok. Explana o conhecimento, guria.

Adrian se mostra sedento para saber o que ela pensa.

— Em algumas religiões antigas e ainda em algumas atuais, a cor roxa, é associada à cor das pessoas que tiram a própria vida. Roxo é cor dos suicidas.

— Está falando sério? — se assusta.

— Segundo a crença da doutrina espírita, há um lugar chamado "O vale dos suicidas". Em alguns desses livros da religião, é um lugar, onde justamente as almas lamentam pelos seus atos, em tirar a própria vida. Em todos, os tons roxeados predominam. Um dos últimos quadros De Vicent Van Gogh, foi "O Campo de Trigos com Corvos" de 1890. O que chama atenção na obra, é que, dizem que este foi o último quadro pintado por ele, que teria se suicidado uma semana depois, com um tiro no peito disparado por uma arma que emprestara com o propósito de espantar os corvos.

NACIONAIS - ACHERON

Pois bem, muitos críticos viram no céu tempestuoso, nos corvos revoltos como anjos negros e na agitação do trigo uma clara demonstração do estado de espírito tumultuado do pintor que entremeava momentos de lucidez com outros de delírio devido à sua doença mental, entretanto, o fato é, acima do campo de trigo, Van Gogh usou cores escuras, nebulosas e sombrias, e o que impera, é justamente o roxo, em suas várias nuances. O assunto é vasto. Entretanto, a cor preferida de Vicent Van Gogh, como bom Holandês, era o amarelo ou laranja, como queira. E foi exatamente por isto que o quadro tomou tanta repercussão, ele nunca havia usado a cor roxa de maneira tão intensa. Quase dividindo dois mundos: Os dos vivos e dos mortos.

— Então, segundo a sua vasta colocação sobre o assunto, está querendo dizer, que a senhora Watson, era uma suicida?

— Pode ser que sim, pode ser que não. Temos que investigar!

— Evinha, só tem um porém. — ele para, e olha para a moça.

— Qual?

— Desde que estou aqui, todos os pacientes  
NACIONAIS - ACHERON

que receberam esse envelope, sem exceções, foram idênticos a este.

— Todos? Tem certeza disso, Adrian? — questiona.

— Absoluta! — responde contundente. — É sempre o mesmo envelope, com essa mesma cor, com o brasão e a mesma frase. E no dia seguinte, a pessoa desaparece.

Marieva senta-se na cama pasmada.

Adrian se incomoda com o silêncio da moça.

— O que foi? No que está pensando?

— Vamos voltar para o meu quarto e soltar a Jocasta. Posso estar errada, mas acho que só há um meio desvendar a fonte de todos esses mistérios e isso inclui o que viemos fazer aqui.

— Que jeito?

— Teremos que visitar o arquivo morto.

— Agora sou obrigado dar razão à Jocasta. Você enlouqueceu? Não podemos entrar lá!

— Mas se quisermos descobrir o que estamos realmente fazendo aqui, e o que todo esse lugar representa, é lá, que iremos encontrar as respostas.

— Evinha, se todos que recebem a carta são suicidas, e em seguida desaparecem, se as pessoas

só entram na Casa dos Destinos e nunca saem.  
Então nós...

Ela levanta, tapando a boca do rapaz com a palma de sua mão. Olha em seus olhos e balança a cabeça negativamente. Apenas emiti um som.

— *Psiu.*

Adrian entende, e saem rapidamente do quarto que um dia pertenceu a Senhora Watson.

## CAPITULO X

### A ULTIMA QUARTA DO MÊS

Jocasta estava sendo liberada da camisa de força enquanto esbravejava. De imediato, não compreendeu o sigilo comedido entre os dois, assim como os semblantes fechados de ambos.

— Sacanagem! Muita sacanagem o que os dois fizeram comigo!

— Calma Jô — Adrian tenta apaziguar os ânimos da amiga. — Foi um mal necessário.

Adrian fala de pé, e então, Jocasta nota que está sem as muletas.

— Adrian, está andando sem as muletas? Que maravilha! — e logo depois recobra estar enfurecida pelo cativo. — Mas, não importa, ainda estou severamente chateada com os dois!

— Se continuar a resmungar, te largo de vez nessa porcaria. E olha, que não ficou ruim, não. — Replica Marieva.

— Me tira logo daqui, Evinha.

— Fomos ao quarto da senhora Watson. — confia Adrian.

— Até tu, Brutus? — rebate a enfermeira.

— E advinha o que descobrimos?

— O quê? — Jocasta se mostra inquieta.

Marieva puxa de dentro do sutiã o envelope e coloca-o em cima da mesa.

— Isso!

— O envelope negro! — Jocasta coloca a mão sobre o peito, e se arrepia inteira.

Adrian e Marieva, sentam ao seu lado e contam tudo que descobriram no quarto. No dia seguinte, eles voltam a biblioteca. Os três sentados um ao lado do outro, todos em silêncio. Tentando, ao seu modo, encontrar respostas. Jocasta, quebra o silêncio.

— Gente, e se eu perguntasse ao Raziél sobre o envelope? Posso fazer isso, como funcionária.

Adrian se posiciona enquanto caminha até a janela.

— Acha mesmo que te explicaria tintim por tintim, Jô? Tenho certeza que não diria nem a metade do que descobrimos sozinhos.

— Concordo com Adrian. — endossou Marieva.

O tempo passa.

Marieva especula uma possibilidade.



Até aquele momento, tudo que sabiam tinha sido descoberto, ainda que de forma indireta e sem nenhuma intervenção pretensiosa por meio de fagulhas, pontas soltas deixadas ora por Raziel, ora por outros funcionários. De certo modo também, era evidente que a própria Casa dos Destinos corroborava, para que seus segredos fossem revelados gradativamente.

O pensamento da moça foi dividido com seus companheiros de jornada. Todos foram unânimes. Se talvez Raziel soubesse de algo, e sim, detinha este conhecimento, quiçá não poderia repartir com eles. Afinal, quem não garantiria que o próprio, também não fosse subalterno a uma hierarquia maior que até aquela ocasião, era desconhecida por Adrian, Jocasta e Marieva.

Depois de horas conversando, chegaram à uma conclusão. Jocasta deveria ir até Raziel, com o preciso intento de arrancar dele todo tipo de informação que pudesse ser adicionada, as que já possuíam. A questão era, Jocasta seria a personagem certa para tal missão? A personalidade submissa e temerosa poderia virar o feitiço contra os feiticeiros, a enfermeira poderia vir a falar em demasia, ao invés de recolher pistas. Persuasão, não

era decididamente, sua marca principal. Entretanto, Marieva, achou por bem, depois de muito instruí-la, que sim, ela seria dos três, a mais recomendada para aquela prosa com o coordenador.

A enfermeira se ajeitou, estufou o peito, pediu que lhe desejassem sorte, e se direcionou a sala de seu chefe. Quando se deparou frente à porta, hesitou com a mão no meio do caminho. Mas, logo respirou mais fundo, bateu, e entrou pedindo licença.

— Raziel? — Proferiu bem baixinho.

Uma senhora fazia a limpeza do lugar, e de imediato a advertiu.

— A esta hora? De certo irá encontrá-lo na sala de música, amada.

— Obrigada.

E saiu fechando a porta.

No entanto, assim que saiu, questionou o porém de nunca ter visto a tal consorte, e voltou para perguntar seu nome. Bateu na porta, e adentrou como da última vez.

— Senhora? Desculpe, mas não estou recordando, qual mesmo o seu ...

A mulher havia esvanecido.

Simplesmente, como se nunca estivesse estado ali.

Jocasta não sentiu medo, tampouco intimidada, e até estranhou seu comportamento. Contudo, se deteve a sua missão, e se direcionou a sala de música.

Foi quase na entrada do corredor, que ela ouviu o solo de um violino vindo da sala, tocando esplendidamente "The Prayer".

Sentiu-se arrebatada.

Não importava quem fosse o violinista, seus dedos eram castos, sutis como deve ser o toque angelical.

Teve o cuidado de ir se beirando pela parede até a entrada, onde com zelo, contemplou aquela cena sublime.

Havia um ser dentro do ambiente. Diferente de tudo que seus olhos já avistaram. Sua forma era humana, entretanto, não havia moldes detalhados dos olhos, boca, face como um todo. O corpo era alongado, e brilhava como ouro flamejante. Ele dedilhava o instrumento com uma intimidade ímpar, poderia jurar com suma facilidade que ambos haviam nascidos um para o outro. O ser rodopiava em seu próprio eixo enquanto as notas

NACIONAIS - ACHERON

eram tiradas do violino.

Não havia dúvidas, aquela era verdadeiramente "A Oração" bulida em suas ínfimas proeminências.

Era um milagre.

Jocasta sentiu-se em paz. E quando tentou limpar seu rosto, de lágrimas de contentamento que sua alma trazia á tona, sem querer bateu com a mão na porta. E foi numa piscadela, que aquele ser esplendoroso ofuscou-se diante dos seus olhos.

— O que faz aqui?

Apesar de não estar vendo, ela sabia que aquela era a voz de Raziel.

— Desculpe, não quis interromper, só queria trocar duas palavras... Se possível. Mas, posso voltar outra hora, aliás, é o ponderável.

— Jocasta.

Seu rosto surgiu da sacada da varanda, onde há um milésimo de segundo, poderia jurar que não estava.

— O que quer falar comigo?

— Desculpe. Não sabia que...

— Não irei perguntar duas vezes.

— Temos dúvidas. Até onde sei, é a você quem tenho que recorrer.

— Diga.

Raziel senta-se no sofá envelhecido, convidando-a para que faça o mesmo no que está a sua frente.

— Qual é o significado do envelope negro?

— Questiona titubeante.

Ele a encara como quem sabia que aquela seria a pergunta.

— O envelope negro? — Repete.

— Sim. Precisamos saber por que num dia o paciente o recebe e no outro, desaparece como se jamais estivesse estado aqui.

— Sente medo de mim.

— Não, não sinto medo não. — Rebate nervosa.

Raziel esboça um riso.

— Não foi uma pergunta, foi uma afirmação. O que quer saber sobre o envelope?

Sem hesitar, diz:

— Tudo que puder me contar!

— Nesse caso sua resposta será: nada!

— Como? — Inclina o rosto para o lado.

— Você disse para contar tudo que eu puder sobre o envelope negro. Não posso contar absolutamente nada.

— E por que não? — Argumenta.

— São as regras. Assim como você, também tenho que obedecer algumas regras na Casa dos Destinos.

— Entendo. Acho, que entendo. Sabe Raziel, quando vim trabalhar aqui, vi e testemunhei inúmeras esquisitices, atrocidades que não questionei, porque tenho a consciência que esse não é o meu papel. Entretanto, não tenho como não comentar, há muitas coisas nesse lugar que vão muito além da minha compreensão. Aliás, da Marieva e Adrian também. Por mais que tente contê-los, sinto que a situação está cada dia mais fora do meu controle. Não sei o que dizer a eles, simplesmente porque não me disseram nada.

Raziel se ergue do acosto, passeia um pouco pela sala, coloca as mãos nos bolsos da calça, e retorna a cabeceira do sofá.

— A Casa dos Destinos não é um lugar para ser compreendido dentro da esfera humana. Jamais o entenderá ser for racional.

— O que está tentando sugerir, Raziel? Que  
NACIONAIS - ACHERON

esse lugar não existe na realidade?

— Estou narrando, que esse local, talvez precise mais do que esforço humano para ser compreendido. Só isso.

— Um esforço sobrenatural? — Jocasta arrepiou-se da nuca aos pés.

— Quem sabe. Bom, se essas eram suas duas palavras, creio que já proferimos um número bem maior. Se não se importa, preciso ir à sala dos superiores. Com licença.

Quando ele passou por ela, um derradeiro pensamento lhe abateu. Jocasta queria saber se a visão que tivera com o ser dedilhando o violino tratava-se de algo celestial. E antes que elaborasse a questão, Raziel parou, contemplando seu rosto por um segundo, e respondeu:

— Você não viu nada além do que não desejasse em seu coração.

Jocasta parou, e pensou alto:

— Mas o que será que ele quis dizer com isso?

Voltou afoita, e narrou tudo que se passara para seus amigos. Marieva tentou raciocinar cada

palavra. Adrian, no entanto, a advertiu:

— Não adianta pensar muito, Evinha. Raziel foi claro com Jocasta, este lugar não é racional.

— Tem razão. — Ela concordou. — Só há um meio de termos as respostas que necessitamos.

— Que meio? — indagou o moço.

— Teremos que ir ao arquivo morto.

— E como acha que iremos conseguir entrar lá? Não é a mesma coisa de ir ao quarto da senhora Watson. Nem mesmo sabemos como é lá dentro, tampouco o que vamos procurar. Precisamos de tempo, e não temos esse tempo, Evinha.

— explicou Adrian.

— Além disso, estamos pondo nosso pescoço a prêmio.- enfatizou Jocasta roendo as unhas.

— Qual é o dia que reúnem todos os pacientes para aquele jantar horroroso, onde ninguém fala ou olha para cara do outro?

— Toda última quarta do mês. — respondeu a enfermeira.

— Então será na próxima semana. — concluiu o jovem ansioso.

— É a nossa chance! Vamos entrar na sala do arquivo morto na próxima quarta. — a moça foi



incisiva.

— Como? — perguntou Adrian.

Jocasta tratou logo de revoltar-se:

— Pelo amor de Deus, Evinha. É o único dia que a gente come melhor!

A bronca da moça se justificava.

Se havia um momento esperado pelos habitantes da Casa dos Destinos, era a última quarta do mês. Em parte, porque de certo modo, todos pacientes se reuniam ao mesmo tempo na sala Especial. De fato, o único lugar de toda clínica que lembrava sem falsa modéstia ,um ambiente requintado e muito bem ornamentado.

Todas as vezes que Marieva entrava naquela sala, era como se voltasse em sua linha do tempo e recordasse do suntuoso salão de festas que seus avós possuíam em uma das inúmeras propriedades da família.

Lustres detalhados em cristal francês, candelabros, talhados a mão em pura madeira, mesas decoradas com o mais fino dos tecidos, semelhantes, só havia visto em uma de suas viagens para Índia , onde, os últimos dos marajás, a receberam como regra de seu protocolo aristocrata. Entretanto, ainda de algum jeito, aquela sala era

NACIONAIS - ACHERON

deveras, muito mais elegante e exuberante, não consideraria demasia, rotulá-la como perfeita.

Desde que estiveram ali pela última vez, os três sentiram alterações ao adentrá-la outra vez. E não pouparam comentários entre si:

— Há algo diferente aqui. — Comentou Jocasta, olhando tudo a sua volta.

— Verdade. — Concordou Adrian. — Venho aqui há quatro anos seguidos, mas, parece que hoje é a primeira vez que entro na sala Especial.

Marieva fechou os olhos com tamanho ânimo, que por um momento achou ter ouvido uma voz familiar.

— Evinha? — tocou Adrian sutilmente sua mão. — Está tudo bem?

— Está pálida, amiga. — verificou Jocasta. — Sente-se bem? Melhor procurar nossos lugares, e nos sentarmos.

— Jocasta tem razão. Vamos, Evinha. — ele insistiu tirá-la do lugar.

— Não! — pronunciou firme. — Não estão ouvindo?

—O quê? — tentou a enfermeira aguçar a audição.

— Do que está falando? — Adrian se preocupou.

Marieva soltou a mão do rapaz, e desatinou para o fundo do imenso salão, o som caseiro vinha de lá, embora o lá, fosse desconhecido para ela.

— O que deu nela? — indagou o rapaz.

— Não sei, vamos segui-la.

E enquanto Adrian e Jocasta a acompanhavam como bons cães de caça, a moça cortava todo salão cheio de pacientes e funcionários, e do mesmo modo, que ouvia a voz familiar, percebia também um cheiro peculiar e íntimo. Entre um: "*Com Licença!*" e um "*Muito obrigado!*", foi rasgando pelo meio da pequena multidão de rostos desconhecidos, até que chegou ao término da colossal sala Especial.

Destemida, empurrou sem medo a porta de vidro grande que dava para a sacada da clínica. E assim que abriu as gigantescas abas da porta, deparou-se com a lua clara, e uma brisa suave. Entretanto, logo que ultrapassou a tal passagem, a mesma se fechou para seus amigos que vinham em seguida. E não foi apenas isso que encontrou ali.

— Boa noite, Marieva.

Sim, era Raziel, surgindo mais uma vez do  
NACIONAIS - ACHERON

nada. Trajado a rigor, e com uma taça feita do mais apurado cristal, que esticando uma das mãos, ofereceu à moça, que não pestanejou em aceitar. Dentro, não continha champanhe, e sim um delicioso e raro vinho, jamais debicado pela requintada moça acostumada as mais refinadas regalias. Marieva, não pensou e virou todo teor da taça de uma só vez, sabia que por algum motivo, estava sedenta por aquela bebida. O que não a poupou notar, que no mesmo cálice, também estava o emblema misterioso da entrada da Casa dos Destinos e da carta da senhora Watson.

Ela olha para Raziel um tanto ressabiada, e entrega-lhe a taça. Ele segura a taça, e a põe em uma mesa bem fina, transparente, com uma solitária rosa branca enfeitando o objeto. Tinha a sensação de que estava ali propositadamente para aquela finalidade.

—Vejo que gostou da bebida que lhe ofereci.  
— ele comenta entre um gole e outro.

Marieva observa que Adrian e Jocasta, tentam abrir a porta, e gesticulam com as mãos que não conseguem abri-la. Gesticula a cabeça, e com uma das mãos discretamente, pede para que tenham calma. Para ela, está claro, de que era a sua

NACIONAIS - ACHERON

presença que deveria chegar até a sacada com Raziel, o que excluía seus amigos. Os dois se tranquilizam. Ela caminha até a varanda olhando pela primeira vez a Casa dos Destinos de um segundo plano. Do alto.

É possível ver, que a volta tudo não passa de uma imensidão de água. Que o lugar está em cima de um assombroso penhasco, um típico cenário dos clássicos de terror. Que o único caminho que há, é uma estreita ponte de concreto, com acesso de no máximo um veículo de capacidade, que possui no mínimo cerca de dois a quatro quilômetros de extensão, ao que considera ser terra firme ou de volta a civilização.

— Uma bela visão, não acha? — questiona Raziel chegando ao seu lado.

— Me trouxe aqui por uma razão, não foi? — o questiona sem titubear.

Ele sorri, e prossegue:

— Por que para você, tudo sempre precisa ter uma razão ou um propósito, Marieva?

— Porque posso ter todos os defeitos do mundo, mas burra, eu não sou, Raziel. — Fitou-lhe incisivamente.

Raziel passa por trás dela, e comenta:

NACIONAIS - ACHERON

— Está correta, na classificação dos seus incontáveis defeitos, sem dúvida a arrogância está presente no topo da lista.

— Não dou a mínima importância sobre a maneira como enumera meus defeitos! — ela se altera. — Por que me trouxe até aqui? O que quer comigo?

— Não a trouxe aqui, você veio com suas próprias pernas, lembra? — apontando a porta.

— Vim porque pensei ter ouvido uma voz muito familiar e senti um cheiro que gosto muito e...

— A voz da sua avó, não foi? — Ele fixa o olhar na imensidão do nada, que cerca a Casa dos Destinos. — E o cheiro, foram de tulipas, suas flores prediletas, estou certo?

— Como sabe disso? Quem lhe contou? Quem lhe falou sobre isto? — Marieva está decidida a fazê-lo falar.

— No entanto, o que mais lhe intrigou foi o fato de que das outras vezes que entrou na Sala Especial, nunca havia ouvido ou sentido nada familiar, nada tão íntimo, tão seu, procede? — Dessa vez Raziel encara a moça de maneira clarividente.

— Aonde quer chegar? — o encara. — Seja conciso, pelo menos uma vez!

— Não te parece curioso, que pela primeira vez desde que está aqui conosco, consiga ouvir a voz de sua avó e o delicioso odor de suas preferidas tulipas?

Ela o olha desconfiada, e conclui.

— Então realmente ouvi a voz da vovó, assim, como senti o cheiro doce das tulipas.

— Se está afirmando...

Ela o empurra com os dois braços para um canto da sacada com toda sua força.

— Sabe, estou farta de você e suas charadas! Não tem muito jeito para isto, caso nunca lhe tenham dito!

O semblante dele é calmo e sereno. Com as mãos seguras por elas contra a parede, apenas lhe diz:

— Não sou seu inimigo como supõe, Marieva. Não estou aqui para lhe criar obstáculos. Pelo contrário, meu papel aqui, é ajudá-la. Foi para isso que fui trazido para A Casa dos Destinos.

— Mentiroso! — Grita. — Está mentindo! Acha que não alcanço como você cozinha em

banho-maria a pobre da Jocasta? Como se mantém distante de Adrian? Como some e aparece de uma hora para outra? Acha que não percebi? É tão estranho quanto todo este lugar! A mim Raziél, esqueça você não engana! — ela o solta, e vira-se novamente para o início da sacada.

Ele se arruma, e fala algo muito misterioso.

— Não minto Marieva. E mesmo que agora não entenda ou duvide, sou seu amigo, o único em toda sua vida talvez. Um amigo que esteve contigo durante todos os anos de sua história. Que lhe viu chorar, e tentar pela primeira vez dar cabo a sua existência, devido a morte de seus pais. Que esteve presente, quando todos se ausentavam de sua pessoa. Quando todos a julgaram, tripudiaram, repeliram, e triunfaram com a sua queda. Mas, a sua vida desregrada, lasciva e extremamente egoísta, a impedia de enxergar qualquer fato que fosse além do seu próprio umbigo. Apesar de que, muitas vezes, sua avó a atinou sobre a minha presença.

A moça sente um arrepio roçar-lhe todo corpo.

Um frisson não de medo, porém, de alento. Alguma força estranha emana do homem quando

NACIONAIS - ACHERON



ele a fala estas coisas.

Subitamente, se vira para remediar-se com ele, entretanto, é tarde demais. Raziel havia desaparecido. Agora, um arrepio muito mais intenso toma seu corpo das pontas dos pés até a nuca. Marieva sente paz, embora, espantada com o desaparecimento inesperado do indivíduo.

Então, nota que há algo além das taças e da rosa branca em cima da mesa de cristal. Um pequeno gravador. Antigo, muito antigo, semelhante ao de sua avó, onde sempre cantava cantigas de ninar para a neta antes de dormir. Marieva o apanha e traz contra o peito. Adrian e Jocasta conseguem enfim abrir a porta. Vendo o estado de assombro da amiga, Jocasta imediatamente, a abraça reconfortando-a:

— Você está bem? Fale? Está tudo bem? Vai ficar tudo bem!

Ela olha para os dois, e responde acanhadamente:

—Sim. Estou.

Os três voltam para a Sala Especial.

Sentam-se em suas cadeiras, e participam da ceia, com a mesma sopa rala de sempre, contudo,  
NACIONAIS - ACHERON

com alguma pitada que a diferencia das demais.

Parece estar mais saborosa.

No ar, torna-se comum aromas de bolos deliciosos, chocolates, salgadinhos, biscoitos, docinhos e frutas, sim, o cheiro das frutas é simplesmente enlouquecedor, embora, nenhuma delas esteja ali.

— Nossa! Desde que cheguei aqui, nunca provei essa sopa tão boa quanto hoje! — exclama Adrian empolgado.

— Será que podemos repetir?

— Tomara que sim. — replica Jocasta. — Sinto que estou na casa da minha irmã provando o caldo verde que sempre faz para mim, só ela sabe fazer! Hum, que delícia!

— Para mim, esta sopa lembra a lasanha que mamãe faz todos os domingos quando vou visitá-la. Ah quanto tempo não experimentava esse sabor! Como posso ter esquecido o quanto isto é bom?

Marieva come calada.

Sua sopa também é especial.

Tem o gosto do creme de ervilhas que Ana, que fora a cozinheira de sua família por anos, agora falecida, fazia, porque sabia o quanto adorava, e por várias vezes a confessara ser o seu prato

NACIONAIS - ACHERON

predileto. Mas, mesmo se deliciando, não deixava de se perguntar: “Como poderia estar provando algo feito por alguém que já morrera?”

Depois do quarto prato, Adrian e Jocasta brincam e observam o silêncio anormal de Evinha.

— Por que está tão calada? — sussurra Adrian tocando seus cabelos. — O que aconteceu lá fora, na sacada?

Ela nem o olha, somente responde:

— Agora não Adrian. Vamos sair daqui, e então conversaremos.

Ele estranha a frieza da moça assim como Jocasta, que o olha e lhe dá os ombros.

— E o arquivo morto? — ele questiona. — Não era hoje que entraríamos lá?

— Outra oportunidade como essa, só daqui há um mês.

— constata Jocasta.

— Eu não irei. Se quiserem ir, vão. Quero voltar para meu quarto. — limpa a boca com o guardanapo. — E por hoje, peço que entendam desejo ficar sozinha. Com licença!

A jovem se levanta, e sai da Sala Especial às pressas. Adrian e Jocasta, não sabem o que pensar.

— Será que dissemos alguma coisa errada?  
— pergunta Jocasta, enquanto bebe um pouco d'água.

— Não, claro que não Jô. — apazigua Adrian. — Alguma coisa aconteceu, enquanto ela esteve lá na sacada. — Afirma.

— Mais o que pode ter sido? Evinha estava só. Nós dois a vimos.

Agora era fato, Adrian e Jocasta, não viram Raziel na varanda com Marieva. Durante todo aquele tempo em que a moça estivera na varanda, os dois a viram sozinha, apenas ela, mais ninguém.

— O que faremos? — indaga a enfermeira.

— Podemos ir sem Evinha. Se quiser...

— Acho mesmo é que deveríamos ir atrás de Evinha. Estou preocupada com ela!

— Também acho, Jocasta. Mas ela foi bem clara, quer ficar só. Temos que respeitá-la. Amanhã é outro dia, vai estar melhor.

— Adrian, tudo que ela mais queria nesta noite era ir até o arquivo morto. Deixar isto de lado? Do jeito que é? Algo muito grave rolou naquela varanda!

— Quer ir ao quarto dela mesmo assim?

— Não. Você está correto, se formos talvez nos escalpele vivos. Vamos aproveitar esse restinho de jantar, que pela primeira vez, foi verdadeiramente, especial!

Os dois brindam e se confraternizam, mas deixam escapar certa frustração pela ausência do terceiro elo do cordão de três dobras.

Em seu quarto, Marieva está deitada em posição fetal sem tirar os olhos daquele gravador.

Em sua mente há um misto de emoções.

Ao mesmo tempo quer ouvir o que tem ali, refletir no que passou naquela noite na Sala Especial, nas palavras ora sem nexo de Raziel.

Por um momento, pensa numa melodia, que a elegeu como sendo a sua trilha sonora há anos. Vira-se para parede, enfia as mãos por baixo do colchão tateando de um lado para outro, até que encontra o que tanto procura. A gaita que subtrairá da sala de música sem a percepção de Jocasta.

Levanta da cama, abre a janela deparando-se com a grade velha que a cerca. Coloca suas pernas para fora, assim como os seus braços, se ajeita, e começa o som deprimido e solitário de seu instrumento favorito, toca para si a melodia cuja letra revela parte do todo complexo chamado NACIONAIS - ACHERON

Marieva Rondan Palhares.

Meu caminho é cada manhã  
Não procure saber onde estou  
Meu destino não é de ninguém  
E eu não deixo os meus passos no chão  
Se você não entende não vê  
Se não me vê não entende

Não procure saber onde estou  
Se o meu jeito te surpreende  
Se o meu corpo virasse sol  
Se a minha mente virasse sol  
Mas só chove, chove  
Chove, chove...

Se um dia eu pudesse ver  
Meu passado inteiro  
E fizesse parar de chover  
Nos primeiros erros  
Meu corpo viraria sol  
Minha mente viraria sol  
Mas só chove, chove  
Chove, chove ...

Meu corpo viraria sol  
Minha mente viraria  
Mas só chove, chove  
Chove, chove  
Meu corpo viraria sol  
Minha mente viraria sol  
Mas só chove, chove  
Chove, chove...

No dia seguinte, Jocasta e Adrian combinaram de juntos, ir ao quarto de Marieva. Queriam lhe fazer uma surpresa, animá-la se fosse o caso. Contudo, logo que entram, são eles que se surpreendem.

— Onde está? — Pergunta Jocasta.

— Para onde pode ter ido? — Replica Adrian.

Os dois pensam por um minuto, e chegam a um senso comum.

— Banho de sol? — juntos.

Disparam para a portaria. Jocasta sente seu coração palpitar, por um momento teme que Evinha tenha recebido a tal carta e desaparecido. Ela avista

Luviah, e a indaga:

— Bom dia, por acaso viu a Marieva hoje?

— Não. Não a vi, Jocasta. Mas ela não deveria estar com você? — Devolve a pergunta.

A enfermeira solta um riso de pouco energia, e volta ao amigo.

— Ela não está aqui! — Pondo as mãos na cabeça.

— Acalme Jô! — Diz o moço. — Vamos olhar direito no pátio, pode ser que esteja em algum canto na dela. Vamos!

Eles dão início a mais nova perseguição da Casa dos Destinos. "Onde estará Marieva?". Procuram em todos os lugares, olham tudo, até que decidem aproximar um pouco da guarita para se descansar.

— Não pode, ninguém evapora assim! Onde essa garota foi se enfiar! — A enfermeira está desolada.

Adrian recosta com a mão na barriga devido à correria frenética.

Num ato, reclina a cabeça no muro chapiscado, e procura proteger com a mão o reflexo persistente de alguns raios solares. Quando nota



uma imprecisa silhueta sentada na sacada cinco lances de escadas acima de onde estão.

— Jocasta?

— Sim Adrian.

— Acho que encontrei a Evinha...

— Onde? — olhando o perímetro.

— Está lá! — aponta para céu.

— Lá onde, Adrian? — desesperada. — Não vejo nada!

Ela a pega pela cabeça e a vira para cima e diz novamente, agora em um tom mais alto.

— Lá!

Foi a gota que faltava para a enfermeira entrar num colapso nervoso.

— Meu Deus! Ela vai se jogar, Adrian! — correndo de um lado para outro. — Eu sabia que não a deveria deixá-la sozinha, sabia! Não pula! Não pula, querida!

— Jô, para com isso! — a agarra pelo braço. — Quem te disse que Evinha vai se jogar?

— Ainda tem alguma dúvida sobre isso? Olhe onde foi parar!

— Sentada, balançando as pernas, olhando para o infinito? Acredita mesmo que isso é pose de

quem vai se jogar ladeira abaixo? — enrugando a testa.

Jocasta não se convence, e sai cruzando desatinada, a subir os cinco lances de escadaria em ritmo puxado, atlético e suicida, uma vez que não tinha preparo físico para tal façanha.

Alguns minutos depois, com uma forte dor no diafragma, e apoiada pelos ombros de Adrian, eles chegam até a moça, que com um sorriso cativante exclama:

— Estava a espera de vocês há um tempão! Onde estavam que demoraram tanto?

Jocasta quase desmaiando olha para Adrian, que reafirma.

— Eu te avisei, ela não ia se jogar.

Entre uma falta de ar desconfortante, consegue responder:

— Por favor, cala a boca, Adrian.

— O que houve com você, amiga? — Pergunta Evinha, enquanto pula da sacada para acudir a enfermeira.

— Nada demais. Já, já fico nova em folha!

O moço sorri disfarçadamente.

Após se recompor, Jocasta questiona a

atitude da amiga.

— Mas afinal de contas, o que veio fazer aqui em cima? E pior, sem autorização?

— Por acaso alguém algum dia já lhe disse que regras também foram feitas para serem quebradas, minha nobre e azucrinante amiga?

— Caramba, a vista daqui de cima é...

— Assustadora. — completa Evinha. — Dá calafrios, não? — Ela entrelaça os braços dele sobre sua cintura.

— O que veio fazer aqui?

— Essa era minha próxima pergunta a propósito. — Confessa Jocasta, se juntando aos dois.

Evinha, se solta de Adrian, vai à frente dos dois, e de costas para a sacada, abre os braços e diz em alto e bom som:

— Senhoras e senhores, eu vos apresento a nossa rota de fuga! — Apontando para a extensa ponte de puro concreto.

Os dois se entreolham e começam a questionar:

— O quê?

— Como assim?

— Vamos fugir da Casa dos Destinos?

— Hã?

— Você enlouqueceu?

Contente, torna assentar na varanda, enquanto os dois tagarelam sem parar em seus ouvidos. Todavia, as centenas de milhares de perguntas de ambos, não conseguem tirar a concentração da jovem, que se auto sugere estar ouvindo "Poker face" de Lady Gaga, o que a faz entrar em uma apotegma sintonia com seus pensamentos e planos.

## CAPÍTULO XI

### TRAÇANDO PLANOS

Passados os momentos de frenesi na sacada, decidem voltar às suas atividades diárias, e seguem para sala da biblioteca.

— Muito bem, quando é que a mocinha vai começar a explicar aquela sandice da varanda, hein? — quis saber Jocasta invocada.

— Pois é Evinha, estamos meio perdidos agora. — justifica Adrian.

Marieva observa que um dos seguranças está de olho neles, e recomenda:

— Continuem lendo. Vou explicar o que aconteceu ontem enquanto estive na sacada. Mas, não emitam nenhuma reação, leiam. O carinha ali, aponta com o dedo por baixo da coxa, está de olho na gente.

— Tudo bem. — afirma Adrian entre os dentes, enquanto aconchega o livro de Miguel de Cervantes nas mãos. Jocasta, apenas balança a cabeça como entendido o recado.

Marieva conta-lhes todo o ocorrido, inclusive das palavras de Raziel e o antigo gravador.

Os três se calam, a expressão de todos é uma mistura de assombro e curiosidade. Adrian começa a balbuciar entre uma folha e outra.

— Mas como esse cara foi parar lá, a porta estava trancada. E ninguém passou por nós.

— Ninguém em absoluto. E como não o pudemos ver?

— replica a enfermeira que não esconde o receio.

— É obvio que eu, era quem Raziel gostaria que estivesse ali.

— E te disse isso e puf? Sumiu? — ansiou a compreender Adrian.

— Essa parte é a única que faz sentido para mim.

— Jocasta adiantou.- Ele vive fazendo isso comigo.

— Como pode saber tanto sobre mim? — Marieva lançou a pergunta no ar.

— Se bem... — confabulou o rapaz. — ontem, todos nós tivemos experiências atípicas naquela sala.

— Adrian tem razão. Nunca achei que aquela sopa algum dia teria o tempero da minha irmã. — explanou Jocasta.

— Estava incrível, quase levantei e fui pedir a

NACIONAIS - ACHERON

receita para cozinheira!

Evinha e Adrian a olham entorpecidos pelo comentário.

— Que foi gente? A sopa estava boa oras! — Virando o rosto para o lado .

— Escutei o comentário de vocês. E a minha sopa, estava com um sabor que não experimento há pelo menos uns cinco anos.

— E o que era? — Adrian trocou o livro de uma perna para outra.

— Creme de ervilhas.

— Creme de ervilhas? — voltou Jocasta a conversa. — Eu adoro creme de ervilhas, minha irmã faz um com pedacinhos crocantes de bacon que...

Novamente os dois a fitam em reprovação.

— Não falo mais nada, estou calando a boca. Que saco vocês! — torna virar-se para o canto.

— O creme de ervilhas que me refiro, é feito pela minha avó, porém, em ocasiões especiais. Que ocasião específica estava vivenciando ontem naquele recinto?

— Éramos convidados da Sala Especial — ressaltou Adrian.

# PERIGOSAS

— Sim, fomos. E como explicam o fato de ter ouvido a voz da vovó?

— Ai! — Jocasta se ergue. — Estou ficando toda arrepiada com essa conversa! Quero saber disso mais não! — tapa os ouvidos.

— Evinha...

— Oi, Adrian.

— O que acha de ouvirmos o que tem no gravador?

— Eu não quero ouvir nada, vou logo avisando!

— explicou a enfermeira.

— Acha sensato? — duvida Evinha.

— Claro! — contesta o moço. — Raziel não o deixou lá por descuido, sabemos bem disso. Algum propósito tinha.

— Tem toda razão. Vou sair primeiro, dê um prazo de dez minutos e siga para meu quarto, faça o mesmo Jô.

— Não vou para lugar qualquer, estou fora disso. Não paro de me arrepiar!

— Não se preocupe Jô, — disse Adrian abraçando-a.

— Vai ficar tudo bem. Iremos Juntos, ok?

# NACIONAIS - ACHERON



Marieva então sai o mais discreta que lhe cabia. No caminho de volta ao seu quarto, nota que há menos pacientes ainda na clínica do que da sua última contagem. Agora os pacientes não só desapareciam, como também já não entravam.

No dormitório, Jocasta tratou de cobrir a cabeça com o travesseiro pouco aconchegante que a clínica dispunha aos seus pacientes. Era o seu manifesto contra aquela conversa, que quisesse ou não, teria que haver.

Adrian certificou-se de que ninguém os bisbilhotava do lado de fora , nos corredores. Marieva, então, entrou no seu banheiro, e apertando a corda da descarga, logo apareceu com o gravador envolto num saco plástico. Adrian olhou para ela intrigado, ela resumiu-se a dizer:

— Assim como a senhora Watson, também decidi que caixa da descarga era um ótimo esconderijo.

— Sei. — completou ele.

— Vamos ver o que tem aqui.

Com o som da voz abafado pelo travesseiro, a enfermeira reafirmou seu desejo cantando:

— Meu pintinho amarelinho, sobe aqui na  
NACIONAIS - ACHERON

minha mão, na minha mão...

Foi o bastante para Evinha subir em cima da cama e arrancar de suas mãos o objeto.

— Quer parar com essa palhaçada, Jocasta? — jogando a almofada contra parede. — Estamos em meio à um nó cego daqueles, e você fica se dando ao luxo de frescuras? Faça-me o favor! — brigueira.

— Mas é um direito meu, não quero saber de nada mais sobre essas suas histórias malucas! — desabafa.

— É por uma boa causa, Jô, não se trata de gostarmos ou não, precisamos encontrar um meio de decifrarmos de vez esse enigma em que estamos ou nos colocaram. Todas as pistas conseguidas serão muito bem-vindas.

Jocasta tenta buscar o autocontrole. Porém, não encobre o nervosismo.

— Estou com medo. — confessa.

O amigo sorri, e passa a mão em seus ombros.

— E qual entre nós, não está? Estou morrendo de medo se quer saber.

— Se pudesse dormiria até acordar, na minha

cama de casa outra vez. — admite Evinha.

— Se acham que devemos... Liga essa droga de uma vez e seja o que Deus quiser!

Evinha e Adrian comemoram a pequena vitória piscando um para o outro. A moça, pega o gravador, desenrola-o com muito cuidado, e aperta com força um dos botões.

Uma sinfonia de sons e ruídos ecoam da antiguidade. Marieva desanda caminhar ansiosa pelo quarto de um lado para o outro. Até que uma voz muito familiar recita as seguintes palavras.

*“Momento especial, hora de colocar minha bonequinha para dormir!”*

Marieva se assombra, e ecoa sem parar:

— É a voz da vovó!

— Espere, vamos ouvir. — pede Adrian.

*“Evinha, o que você quer que a vovó Helena cante hoje para você?”*

*“Cante o que quiser vovó, quero só ouvir sua voz.”*

Evinha se emociona ao ouvir sua voz acriançada, voz, que não recordaria ter tido algum dia.

*“Bem, então vai ser a sua preferida, o que*

*acha?”*

*“Perfeito!”*

E todos sorriem.

Alecrim, alecrim dourado, que nasceu no campo sem ser semeado...

Foi meu amor quem me disse assim, que a flor do campo é o alecrim,

foi meu amor, quem me disse assim...

Que a flor do campo é o alecrim...

A jovem pula imediatamente na cama desligando o gravador.

— Basta! — lançando para o canto. — Não quero mais ter que escutar isto!

— Mas Evinha... — argumenta Adrian. — É importante, vamos tentar mais um pouco, um pouco somente, por favor!

— Não entende? Isto é torturante para mim!

— Adrian, deve ser muito difícil para ela. Se nos colocarmos em seu lugar, confesso, não sei se conseguiria dadas as circunstâncias. — admitiu Jocasta.

— Entendo, juro que entendo. — A olhando

por mais uma chance.

— Tenho uma ideia! — Jocasta levanta o dedo indicador.

— E se o Adrian ouvisse todo conteúdo? Depois nos contasse somente o relevante? Deste modo, não sofreria Evinha, e teríamos acesso ao que está aí, de um modo, mais saudável, digamos. O que acham?

Ambos concordam que a enfermeira tivera enfim, uma excelente ideia.

— Parece o ideal. — Disse Evinha.

— Nesse caso, vou para meu quarto, e só sairei de lá, quando virar de ponta a cabeça cada palavra contida nessa joça! — Orgulha-se.

— Feito! — Bradou Jocasta. — Juntos, somos imbatíveis!

Logo que o rapaz saiu do quarto com o objeto, animado em sua nova empreitada, Jocasta não teve como não perceber a desolação e tristeza no semblante da amiga.

— Hei, não fique assim, Evinha. Já passou. — toca seu rosto.

— Desde que cheguei aqui, esta foi a segunda vez que escutei a voz de minha avó.

— Difícil, eu sei. — Estranhou a enfermeira.

— Sim muito, ontem quando entramos na Sala Especial. Pude ouvi-la como se estivesse cochichando suavemente em meu ouvido. Como se estivesse contando-me algum segredo. Foi por isso que fui até a sacada, sua voz vinha de lá. Da mesma maneira que o aroma das tulipas.

— Tulipas? — Estranha.

— Sim, tulipas. Do mesmo local, ouvia a voz de vovó sussurrar em meu ouvido, como sentia o perfume das tulipas, que por sinal, me fizeram tão bem.

Jocasta para e conjectura, decide dividir as sensações que teve na sala com Adrian.

— Engraçado, porque eu e Adrian, sentimos alguns aromas bem característicos também. Bolos confeitados, salgadinhos, brigadeiro, poderia jurar que o doce de abóbora que a minha tia faz estava naquele espaço. E as frutas? Nossa! Cheiro de frutos frescos, colhidos na hora. Quase enlouquecedor!

Marieva a olha com certo espanto.

— Jô, admita, tudo isto é muito, muito estranho!

— prossegue. — De que sorte conseguiríamos explicar o que vivenciamos ontem naquela sala?

NACIONAIS - ACHERON

Não há uma resposta plausível para isso. Não estamos loucos! Não pode haver um lugar assim na face da Terra!

— Acha que morremos, não é? — Enfatiza.

— Sinceramente? Não, não acho que estejamos mortos.

— Como pode ter tanta certeza?

— Por vários motivos, oras.

— Diga um, pelo menos. — Implora.

— Se estivéssemos mortos não teríamos dor em nosso corpo físico. Os espíritos possuem dor na alma, não no corpo. Não observa? Estamos respirando. — Ela sopra na mão da moça. — Mortos, lhe asseguro, não estamos.

— No entanto, isto não quer dizer que estejamos vivos, não é? — Questiona.

— Verdade, isto não define que estejamos vivos. Pelo menos, não no mundo dos vivos.

— O que quer dizer com "no mundo dos vivos"?

— Está claro como o dia que desde que chegamos aqui não estamos experimentando nossas vidas como um todo. Como fazíamos em nosso dia a dia. Nunca observou que não tomamos banho ou

que nenhum médico jamais veio nos ver, ou falar com você que é nossa enfermeira? Não notou nossa apatia por comida? Não sentimos fome de verdade aqui, aquela sopa rala e o chá, servem somente para nos manter de pé, mas de contínuo, estamos alimentados. Em uma circunstância habitual, já tínhamos sido tomados pela desnutrição e toda sorte de doenças que isto possa resultar.

— Como consegue? — Jocasta está pasmada com a elucidação da moça.

— Como consigo o quê? — Rebate.

— Alcançar tudo isso? Fico deslumbrada com seu poder de percepção. Nem em mil anos eu atinaria para todos esses pormenores com tamanha clareza e coesão. E o pior, é que eu sou a enfermeira.

— Sou insatisfeita por natureza minha amiga.  
— sorri.

— A primeira palavra jamais me convence. Sempre preciso buscar as minhas respostas.

— Ao contrário de mim, que tudo que todo mundo fala vira lei de um segundo para o outro. — exprimi com certa tristeza. — Sempre fui desse jeito tacanho e primórdio. Semelho uma descendente direta, sem evoluções, do homem das NACIONAIS - ACHERON



cavernas.

— Não seja tão dura consigo. — Proferiu Marieva.

— Verdade existe para ser dita. Passei minha vida inteira tentando ser como os outros desejavam que eu fosse. Dizendo, o que queriam ouvir. Fazendo, o que esperavam que fizesse. Sabe Evinha, tem um lance em você, que aprecio demais.

— E o que é? — mostra-se metedica.

— Essa sua impetuosidade diante de tudo. Essa ausência de medo em se arriscar, descobrir, fazer, contestar com extraordinária veemência naquilo que crê. Você não espera que o outro concorde ou discorde do seu ponto de vista, porque o que te basta, é que tão só você creia naquilo que protege, e faz isso com unhas e dentes. Com uma força admirável!

— Se aprecia isso em mim, por que não faz o mesmo?

— Rebateu.

— Porque cada um é um, Evinha. Você já veio assim, está na sua natureza. Como está na minha, ser omissa por todo sempre. Vivendo sempre a vida de todos e esquecendo de viver a própria.

NACIONAIS - ACHERON

Marieva senta-se ao lado dela, e diz:

— Sabe aquele dia em que foi atrás de mim no quarto do perdão?

— O que tem?

— Quando começou a dizer todas aquelas coisas, a me fazer pensar nos meus atos, a maneira como abriu meus olhos para a circunstância, me fez ver em algo na sua pessoa, que eu não possuo, entretanto, desde aquele dia, estou procurando adotar em mim toda vez que observo as suas atitudes.

— Sério? — levanta uma das sobrancelhas.  
— E o que é?

— Bom senso! — responde. — Você possui um bom senso, um equilíbrio que sei que jamais terei, mas que não me impede de buscar. A questão Jô, é que todo mundo tem um começo que é imutável. Porém, o fim, pode ser editado quantas vezes for necessário, até que estejamos bem, contentes.

Jocasta a olha de lado e graceja:

— Quem é você, e o que fez com a minha amiga, Evinha?

Ambas riem.

— Sério. A vida é muito curta para se perder tempo tendo medo. — conclui Evinha.

— Não gosto muito de ficar dizendo isso dado a seu nariz em pé. — brinca. — Mas como Deus foi bom quando te colocou no meu caminho, como Ele foi bom!

Descansa os olhos com carinho.

— Nunca mais direi isto, e se contar para alguém falarei que está mentindo.

— Fale.

— Você foi o acontecimento mais importante que já aconteceu na minha vida, senhorita Marieva Rondan Palhares. De todas, a melhor.

Elas encostam a cabeça uma a outra, e ali se aquietam, até serem envolvidas pelos braços calorosos de Morfeu.

Na manhã seguinte, Jocasta e Marieva ainda estavam ali apegadas a um sono profundo, quando de repente foram surpreendidas pelo furacão que também atendia pelo nome: Adrian.

— Acordem! — bradou. — Vamos, vamos, suas molengas! — Sacudindo freneticamente suas pernas.

Elas acordam meio atordoadas. Jocasta coça os olhos, e com uma voz profunda repele o moço:

— O que te deu, hein?

— Adrian... — Marieva boceja. — Onde é o incêndio?

— senta-se na beira na cama.

— Vamos para sala de música, agora! — Batendo palmas com o fim de apressá-las ainda mais.

Passados algum tempo, os três cúmplices estão na sala de música.

Adrian parece afoito, logo, procura uma melodia para colocar na avelhantada vitrola. O que encontra, é quadragésima sinfonia de Wolfgang Amadeus Mozart, que o deixa satisfeito, já que era um dos clássicos que sua mãe tanto apreciava.

Jocasta, ainda letárgica. Jogou-se literalmente no sofá caindo aos pedaços, que por ali jazia. Marieva, tensa, de cara perguntou:

— O que descobriu Adrian?

O rapaz aconchegou-se a sua frente, e disse orgulhoso:

— Devo confessar que não muito. A gravação contém basicamente as cantigas que sua

avó cantava para você. Entretanto, minha euforia, se deve ao fato de que encontrei o que parece ser uma passagem secreta do meu quarto que nos levará direto ao arquivo morto.

— Jura? — Sorri largamente. — Não acredito!

Jocasta recobra a consciência .

— Passagem para o arquivo morto? — Abestalhada.

— Sim, achei. Não é maravilhoso? — O rapaz não consegue esconder o ânimo. — Já era pela madrugada, quando resolvi guardar o gravador na caixa d'água, como fez à senhora Watson, e Evinha. Também achei que seria um lugar seguro. Mas foi aí, que para meu completo espanto, uma pequena entrada surgiu atrás da pia do banheiro.

— E o que fez? — Indagou Jocasta.

— Peguei meu toquinho de vela, enchi o peito de coragem, e entrei disposto a saber onde aquele túnel me levaria. Confesso que a principio acreditei piamente que pudesse se tratar de uma saída da Casa dos Destinos, porém, para minha surpresa, o caminho desemboca numa estante da sala do arquivo morto.

— E como sabe que era a sala do arquivo  
NACIONAIS - ACHERON

morto?

— Rebate Marieva.

— Por causa disto.

Adrian coloca sobre a pequena mesa de centro, uma lista em ordem alfabética com o nome dos pacientes do lugar, num papel timbrado com o emblema misterioso e mais duas folhas coladas uma a outra com o seguinte nome: Emma Maria Watson.

Rapidamente Marieva, apanha as duas folhas lendo-as de imediato.

— Meu Deus! — Exclamou — É a ficha da senhora Watson.

— O quê? — Voou Jocasta nas mãos da amiga. — Deixe-me ver! — após alguns instantes, confirma. — Sim, é realmente a ficha de internação dela. Raziel me disse assim que cheguei que todas estariam na sala do arquivo morto.

Marieva retira delicadamente as folhas da enfermeira, e as atenta para os detalhes que ali estão.

— Vejam! — mostrou o texto. — Aqui diz que a senhora Watson recebeu alta devido ter tido seu ultimo pedido acatado pelos superiores da clínica.

NACIONAIS - ACHERON

— Essa parte não entendi. — Colocou Adrian.

— Vai ver, tenha desejado ir embora. — sacudiu os ombros a enfermeira.

Num canto da sala Marieva se pôs a confabular.

Seus olhos pareciam foguetes indo de um lado para o outro. O mundo girava a sua volta. Era quase admissível enxergar as coligações de números e nomes desenhados e traçados em seu psique.

— Vai ver para sair daqui é só necessário almejar.

— Jocasta raciocinou pragmática.

E foi na parte final da partitura clássica de Mozart que olhando para eles, de modo nebuloso quase mórbido pronunciou:

— A senhora Watson morreu. — Um silêncio ameaçador tomou conta do ambiente. Um baque, até que Jocasta apresentasse a coragem de como lhe era peculiar, desanuviar as elucidações de Evinha.

— Que morta! De onde tirou isso, Evinha! Ora, convenhamos...

— Espere Jô. — interrompeu Adrian. — Vamos escutar Evinha, antes de articularmos algo

NACIONAIS - ACHERON

sobre a questão. Certo? — Ele olhou para Marieva, que não escondia o semblante denso. — Por que acha que a senhora Watson está morta? — Arguiu num tom bem suave.

A moça voltou a juntar-se aos dois, e com a voz trêmula aclarou sua conclusão.

— Lembram-se do que lhes contei sobre o envelope? Sobre a cor dele?

— Evidente. — Replicou o moço.

— E daí? — Quis entender Jocasta.

— Não entendem? Se todos que recebem alta, ganham o tal envelope roxo que contém a tal citação, é porquanto todos que estão na Casa dos Destinos são suicidas. E isto, nos inclui.

— Somos suicidas? — Esbugalhou os olhos Jocasta. — Em tempo algum, me mataria!

— Citei todos que recebem alta, Jocasta. Portanto...

— Todos os pacientes! — completou Adrian apavorado ao compreender o pensamento de Marieva. — Eu e Evinha somos pacientes, mas você, Jô, não!

— É a nossa enfermeira. O que te excluí de receber a carta.



— Mas por cargas d'águas, acredita que a senhora Watson tenha morrido? — consternou-se.

— Talvez porque a sua última decisão fosse seu anseio de morrer de uma vez por todas. — arrematou Evinha. — Acho que a Casa dos Destinos é um lugar, uma espécie de limbo.

— E o que seria um limbo? — perguntou Adrian.

Marieva ergue-se para explicar o que sabia.

— Limbo, do latim, "limbos". Um lugar, que segundo a fé católica, fica entre o céu e a Terra. Um lugar projetado de acordo com a necessidade de aprendizado que cada alma carece. O limbo pode ser um ambiente de alegria ou amargura extrema. De acordo com esse significado, alguns estudiosos, exploram que o limbo pode ser contraído ou produzido na mente humana através de uma grande catarse, trauma ou profundo sono. É uma zona, onde o estado é de subconsciência imaculada, portanto, não é tecnicamente um lugar. Quem morre lá pode ficar preso, entretanto, não é para qualquer um. Para se estar lá, sua mente deve realmente crer que vive num ambiente inóspito e não é um sonho. O mesmo vale para escapar. Para fugir, deve-se de fato compreender que o mundo

NACIONAIS - ACHERON

em que se está é uma mentira, e a vontade de retornar a vida verdadeira, tem que estar acima de qualquer coisa. A pessoa tem que estar disposta a tudo, ir às últimas consequências para sair dele. E se está for a questão, acordar não passará de uma longa e intensa noite de sono profundo.

— Estamos dormindo? — Adrian balançou a cabeça sem querer crer. — É isso? Quer dizer que estamos presos à um maldito sonho? Evinha estou dormindo há quase cinco anos?

— indaga enfurecido. — Isso é loucura! Inaceitável!

— Como podemos estar dormindo e tendo o mesmo sonho? Como se explica isso? — Jocasta se direcionou diretamente ao velho filtro. — Alguém também precisa de um copo de água? Preciso de litros! — Admitiu.

Marieva prosseguiu.

— Não posso esclarecer como, ou de que maneira estamos vivenciando o mesmo sonho mas...

— Pesadelo, quer dizer! — Replicou Adrian.

— Não tenho essas respostas. Precisamos investigar mais, e o começo é a sala do arquivo morto. Tenho certeza que todas as respostas que

NACIONAIS - ACHERON

buscamos, descobriremos lá.

— Sabe, — disse o moço. — Analisando melhor aquelas canções que a sua avó cantava para você, e das muitas coisas que lhe dizia, numa ,ela tem razão.

— Do que está falando, Adrian? — Evinha o atenta atravessado.

— Você tem uma mente prodigiosa! — abanca-se — Ou como ela mesma citou quando caiu da cama, deve ter mesmo um anjo da guarda muito poderoso! Afinal, livrá-la de todas as suas encrencas que fatalmente vieram desta imaginação brilhante, o cara tem que ser muito bom!

Foi quando outro "inside", manifestou-se na moça.

— O que mencionou Adrian?

— Que analisei melhor as cantigas que sua avó...

— Não! — esticou o dedo indicador sacudindo sem parar. — A citação sobre a história do anjo?

— Na gravação, numa determinada hora, acho que você cai e ela diz: *"Que bom que tem um anjo muito forte cuidando de você, minha querida, senão, certamente teria se machucado muito e"...*

NACIONAIS - ACHERON

— É isto! — estoura — É isto que quis me dizer! Por isso sabe tanto sobre mim! É óbvio, como não pensei nisso antes? — Regozija.

Jocasta volta à cena, pondo as mãos na cintura, investiga:

— O que raciocinou agora, "Ó Mente Brilhante"?

— Debocha.

— Na noite em que fui à sacada da Sala Especial, contei para os dois tudo o que Raziel havia me dito.

— Sim, e daí? — adiantou Adrian.

— As suas palavras foram: “Eu vi, estava lá, e embora nunca tenha percebido, mesmo quando sua avó, várias vezes me viu, e a alertou sobre minha presença.”

— Não entendi! — Jocasta assentou no sofá outra vez.

— Também não. — emendou Adrian.

— Raziel é o meu guardião!

— O quê? — Bradou a enfermeira. — Como assim, guardião?

— Um anjo da guarda, Jô. — Explicou o rapaz.

Uma nuvem silenciosa paira em cima dos seus dois confidentes.

— Por isso conhece tanto sobre mim, por isso mencionou que foi designado para coordenar a Casa dos Destinos. Ele está aqui por minha causa!

A enfermeira olhou para ela, e lembrou-se de um fato:

— Em meu primeiro dia de trabalho, recordo que Raziel citou que o único motivo pelo qual estava aqui, era por sua causa e de Adrian. E foi bem específico quando explicou isto.

— Mas se está aqui por você, Evinha... Onde entro nessa história? — quis saber Adrian, diante do enigma.

— Raziel sabia que em algum momento, minha história esbarraria na sua, Adrian. Sempre senti cá dentro de mim, que nos conhecemos de certo lugar. Tenho plena convicção disto!

— Ok. — Jocasta abre as mãos. — E eu?

Marieva foi ao seu encontro, segurou em suas mãos, respirou e esclareceu.

— Tem algo que queria lhe contar já faz um tempo, na verdade, desde o primeiro dia em que nos conhecemos, entretanto, como tivemos um principio tão conturbado, e tantos fatos foram

NACIONAIS - ACHERON

decorrendo em nosso caminho, tive receio de encher demais sua cabeça com as minhas caraminholas.

— Fale, o que é? — devolvendo o afago nas mãos.

— Conhece o significado do seu nome?

Jocasta engole seco, e mesmo com um árduo calafrio lhe subindo a espinha, o que gerou certa petrificação, sacode a cabeça no intuito de dizer não.

— Jocasta quer significa: “Aquela que cura o veneno”.

— Cura o veneno? — Sobressaltou o rapaz, sem ainda abranger.

— Para algumas culturas antigas, há apenas um veneno para alma humana.

A enfermeira e o rapaz se entreolham, e devolvem o olhar intrigado para a moça.

— O suicídio. O suicídio é o maior veneno para alma. Então, quem melhor que “aquela que cura o veneno”, para amparar, acudir e salvar dois suicidas, também , sendo uma enfermeira psiquiátrica?

Jocasta solta suas mãos de Marieva atordoada

com o esclarecimento da amiga. Por mais que negue, sim, o que diz, passa a fazer muito sentido. Seus olhos ficam marejados, sente o chão balançar, e suas pernas estremecerem, prontamente os dois a amparam.

Jocasta, não sabe o que pronunciar. Embora sinta que necessita, uma vez que seu peito se enche de ar, que lhe comprime o coração, dando-lhe um desconforto na respiração, deixando-a ofegante.

— Fique calma, amiga! — Pede Evinha.

— Respire. — recomenda Adrian. — Respire devagar, isso, logo ficará bem.

— Acho que foi demais para ela! — Evinha passa as mãos em seus cabelos. — Mas tinha que saber.

— Creio que devemos pararmos por agora, todos nós estamos sobre forte pressão. Vamos nos recolher, descansar nossas mentes e corpos, e no final da tarde, voltamos a conversar. Pode ser?

— Perfeito.

Os dois esperam Jocasta se refazer, e cada um seguiu para seus aposentos, com o intento de refletir de modo mais tranquilo, sobre todo aquele turbilhão de emoções desvendadas.

Passava das seis da tarde, quando a noite caiu sobre a Casa dos Destinos, preparando seus guerreiros remanescentes, para mais uma batalha colossal sobre o enigma que lhes abatera.

Marieva arrumou-se dentro da medida do imaginável, ajeitou os cabelos, e ao sair do quarto encheu o peito de uma força descomunal e iniciou sua caminhada para o refeitório onde se encontraria com Adrian e Jocasta.

Foi logo que trancou a porta do recinto, que sentiu uma presença, e uma gigantesca sensação de paz e aconchego. Olhou sem temor para traz e o viu mais uma vez.

Raziel estava ali.

— Marieva. — A saudou na imprecisão da resposta do cumprimento.

Ela andou em sua direção. Parou em sua frente e ensaiou um tímido sorriso, devolvendo a cortesia.

— Raziel.

— Quer me contar algo? — Pergunta acanhado.

— Não. — sendo precisa. — Na verdade, gostaria de perguntá-lo sobre determinadas fatos, mas, como sei que não irá responder, melhor

NACIONAIS - ACHERON



descartar essa ideia.

Marieva volta a percorrer novamente em direção ao refeitório, quando outra vez, ele a obstrui.

— Sabe, sempre apreciei aquele joguinho das três perguntas que fazia com suas amigas para arrancar seus segredos.

A moça alcança a mensagem, vira-se, e o indaga:

— Topa? — Deixando soar um breve contentamento.

— Claro. Desde que entenda que meu silêncio pode ser aceito como resposta.

— Aceito! — Concordou.

— Primeira pergunta? — Ele se preparou.

— Você é meu guardião, ou anjo da guarda, como costumam dizer, não é?

Ele cruza as mãos na altura do estomago e profere:

— “Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.”

A moça se surpreende, amolece e se emociona, trazendo suas mãos, agora trêmulas,

sobre a boca, sim, falta-lhe o fôlego.

Enquanto ele permanece assente.

Foi inevitável não refletir, em quantas mil vezes aquele ser não estivera ao seu lado, guardando, protegendo e cuidando dela. Mesmo nos tempos mais obscuros, quando corria para frente do espelho, com a finalidade de provar a si mesma, que estava simplesmente só, abandonada ao acaso e que assumidamente hesitou crer na existência Divina. E quando seu pensamento vagou nesta última questão, ele se pronunciou:

— Não, Marieva. Ele ininterruptamente e com caráter persistente, jamais concebeu por uma fração de segundo, conceber a ideia de não cuidar de você, e eu, sou a prova disto.

Marieva, não teve como conter o choro.

Curvou a cabeça e arrependeu-se.

Recobrou o ar, engoliu o pranto, e sustentou-se de pé, ainda que pressentisse que podia desabar a qualquer instante.

— Segunda pergunta? — Raziél conserva o rigor.

— Me trouxe à Casa dos Destinos para me dar uma segunda oportunidade depois de uma vida inteira devastada por escolhas erradas e atitudes  
NACIONAIS - ACHERON

mesquinhas. Assim como conduziu Adrian para cá, porque sabia que em algum momento da minha vida, ele seria parte dela, do mesmo modo ,quando escolheu a dedo por Jocasta, “aquela que cura o veneno”, e é uma excelente enfermeira psiquiátrica. Sabia que era a pessoa mais sensata para me ajudar, não foi?

— Silêncio. — diz sem esboçar nenhuma reação.

— Terceira e última pergunta?

— A Casa dos Destinos é um limbo, projetado por você para dar outra chance à Adrian e à mim. Dois suicidas. Se fossemos dois professores, certamente este espaço seria uma escola ou algo do tipo, ou se fossemos dois atletas, quem sabe, uma sede olímpica. Quero sair daqui Raziél! Quero a minha vida de volta, e levarei comigo, Adrian e Jocasta. Entretanto, não sei a exata condição que nos conduziu aqui, mas você conhece talvez o único que conheça. Então pergunto, como faço para fugir daqui?

Ele lhe dá as costas.

E antes de sumir na virada para o outro corredor. Ela grita:

— Típico de sua pessoa! Me deixar falando  
NACIONAIS - ACHERON

sozinha e desvanecer.

Raziel para, crava-lhe os olhos.

— Biblioteca. Estante 34, livro 201, página 63. Vai encontrar as respostas que precisa. — e antes que sumisse, Marieva balbucia:

— Obrigado.

Raziel recebe o agradecimento, com muito mais profundidade, não pelas informações que a conferiu. Sente, que aquele “obrigado”, carrega em si o peso e o reconhecimento de uma vida inteira de sua dedicação para com ela. Então, ele eleva os olhos, agora marejados, dá um passo atrás, e lhe responde:

— É um prazer servi-la. Sempre.

E se vai.

A jovem respira aliviada com a informação, e corre para o refeitório. Precisa dividir tal novidade o quanto antes com seus amigos.

No refeitório, apenas cerca de cinco ou seis pacientes estão ali, incluindo ela. É notória a redução no quadro de resignados na clínica. Marieva, cruza rapidamente as inúmeras cadeiras vazias até chegar em seus companheiros.

— Oi gente! — Diz .

— Por que demorou tanto? — Quis saber Adrian.

— Estávamos quase indo à sua procura. — Rematou Jocasta.

— Depois falamos sobre isso. Já acabaram? Podemos ir para algum canto?

— Vamos para meu quarto? — Sugeriu Adrian. — Talvez não seja bom nos ver perambulando por aí depois do toque de recolher.

— Adrian tem razão. — concordou a enfermeira. — Daqui para frente, devemos chamar a atenção o mínimo possível.

— Verdade. — Aderiu Evinha.

Passado alguns minutos, discretamente um a um foram saindo do refeitório em direção ao aposento do moço.

No quarto, organizaram cuidadosamente e por ordem cronológica todas as pistas então descobertas. Adrian deu início a sessão:

— Pois bem eis aí. O que temos! — Sob a cama estavam: O envelope da Senhora Watson, o gravador da avó de Marieva, a lista com os nomes dos pacientes junto da ficha de internação da

Senhora Watson encontradas por Adrian na sala do arquivo morto.

— É tudo que temos. — Esboçou Jocasta num olhar preciso, quando Evinha retirou do sutiã um pedaço de papel.

— E isto! — O colocando ao lado dos outros rastros.

— Mas o que é isso? — Ressaltou a enfermeira.

— Fica fria, baby!

Marieva segurou Jocasta com firmeza pelo pulso antes de tocar a folha.

— Primeiro, vamos averiguar cautelosamente todas as outras evidências, e por fim, falarei sobre esta.

— Por onde começaremos? — indagou Adrian.

— Pela carta da Senhora Watson. — Respondeu Evinha contundente.

Jocasta se abancou na cadeira, e disse estar a postos, da mesma forma, Adrian. E então, Evinha começou a minudenciar tudo que continham, que sabiam e o que ela polira de tudo aquilo.

— Lá vamos nós. — começou — A carta da

senhora Watson é prova cabal de que a Casa Dos Destinos foi criada para pacientes suicidas. A decisão de morrer foi recebida pelos superiores como sendo seu um desejo. Ela preferiu morrer do que lutar pela vida novamente. E é por isso, que estamos aqui, para nos conscientizar da vida que tivemos, das escolhas que fizemos. Por isso, a frase cita que em algum momento de nossas vidas, nossas escolhas nos conduziram a Casa dos Destinos. A meu ver, o tempo que ficamos aqui determina a nossa última vontade, ou seja, viver ou sucumbir de uma vez por todas a morte, como foi nosso primeiro intuito. Quanto a Jocasta, ela foi escolhida para cuidar de mim e de Adrian por ser uma pessoa devidamente qualificada para lidar com psicopatias e potenciais suicidas, como somos.

— O gravador com as cantigas e conversas entre eu e minha avó, foram deixadas por Raziel propositadamente. Entendo que seu intento, era que soubéssemos sobre tudo, e que é o meu guardião. Foi ele quem preparou a Casa dos Destinos, como uma clínica psiquiátrica, dada as nossas características. Talvez, se fôssemos dois militares, ela se materializaria como um quartel general, por exemplo. Permitiu que Adrian viesse para cá, por

ter o conhecimento, que as nossas vidas estão entrelaçadas.

— Penso que sobre a lista, os nomes dos pacientes estão desaparecendo, porque um a um, desistem de encarar sua batalha final, já que este local é repleto de obstáculos sub-humanos , condições precárias de sobrevivência, o que origina em muitos, a falta de fé.

— É difícil crer que Deus exista num ambiente que mais parece ser visitado constantemente pelo diabo e completamente esquecido por Ele. Porém, este é o grande segredo da Casa dos Destinos. Compreender que nos lugares e circunstâncias mais extremas e adversas, é o momento em que Deus mais está cuidando de nós. Apesar de tudo que sofremos desde que chegamos aqui, em cada segundo, cuidou de cada um de nós. Fez de cada um, alguém melhor. Basta olharmos à nossa volta, Adrian, não falava, não andava, não comia, agora, está totalmente curado, e se algum dia contar a alguém, que foi assim, corre o risco de lhe chamarem de mentiroso. — todos sorriem. — Jocasta, que veio com a árdua tarefa de cuidar de nós dois, agora, é alguém mais forte e assente, ao ponto de até discutir comigo sobre



nossos divergentes pontos de vistas. Quem diria que "a senhora obedece tudo", um dia levantaria a voz para contestar algo?

— Jocasta balança a cabeça concordando com a amiga. — E quanto à mim, sou uma pessoa que arrogantemente achou que podia fazer justiça com as próprias mãos, para suprimir tanta dor, que acabei quase morta pelo meu próprio e ridículo senso de integridade. E quem me ensinou isso, foi você Jocasta. Hoje, me sinto alguém que jamais fui. E quando me recordo de quem fui, tenho vergonha do tamanho de tanta ignorância.

— O emblema que está na entrada da clínica, e como podem ver, está timbrado no envelope, foi a primeira coisa que me chamou atenção, e foi a partir dele que comecei a desconfiar de que algo estava errado por aqui.

— Por quê? — Quis saber Jocasta. — O que significa?

— O emblema é um símbolo bíblico. Há uma passagem no livro sagrado em que Deus mandou que seu povo sacrificasse um cordeiro novo, e usasse o seu sangue nos umbrais de suas portas. Naquela noite, Ele ordenou que o anjo da morte visitasse o Egito, que diante da empáfia de seu

NACIONAIS - ACHERON

líder, Faraó, resistia à ideia de deixar o povo hebreu partir de volta a sua terra. Quando enviado da morte sobreveio, nas casas em que havia essa marca. — aponta para o emblema da Casa dos destinos no envelope. — sabia que não podia tocar em nenhuma pessoa daquela casa. Portanto, um emblema de livramento.

— E o que isso quer dizer, para nós? — Adrian arguiu num tom quase incompreensível.

— Significa que a morte não pode nos tocar, porque este lugar foi marcado por Deus, pelo seu sangue. Somente diante de uma decisão própria, ou como bem conhecemos, livre arbítrio, que é “poder de escolha”, a morte pode nos tirar da Casa dos Destinos. E essa foi à decisão da senhora Watson.

— Ela desistiu. — proferiu Jocasta desolada, ao compreender os fatos. — Sim, ela cansou de lutar. — terminou a moça.

Adrian foi até a janela, e constatou:

— Então, seguindo nesta linha de raciocínio, todos os pacientes que desaparecem...

— Renunciam em batalhar pela sua existência.

— completou Marieva. — Optam pela morte final. E é por isso, que nunca vimos ninguém sair daqui,  
NACIONAIS - ACHERON

apenas entrar.

— Mas é possível sair daqui? — Prosseguiu a investigação.

— É provável Adrian. Entretanto, quero dizer aos dois, que ainda que não seja, passará a ser, porque nós vamos sair da Casa dos Destinos, e pelos portões principais. Porque sei que nenhum de nós deseja ficar aqui e se entregar aos braços da morte. Principalmente, eu e você, Adrian.

— Mas Evinha, — gesticulou a enfermeira. — Como podemos sair deste lugar? Isto é uma fortaleza no meio do nada, com uma ponte imensa que nem sabemos onde dará?

— Nós fugiremos da Casa dos Destinos. — enfatizou.

— Como? — insistiu.

Foi então que ela apanhou o pedaço de folha onde anotara o que Raziel havia dito, e repetiu exatamente o que lhe falou:

— Biblioteca. Estante 34, livro 201, página 63.

— O que é isso? — pegou Adrian o papel de sua mão para reler.

— Nossa passagem de volta para casa. —

Marieva afirmou. — Tudo que precisamos saber, vai estar lá.

— E como pode ter tanta convicção, que estas informações poderão nos ajudar? — Olhou o rapaz cada vez mais aguçado pelo assunto.

— Antes de vir para cá, encontrei Raziel no corredor, na saída do meu quarto... — Então ela os conta sobre a conversa.

— E o que estamos esperando? — Indagou Jocasta correndo para porta.

— Mais nós não estaremos violando uma "trocentas regras", Jô? — Brincou Adrian. A enfermeira sorriu pulando num pé só, toda faceira;

— Pois é, mas um dia desses, uma amiga me convenceu, que regras também foram feitas para ser quebradas. — piscando para Evinha. — Vamos? Próxima parada, biblioteca. Quem vem, entra no trem!

No embalo dela, lá foram, os três desbravadores e sobreviventes, com a finalidade de decifrar mais um enigma celestial.

## CAPITULO XII

### SEGREDOS SOMADOS

Em meio a tantos livros empoeirados, Marieva, Adrian e Jocasta desatinaram a procurar a tal estante, e o tal livro que era a chave mestra de suas saídas da Casa do Destino. Não demorou muito, para que notassem que as estantes não foram arrumadas em ordem alfabética, e que os dígitos pares simplesmente não existiam.

— Não pode ser! — Retrucou Jocasta.

— Isto é bem coisa do Raziel. — resmungou o Adrian em meio uma estante e outra. — Estão todas enumeradas em números ímpares!

— Imagine que nos daria tamanho dados! — proferiu a enfermeira jogando-se em cima de uma pilha de livros no canto.

Evinha apanhou a folha amassada de novo, e conferiu a anotação que fizera. Parou, e olhou o acervo a sua volta seriamente. Parecia escanear todo o recinto.

— Vamos embora, gente. — Pediu Jocasta.

— Um minuto, Jô! — Exclamou a garota enquanto sacudia um dos dedos em cima do papel.

— O que foi? — Indagou Adrian.

A jovem fitou de canto de olho as estantes, contando-as com os dedos. Soltou um grito de enorme exatidão:

— É Isso! — Despontou a correr desesperada para o início da biblioteca.

— Evinha? — Jocasta interrogou espantada.  
— Que bicho te mordeu, criatura?

— Procurem a estante de número sete!

— Hã? — Estranhou o rapaz.

— Andem, achem a estante de número sete!

Os três mais uma vez, debandaram a revirar o acervo, já desarrumada pelos mesmos, à procura do tal objeto de numeração sete. Logo que localizaram, Adrian não se conteve:

— Não entendi sua lógica. Por que acha que essa é a estante certa?

Ela abriu as mãos, onde estavam a folha amassada, e lhe mostrou sua cadeia de raciocínio.

— Estante 34.  $3+4=7$ . O número da perfeição divina. Na verdade, todos os outros algarismos seguem a mesma conexão. Vejam, livro 201,  $2+0+1=3$ , o número da Santa Trindade: Deus Pai, Filho e Espírito. Assim como a página 63, ou

seja,  $6+3=9$ .

— E que constitui o número nove?

— O nove significa o número do fim ou do recomeço. O número 9 representa Sabedoria (Pai-Mãe-Filho  $\times 3 = 9$ ) é a síntese de todos os números. As pessoas que têm este número, em alguma parte de suas vidas, são indivíduos ligados à grandes movimentos importantes, certamente, possuem uma “Missão” elevada: a de cumprir o mistério do número. Alguns dizem que Nove é o algarismo do verbo, logo o número de DEUS!

— Mas por que o Raziel não lhe deu as coordenadas corretas? — Quis saber Adrian ainda intrigado.

— Não sei. Mas quem sabe, ele também, assim como nós, não que tenha que seguir algumas regras deste lugar. Talvez, seja proibido nos ajudar, então, arrumou outra forma de fazer isto. — concluiu Evinha.

— Bom, nesse caso, vamos ler o que está na tal página misteriosa. — animou-se Jocasta.

Quando abriram o livro e leram a página correspondente, o texto encontrado, escrito à mão, dizia:

“O limbo é um lugar projetado para pessoas que procuram ou precisam de transformações para sua consciência sobre a vida. Há aqueles, que o desfrutam, logo que depois de uma existência plena na Terra. Entretanto, o limbo também pode ser apresentado, quando a alma deste ser, se encontra entre os dois mundos, presos há algum tipo de circunstância que o mantém na terra dos viventes, o que indica que o seu destino no plano físico, ainda não foi finalizado como o predestinado pela Vontade Divina. Quando a alma deste mortal consegue lograr êxito em sua experiência, a fuga do limbo além de possível torna-se a única maneira de voltar a vida terrena e completar o resto de seu ciclo. Todavia, isto só pode ser feito uma vez que a alma saiba em que estado, por quem, e para que foi levada ao limbo, e retorne ao plano físico sobre a mesma circunstância ou a mais semelhante. Além disto, o limbo precisa ser totalmente exterminado de seu subconsciente, afim, de não provocar confusões ou lembranças tardias. Em hipótese alguma,



pode haver algum tipo de recordação sobre o que foi vivido ou aprendido durante o processo.”

— Nossa! É só isso mesmo? — questionou a enfermeira coçando a cabeça. — Que coisa mais confusa! Não sei como esse texto poderá nos ajudar. — declarou.

— É um texto muito generalizado. — achou Adrian.

— Não traz muitas explicações. O que achou Evinha?

Ela sentou-se sobre uma mesa, olhou para dois, respirou fundo e arrematou:

— Para mim, é arrebatador.

— Sério? — Jocasta não creu no que a amiga dissera, inclinando o corpo em cima da mesa.

— O que entendeu? — Adrian também se recostou à mesa com certa tensão nos olhos.

— O texto diz que as pessoas podem desfrutar do limbo após a morte. Sabemos que não estamos mortos.

— Ufa! — Gritou Jocasta, estendendo as mãos para cima. — Pelo menos isso!

— E? — continuou o rapaz.

— Diz que a alma precisa ter o conhecimento do motivo que a trouxe até aqui. E isto nós temos.

— Temos? — Jocasta indagou assustada.

— Temos. — afirmou Adrian. — Estamos aqui porque Evinha e eu somos suicidas, tínhamos uma história a ser vivida, e você veio para nos ajudar.

— Isso! — a moça pulou do móvel, começando a andar em círculos. — Diz que precisamos saber quem nos trouxe até aqui, e isto agora também sabemos.

— Sabemos? — a enfermeira indignou-se novamente por não conseguir acompanhar o raciocínio da amiga.

— Sim, sabemos. — disse o moço. — Sabemos que Raziel nos trouxe para cá, que ele é o guardião de Evinha.

— Perfeito! — elogiou Marieva. — Portanto, cabe a nós descobrir, em qual circunstância fomos trazidos para A Casa dos Destinos. Como estamos sendo mantidos aqui.

— Mortos não estamos... — pensou Adrian.

— Eu não consigo pensar em nada! —  
Admitiu Jocasta.

— Penso que o sono profundo seja a nossa  
única justificativa. — Explanou.

— Mas como Evinha? Nós três estaríamos  
dentro de um mesmo sonho? — Colocou Adrian.  
— Isto é inaceitável. Como três pessoas que nunca  
se viram em toda vida, podem um dia deitar e ter o  
mesmo sonho?

— É...também acho. — concordou a  
enfermeira.

A moça encurvou a face, e tentava  
enlouquecidamente encontrar uma saída para  
aquela charada do destino. Voltou e releu duas,  
três, cinco, dez vezes o mesmo texto. Cansados,  
seus companheiros começaram a desvanecer.

— Esqueça isso, Evinha. Vamos dormir. Não  
vai nos levar a nada. — Jocasta já estava cansada  
de coçar os olhos e bocejar.

— Venha, Jocasta tem razão, amanhã  
pensaremos em algo. — Adrian tentou retirá-la de  
cima da obra. Foi quando se levantou subitamente,  
indo em direção à janela, chovia muito, e o frio que  
ali eram constantes, a ajudaram no experimento.  
Soprou a respiração contra o vidro, virou-se e se  
NACIONAIS - ACHERON

pronunciou:

— Viram? Minha respiração embaçou o vidro da janela!

— Sim, mas, o que quer dizer? — Adrian colocou as mãos na testa, evidenciando total desentendimento da lógica da mocinha.

— Estamos vivos! — gritou.

— Sim, isso já sabíamos. — alegou Jocasta.

— Estamos vivos em alguma parte do plano terreno Marieva ressaltou.

— Ainda não te alcancei. — afirmou o rapaz, meio irritado.

— Não percebem? Que tipo de situação pode manter duas mulheres dormindo por quase três meses e um homem há cinco anos?

Os dois deram-lhe os ombros como resposta. E ali permaneceram parados e pasmados esperando que os esclarecesse.

— Qual é gente?

Jocasta e Adrian cruzaram os braços ainda na expectativa do retorno.

Marieva aproximou-se deles com um largo sorriso e assegurou categoricamente:

— Estamos em coma!

— O quê? Em coma?

— É Adrian, não entende? Nós três estamos em coma. Somente sob medicação tão intensa, uma pessoa pode ser mantida durante tanto tempo dormindo em um nível de sono tão profundo. Tão profundo, que é capaz de lhe dar uma passagem direta para o limbo.

— Não pode ser! — ele reagiu. — Estou em coma há quase cinco anos? Você enlouqueceu!

— Não, não, não! — bradou Jocasta. — Ela pode ter razão. Aliás, pela primeira vez, tenho que admitir, o que Evinha está colocando é bem razoável. O coma apresenta vários estágios, quanto mais tempo o paciente está nele, mais profundo é o nível de inconsciência. E dados os elementos que já temos, podemos sim, estar em um coma intenso.

— Adrian, qual é última coisa que lembra ter feito antes de entrar na Casa dos Destinos? — Perguntou Marieva.

— Puxa, não sei. Faz tanto tempo. — Ele coçou a face.

— Pense! — Ela insistiu.

O rapaz tentou, tentou, e apresentou ampla dificuldade em rememorasse.

— No banheiro da minha casa?

— Fazendo o quê? — Ela persistiu curiosa.

— Não sei, Evinha. Faz muito tempo. Não consigo recordar com precisão.

— Você, Jô? Lembra-se da última coisa que fez antes de chegar aqui?

— Ai, Evinha. Creio que estava indo para casa da minha irmã. E você, tem essa lembrança?

— Sim, perfeitamente. — respondeu ríspida, passando a sapatilha de um lado para outro.

— E o que era? — Adrian e Jocasta indagaram ao mesmo tempo.

Ela olhou para o infinito, se calou por uns minutos, virou de lado, ficando de frente para os dois, e incisiva respondeu:

— Eu estava tentando me matar.

Jocasta correu e a abraçou, queria confortá-la a qualquer preço e em seguida, o mesmo fez Adrian. Permaneceram ali calados, até que Marieva pudesse retornar a falar.

— Estava em meu quarto, deitada em minha cama, havia acabado de tomar dezenas de comprimidos de Lexotan com um copo de vodca. Queria morrer, logo que soube sobre a sentença que teria que pagar pelo assassinato de Mauricio e

Patrícia. Já tinha perdido meu filho mesmo. Para quê ficar presa, se a morte poderia me libertar daquilo que eu apelidava de vida? E de um jeito ou de outro, o inferno esperava por mim. Não existia sentido em ficar ali. Essa foi a última coisa que fiz, antes de chegar naquela manhã aqui, na camisa de força, e ser jogada por Hariel e Mikael no quarto. Naquela hora, presumi que meus avós me mandaram para cá, para me tratar, e também se livrar de mim e de tanta vergonha que os causei a vida inteira.

— Não diga isso. — A amiga quis lhe consolar pondo a mão em seu ombro.

— A verdade dói, mas não mata Jô. — ela responde durante o afago.

— Esperem aí! — Adrian parou e refletiu. — Se Evinha lembra como veio para aqui. Agora sabemos a causa que nos trouxe aqui. O suicídio dela?

— Não. — Marieva o corrigiu. — Minha tentativa de suicídio responde por que, como eu vim parar aqui. Precisamos saber como vocês dois vieram.

— E como faremos isso? — Indagou a amiga.

— O arquivo morto. — Marieva redarguiu.  
— Se Adrian, encontrou a ficha da senhora Watson detalhada lá, penso que deva haver uma, de cada um de nós, igualmente.

— Provável, bem provável. — ele acenou com a cabeça.

— Ainda tem outra coisa...

— Mais? — Jocasta já não tinha cabelos para coçar.

— Fale Evinha. — ele parou e se pôs a ouvi-la atento.

—O texto diz que fugir do limbo não basta, ou seja, escaparmos da Casa dos Destinos não é suficiente. Precisamos fazer uma outra coisa, além disso.

— E o que seria? — A enfermeira arregalou os olhos arrepiada.

— Temos que destruí-la! — enfatizou.

— Hã? — Adrian abriu a boca sobressaltado.

— Destruir? — Jocasta saiu andando de um lado para o outro.

— A inscrição é clara, não ouviram? O limbo precisa ser destruído afim de não promover lembranças .



— Evinha, isto é impossível! Como vamos apagar este lugar?

Ela caminhou outra vez adiante deles, e com um jeito faceto, segredou:

— Na noite que fomos para a sala especial, voltei ao meu quarto, toquei a gaita que desfalquei da sala de música, e depois...

— E depois? — Adrian, virou os ouvidos.

Ela deu um riso astuto e continuou.

— Estava tentando chegar à sala do arquivo morto com o mapa que furtei da cozinha outro dia, mas, em meio há tantos corredores, tomei direções opostas, e acabei no antigo porão.

— Não acredito! Sabia muito bem que não podíamos ir até o porão, Evinha!

— Cala boca, Jocasta! — repelindo a enfermeira. — Não faça drama a uma altura dessas!

— O que existe no porão? — Adrian igualmente ensaiou uma alegria.

— Pólvora. — sussurrou. — Muitos barris de pólvora.

— Não entendi. — de novo Jocasta não alcançou o adágio da moça.

— Há pólvora suficiente para mandar esse

lugar pelos ares umas trezentas vezes, pelo menos.

— O quê? Do que está falando, pessoa?

— Acalma aí, Jô! — pediu Adrian, segurando a enfermeira pelo braço. — No que exatamente está pensando, mocinha?

Ela fez parecer que corria numa corda bamba, e com sorriso sapeca e capcioso, mordiscou os lábios, colocou uma das mãos na cintura e pronunciou em alto e bom som:

— Nós vamos explodir A Casa dos Destinos. Literalmente!

E novamente, uma confusão se instaurou entre os dois em cima de audaciosa Marieva, semelhante a da sacada, quando lhe dissera que fugiriam da clínica. Entretanto, como naquela ocasião, a mocinha simplesmente ignorou o bombardeio de “*porquês*” “*como?*” e “*Você enlouqueceu de vez!*”. Fixou o olhar no seu mundo ilimitado, e apenas esboçou um imenso contentamento de si.

## CAPITULO XIII

### ENFIM SÓS, NO ARQUIVO DE NÓS!

O dia amanheceu calado na Casa dos Destinos.

De sombrio, agora ainda se tornara soturno. Devido a partida dos poucos pacientes que ali jaziam, deixando de resto somente Jocasta, Marieva e Adrian. Parecia um lugar largado pelo blecaute coletivo da humanidade. Os três passaram o dia separados, anormal como o costume, porém meticulosamente raciocinado. Cada um tinha a missão de avaliar a clínica sob diversas esferas. A estrutura do prédio, ficara com Adrian, como tinha cursado três semestres de engenharia civil antes de seguir de vez a carreira jornalística, concordaram seria o mais preparado para desempenhar a tarefa.

À Jocasta, fora imputado, já que era a única que tinha acesso livre em alguns ambientes da Casa dos Destinos, por ser uma empregada, o dever de anotar a transitoriedade dos funcionários. Era corriqueiro, vez por outra, todos desaparecerem como fumaça. E ela, tinha que saber para onde iam, o tempo que ficavam ausentes e afanar algumas chaves da sala de Raziel. Estas, serviriam para

NACIONAIS - ACHERON

aperfeiçoar a distribuição da pólvora pelo prédio, e assegurar uma explosão perfeita.

Marieva ficou incumbida de ir ao arquivo morto usando a passagem secreta do quarto de Adrian, e encontrar, caso existisse, a ficha dos três, e encontrar a verdadeira condição que levara Adrian e Jocasta à Casa dos Destinos.

Já passava do meio-dia, quando Adrian terminou de checar canto por canto de todo edifício, o pouco conhecimento que possuía, consentiu que recostasse em uma das pilastras emboloradas e descascadas pensando em voz alta:

— Não vai ser uma tarefa nada fácil! — Limpando o suor com a camisa. Fez algumas anotações num livro antigo e surrado que apanhara na biblioteca, para que pudesse explicar as meninas de maneira mais clara, a real circunstância do que os esperava.

Jocasta semelhava uma gatuna se entremeando de um corredor para outro. Nunca fora, em tempo algum de sua existência, tão célere e astuta. Observou que em três horários durante o dia, todos os funcionários, exceto ela, se reuniam, entrando numa espécie de elevador amplo e potente. Entre cochichos, notou que toda vez que

NACIONAIS - ACHERON

tais horários aproximavam, um dizia ao outro:

— Hora dos superiores. — Parecia lei, todos se aglomeravam, e adentravam o elevador. A enfermeira até cogitou a ideia de se enfiar entre os mesmos e desvendar do que se tratava aquela ávida reunião. Porém, constatou que retirar as chaves da sala de Raziel, seria uma missão bem mais perigosa e verdadeiramente necessária.

Quando o relógio badalou 15h00min, todos já se encontravam prontos, um a um adentrava para o encontro com os Superiores. Ela esperou dentro do armário de vassouras, e na brecha, viu que a ocasião oportuna, enfim, aparecera. Tirou vassoura por vassoura de cima de si, e as arrumou do jeito que deparara. E como uma bailarina, bem na pontinha dos pés, cruzou da salinha de limpeza para o corredor, passando pela recepção, e confidenciando:

— Estou na ponta do pé, estou na ponta do pé! Tia Ester teria orgulho de mim! Que linda que sou!

Com zelo e ligeireza, adentrou a sala de Raziel sem muitos problemas. Complicado mesmo, foi chegar dentro do recinto e perceber que havia vários e vários molhos de chaves, uma quantidade

NACIONAIS - ACHERON

extrapolada, jamais visto por ela, nas poucas vezes que ali estivera. Jocasta não poupou rédeas na língua:

— Isso é coisa do Raziél! Tenho certeza absoluta que colocou todas essas chaves aqui só para empatar o negócio. Pois saiba seu bobo... — gritando sozinha na sala. —... Levarei todas se preciso for, ouviu? Mudei. Agora ninguém me segura! Meninas (chaves), a titia Jô, vai levá-las para um belo passeio. — abrindo um armário de vidro, e colocando todas dentro de um jaleco extra que levava consigo, para alguma emergência.

A moça já estava de saída, quando ouviu uma voz bem familiar, e não conseguiu deixar de pensar cá com seus botões. “*Ferrou!*”.

—Vai para onde com tanta pressa e pouco barulho?

Ela parou, e entendeu que era hora de colocar toda sua covardia de lado, e enfrentar os fatos. Era hora de crescer. Virou-se decididamente, e o cumprimentou:

— Oi Raziél. — ajeitando o saco de chaves nas costas.

— Ainda espero sua resposta.

— Sobre? — se fazendo de desentendida.

— Perguntei para onde vai com tanta pressa e passos de algodão? — sorriu.

— Eu? Ah... Descobri um poço de desejos no fundo da clínica, vim pegar moedas para jogar quando fizer meus pedidos.

— A julgar pelo tilintar do jaleco que virou um saco, você deve ter muitos pedidos para fazer, não?

— Verdade Raziél. Muitos! Sou muito sonhadora, minha irmã vive me dizendo que...

Ele a interrompe com uma observação crucial:

— Você é uma péssima mentirosa, sabia? — ela engole seco. — Mas, isto é bom, aliás, permita-me uma observação, é o que mais aprecio em sua pessoa. — ele completa.

— Que satisfação. — agradeceu em um sorriso amarelado, sem esconder o desapontamento consigo. Quando voltou a caminhar, ele a interpelou outra vez.

— Jocasta!

— Sim, Raziél.

— Este saco não está muito pesado para uma moça carregá-lo? — aproximando bem devagar

dela, colocando as mãos sobre as suas, e retirando o jaleco cheios de chaves da enfermeira.

Jocasta estremece, vira o maxilar de um lado para outro, enquanto o homem se retira. Balbucia algo consigo mesma, e decide afrontá-lo.

— Me devolva as chaves, por gentileza! — Num tom desconhecido por ele, que levanta uma das sobrancelhas ao ouvir proferir palavras de tal modo.

— Raziel, por delicadeza, me devolva. — Insiste.

— E por que deveria fazer isso, Jocasta? — a encara da mesma forma.

Ela pensa, gagueja, mais conclui o raciocínio.

— Por que... — tomando de volta o jaleco com as chaves. — este é o meu jaleco! Ponto.

Raziel coloca as mãos dentro dos bolsos da calça, e insinua.

— Que jaleco pesado e barulhento, não? Estas moedas dentro dele, devem valer ouro.

Jocasta volta a pensar numa saída, e com muita sagacidade o responde:

— Pois é, minha coleção de moedas da sorte. Vou usar uma por uma, até que encontre as que



realmente me servirão.

— “*Pedis, e não recebeis, é porque pediste mal.*”

— recitou Raziel.

— Hã? — Não entendendo a citação. — Olha, deve estar cometendo uma pequena confusão, a boa nas suas charadas é Evinha, eu não entendo *chongas!*

— Preciso te falar, permita-me? — Voltou a acostar-se dela.

— O quê? — Intimidou-se.

— Independente do que aconteça daqui por diante, quero que saiba que foi um grande prazer trabalhar com você. — esticando uma das mãos.

Temerosa, também devolve o cumprimento, e ao tocar sua mão, percebe que há algo, ela o contempla estranhando o ato, Raziel aperta forte a sua mão, e diz:

— Aceite como um presente meu, por seus préstimos.

E ele se afasta indo em direção ao elevador. Antes de entrar, acena com uma das mãos e pisca para a moça. Rapidamente, Jocasta assenta o jaleco no chão, e abre sua mão, queria saber o que o homem tinha lhe presenteado. Tratava-se de um

NACIONAIS - ACHERON

pedaço de pano, bem antigo, e ao abri-lo nota que há uma série de números nele. No início, não consegue compreender a finalidade do presente. Depois de retorcer a cabeça tentando achar uma cadeia de lógica para atitude do homem, decide agachar e abrir o jaleco com as chaves. Então, intui que todas as chaves possuem uma numeração. E olhando para o pano e as chaves, entende o que ele havia feito.

— A numeração das chaves que usaremos! Ele me entregou a numeração das chaves que de fato iremos precisar.

Ali mesmo, em passo acelerado, separou todas as chaves com os números no pano, o que aliviou o peso do jaleco em pelo menos, noventa e nove por cento. Terminado, a enfermeira resumiu o jaleco em um embrulho bem modesto, e colocou por dentro da calça, jogando as outras chaves no quarto das vassouras, antes visitado por ela.

— Oi meninas! (vassouras), Olha só quem a titia trouxe para brincar com vocês? Novas amiguinhas, — se referindo ao restante das chaves. — Brinquem à vontade, viu? Vassouras versos chaves, quem vai levar a melhor? Que horror, essa piada foi péssima. Tchau, lindas!

NACIONAIS - ACHERON

Do outro lado da Casa dos Destinos, o dia já estava terminando, e Evinha não conseguia encontrar nada que comprovasse a presença dela, Adrian ou Jocasta. Já havia revolidado quase todos os arquivos da sala, chegando ao cansaço extremo.

— Ai Deus, onde estão essas fichas? Elas têm que existir. Estão aqui, eu sei!

Enfadada, resolveu sentar-se na cadeira e por os braços e cabeça em cima da mesa. Precisava de um refrigério para lhe recobrar as forças. Passados alguns minutos, ela esticou os braços, e alongou o pescoço, até lhe ocorrer um mero detalhe.

— Como não pensei nisto antes?

O que Marieva se referia, era averiguar as gavetas daquela mesa. Tinha se prendido tanto nos arquivos, que não se deu conta de começar pelo lugar mais óbvio, as gavetas. Foi na segunda, dentro de uma pasta roxa como os envelopes e o emblema da recepção, que encontrou para sua surpresa, não somente a sua ficha e a de Adrian, como também a de Jocasta. O que colocava a enfermeira, no mesmo patamar que eles.

Ela analisou as fichas por quase uma hora. Comeu linha por linha, introduziu detalhe por detalhe. E logo que terminou, apoiando na cadeira,

NACIONAIS - ACHERON

deixando as mãos sobre os braços da mesma, e proferiu:

— Agora sim, está tudo devidamente esclarecido.

Era um pouco mais da meia noite, quando Adrian adentrou sorrateiramente na biblioteca, conforme o combinado.

— Até que enfim, achamos que pudesse ter se perdido!

— falou Evinha indo ao seu encontro e o beijando docemente.

— Desculpe linda, tinha que esperar o momento certo para sair do quarto. — explicou.

— Bem, vamos ver o que cada um conseguiu apurar na sua parte do plano. — falou Jocasta louca para contar o que acontecera entre ela e Raziel.

Assim que se acomodaram em um pequeno círculo iluminados por uma vela apenas, o primeiro a elucidar suas descobertas, foi Adrian.

— Bom meninas, avaliando todo o prédio hoje em detalhes, do pouco conhecimento que obtive, não teremos uma tarefa muito simples. A Casa dos Destinos foi construída em cima de um penhasco totalmente rochoso.

NACIONAIS - ACHERON

— E o que isto significa Adrian? — perguntou Evinha enquanto entrelaçava as pernas em forma de borboleta.

— Um terreno rochoso exige uma fundação muito bem estruturada, e até onde pude constatar, a clínica tem alicerces feitos do mais puro e firme concreto. É muito massivo, muito reforçado, por este pormenor e por ser banhado pelo mar à sua volta. A maresia é sempre um fator contribuinte para sacrificar com o passar do tempo uma construção.

— E isso quer dizer no português claro que...?

— pronunciou Jocasta.

— Vai ser muito, muito complicado explodir A Casa dos Destinos.

— Pólvora é que não falta. — lembrou Evinha.

— Sim, eu sei. Mas, não sabemos quanto tempo esta pólvora está armazenada. E se for antiga? Não terá o mesmo poder de destruição. Temos que desencadear uma ação em cadeia. Tem que ser muito bem calculado senão...

— Senão o quê? — Evinha o olhou preocupada.

— Se o cálculo não for preciso, corremos o risco de demolir a ponte também. Ela está atrelada à construção da clínica, e se a destruirmos, como fugiremos?

— Entendo — Refletiu Evinha. — Mas, acha que consegue fazer esses cálculos?

— Bem, — ele coçou a cabeça. — Não posso afirmar isso, Evinha. Estaria sendo leviano, eu sou jornalista. E três semestres em Engenharia, não é tanto assim.

— Mas de qualquer forma, você é bom em matemática?

— ela o endossou.

— Ah, nisso me garanto, e bastante. — esboçando certo alívio. — Na verdade, o que teremos que fazer é uma implosão em cadeia. O processo mecânico da implosão é causado pelo uso de explosivos, em pontos calculados da estrutura, criando pontos fracos, onde a estrutura possa sofrer uma movimentação, que fazem com que se torne flexível, comece a se agitar e a ruir.

— Nossa, que isso parece coisa de outro mundo!

— resmungou Jocasta.

— Temos que tentar! — Evinha foi incisiva.

— Temos de conseguir! — Adrian lançou um olhar esperançoso para Evinha.

— E você, Jô? Conseguiu encontrar alguma coisa? Obteve êxito nas chaves?

Jocasta levantou-se por um instante, e retirou o jaleco de dentro da calça com as poucas chaves e pedacinho de pano que Raziel lhe entregou. Em seguida, voltou a se acomodar e contou tudo sobre a reunião com os Superiores.

— Quer dizer que são sempre esses horários, 12h00minhs, 15h00minhs e 18h00minhs. Mais uma curiosidade sobre à Casa dos Destinos. — ressaltou Marieva.

— Sobretudo os das 15hrs. Me pareceu o mais importante para eles. — arrematou a enfermeira.

— Alguma ligação? — Adrian questionou.

— Para alguns religiosos, existem horários específicos que abrem uma espécie de portal entre o mundo físico e o mundo espiritual. E um desses horários é às três horas da tarde ou da manhã. Cristo teria sido morto às três horas da tarde, portanto, às três horas da madrugada simbolizaria a hora oposta, a maligna.

— Mas eles se reúnem às três da tarde. —

Jocasta foi contundente.

— Porque são seres celestiais. Entenderam?

— Sim. — afirmaram os dois.

Jocasta prosseguiu com a sua história, até chegar na parte que Raziel cruzou seu caminho, e o que a princípio julgou ser um obstáculo, na verdade foi uma grande ajuda vinda da parte dele.

— Ele lhe disse isto? “Se pedis e não recebeis é porque pediste mal”?

— Exatamente.

Marieva elevou, procurou rapidamente um exemplar da Bíblia, e depois de intermináveis minutos, retornou ao meio deles com o livro sacro aberto, dizendo:

— Vejam! — indicou a inscrição. — Tiago 4:3, ele quer nos ajudar. Só não pode fazer isso de maneira evidente.

Adrian virou para Evinha, e passando as mãos em suas costas, sorriu, e depois a perguntou:

— E você, tem novidades para mim e Jô?

Ela confirmou a pergunta propícia do rapaz. Estava claro que tentava encontrar um meio talvez, mas simples, se é que existia, de lhes contar todos os mistérios que os cercava. Marieva tentou



escolher palavras, ensaiou diversas vezes como começar a descrever. Até que Adrian, a articulou:

— Não importa o que seja, apenas fale, basta.  
— O que a encorajou.

— Está bem. Eu, praticamente decorei cada palavra, que estão em nossas fichas no arquivo morto, porque deduzi que se as trouxesse, poderia piorar o andamento dos nossos planos.

— E o que descobriu? — Jocasta perguntou de maneira terna.

— Como presumi, estamos em coma. Os três. Eu, como os relatei, tentei o suicídio tomando aquele coquetel de tranquilizantes e vodka, e no dia 01/05/2011, fui diagnosticada em coma.

— Essa não é a data que chegou aqui? — lembrou-se Jocasta.

— Sim, há cerca de três meses. Adrian, também tentou tirar a própria vida, segundo o que está na sua ficha, ligou o carro em sua garagem e colocou um cano no escapamento para dentro do veículo com o mesmo todo trancado.

— Monóxido de carbono — ele concluiu.

— Exatamente. Você foi diagnosticado em lipotimia irreversível no dia 01/01/2006. E não preciso dizer que foi a mesma data em que chegou  
NACIONAIS - ACHERON

à Casa dos Destinos.

— Por isso você não falava, enxergava ou andava. Ainda sob efeito do monóxido em seu subconsciente.

— Meu Deus, que loucura! O curioso, é que agora, consigo me lembrar do que fiz. — sentando desolado.

— E quanto à mim? — indagou Jocasta à Marieva. — O que me trouxe aqui?

— Bem, lembra que você nos contou que estava indo para a casa de sua irmã?

— Claro, lembro perfeitamente, estava no trem.

— E estava. O trem colidiu com outro em sentido oposto. Tudo indica que houve algum erro no sistema de controle dos trens. Enfim, você se acidentou, e entrou em coma no dia 20/04/2011.

— Santo Deus, como posso ter em minha mente a nítida sensação de ter lido sobre a Casa dos Destinos num jornal?

— Jô, relembro que quando contou sobre isto, quando mencionou a Raziél sobre o anuncio, mencionou que ele ficou um pouco intrigado.

— Sim, e muito.

— Por que na verdade nunca houve anúncio. Nossa mente é muito sugestionável, basta uma ideia, e as lacunas são completadas pelo nosso psiquê. Compreende onde quero chegar?

— Eu me autossugestionei, e acreditei nisto para não ver a realidade.

— Foi. — Evinha afirmou.

— Alguém morreu no acidente? — ela quis saber.

— Não, não houve mortes. Apenas algumas pessoas machucadas. Você foi a única vítima grave.

Adrian levantou-se, caminhou em direção à Evinha, e se pronunciou:

— Quer dizer que Raziél...

— Provavelmente. — afirmou a moça. — Ele precisava dela para nos ajudar. Creio que este foi o único jeito que encontrou de fazer o que tinha que ser feito.

— E Deus? — Ela questionou com certa dureza no semblante. -

— “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os seus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim

são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.” Não sei dizer o porquê que O fez agir desta forma, talvez nunca saibamos. Não sei quanto a vocês, no entanto, no que diz respeito à mim, Jamais me senti tão amada por alguém.

— Não consigo dizer nada. — balbuciou Jocasta.

— E isto não é tudo. Se somarmos todas as nossas datas, separadamente, teremos um algarismo em comum.

— Que número? — A enfermeira questionou.

— A data em que cada um de nós chegou a Casa dos Destinos, tem como soma o número 1. E o número 1, biblicamente falando, é o número de Deus, O Primeiro e O único. Representa o começo. Nós três viemos para buscarmos um novo começo para nossas vidas.

— Faz sentido. — concordou Adrian.

— E agora?

— Há um detalhe, que deixei para o final. — respirou a moça, e continuou. — Lembrem, que o livro que Raziel nos deu como respostas, dizia que para sairmos do limbo precisamos voltar da mesma  
NACIONAIS - ACHERON

forma que nos trouxe para aqui?

— Lembro.

— Também.

— Isto quer dizer que além de explodirmos a Casa dos Destinos, teremos que recriar ...

— Teremos de morrer do mesmo jeito? — gritou Jocasta.

— O mais análogo imaginável.

— Não pode ser! — agitou-se Adrian. — Isto é loucura!

— É o único modo de voltarmos. Temos que reconstituir nossas mortes. O que significa que eu e Adrian teremos que tentar o suicídio mais uma vez, e você Jocasta, vai ter que sofrer um acidente.

— E onde vamos arrumar um trem? — Ela inquiriu completamente revoltada. — Não vi nenhum dando sopa por aí!

— Amiga... — Evinha tentou apaziguá-la. — Nós vamos conseguir!

— Impossível Evinha. — O rapaz permaneceu totalmente transtornado. — Não está vendo à sua volta? Raziel nos deu todas as coordenadas, para nos mostrar que por mais que arrisquemos, não existem meios viáveis de sair da

Casa dos Destinos! Como posso me matar, se o que mais quero é voltar a viver? Onde iremos arrumar um trem, para reconstruir o incidente da Jô? Sem contar, que não sabemos sequer, se iremos arranjar jeito de explodir toda essa joça! Estamos fadados a este destino! Ele nos condenou isso sim. Agora compreendo, porque as pessoas desistem. Sabe-se lá quantos já não tentaram fazer o que estamos arriscando, e simplesmente se depararam com a mesma muralha que está diante de nós!

Marieva esperou que o rapaz se abrandasse. E quando viu que podia se pronunciar outra vez, foi à dianteira dos dois, e respirando intensamente, os olhou bem dentro dos olhos, quase na alma, e insistiu.

— Não me importo com quantos já estiveram onde estamos, e descobriram o que descobrimos, embora, duvide muito. Francamente, acredito piamente, que ninguém aproximou-se de onde estamos. A questão para mim é clara. Só há dois lados desta situação. — Apanhou um giz de cera que mal riscava o chão, que não fosse com o uso de uma força cavalgar das mãos, e fez uma listra diante de si. Se ergueu, e foi categórica.

— Os dois lados estão bem à nossa frente. Ou

NACIONAIS - ACHERON

desistimos, e assumimos nossa completa incapacidade de superar barreiras, ou seja, morremos de vez. Ou, persistimos com o nosso plano, com todas as adversidades e todos os obstáculos. Explodimos a Casa dos Destinos, nos matamos e arrumamos um trem, se preciso for para Jocasta. Mas, não vamos desistir! Os que concordam comigo, só precisam cruzar a linha, os que não, permaneçam onde estão.

Jocasta e Adrian se entreolharam. Tinham que ser plausíveis, estavam diante do impossível. Todavia, estar ali, na Casa dos Destinos, já não era em si, inviável?

A enfermeira olhou para amiga. Colocou um pé a dianteira, e cruzou a linha feita por Marieva, logo dando às mãos a mesma, expondo:

— Mesmo não fazendo ideia de como vamos arranjar um trem. — Evinha apertou sua mão, e sorriu.

— Vamos arrumar um jeito.

Marieva lançou o olhar para Adrian que parecia entorpecido. Não esboçando reação. Elas esperaram sua decisão por um longo tempo. Foi quando o jovem apenas se restringiu a dizer:

— Sinto muito, não acredito nisso. — e saiu

NACIONAIS - ACHERON

da sala.

— Adrian...

Marieva impediu Jocasta de continuar falando, colocando com delicadeza um dos dedos em sua boca, a acenando um não com a cabeça. Quando Adrian deixou a biblioteca, a enfermeira cobrou da amiga.

— Por que deixou que se fosse? Por que não o impediu?

— Jô... — Marieva se encostou na parede. — Essa é uma decisão que só cabe ao próprio Adrian. Nenhuma de nós pode tentar mudar, se essa for a sua decisão, infelizmente.

— Não aceito isso! — Embravecida.

— Sabe, se nos colocarmos no lugar dele, talvez seja compreensível.

— Compreensível Evinha? Não diga tolices! — desta vez, ainda mais enfurecida.

— Jocasta, pense comigo. De nós três, Adrian, é o único que possui um vínculo com este lugar. Um vínculo verdadeiro, por mais descabido que isso pareça, afinal de contas, está aqui há anos. Nos últimos anos, A Casa dos Destinos foi o seu lar. De alguma forma, encontra-se enfrentando um dilema. Temos que respeitar o tempo dele, e a sua

NACIONAIS - ACHERON



decisão, se essa for sua vontade.

A enfermeira parou por um instante, e refletiu no que amiga acabara de falar. Sim, Marieva percebia a razão, o comentário de Jocasta era muito coerente. Por mais que Adrian, tivesse evoluído, e sofrido uma transformação arrebatadora devido a amizade genuína entre eles, havia um histórico inegável entre ele e a Casa dos Destinos. Certamente, vira e vivera muitas ocasiões ali. Passara por muitas circunstâncias, ainda que vivesse naquele mundo tão íntimo, perdido e tão seu. Se deparar com uma despedida que exigiria de si tamanho esforço e fé, lhe soava como uma indisposição um tanto severa, e não era complexo ponderar, que continuar ali, não seria de todo tão ruim, para quem assim o fizera durante quatro anos a fio.

— O que faremos? — Jocasta não tentou esconder o desapontamento com Adrian, por mais que entendesse suas razões.

— Faremos. — Evinha foi sucinta. E então saíram indo cada uma de volta aos seus aposentos.

Adrian não obteve êxito em seu sono. Revirou-se na cama até tirar o colchão de sua posição. Fechar os olhos lhe alfinetava a alma. O

NACIONAIS - ACHERON

peso de sua atitude tornara-se um imenso transtorno para si. Conviver com a dor em decepcionar duas pessoas tão importantes quanto Jocasta e Evinha, esta, sobretudo, agoniava profundamente seu coração.

Ele chorou.

Aos montes.

Em soluços.

Faltava muito pouco para o dia nascer mais uma vez, quando ouviu um leve ranger em sua porta. Alguém a empurrava com esmero e apreensão. Tudo que fez foi seguir seu coração em pedaços e perguntar:

— Evinha?

Sim, era ela. Sorriu brandamente, e sentando ao lado de sua cama, enquanto acarinhava seus pés, deu-lhe entender que sua presença, não era a de o inquirir por sua decisão, e sim, de apoio. De quem estava ali, somente para lhe dar forças.

Ele se manteve calado. Após quase uma hora, um tímido raio de sol, apontou na cabeceira da muralha que cercava a clínica, alcançando um jeito de entrar, ainda que humildemente, em seu quarto.

— Preciso ir. — ela disse. E antes de ensaiar ficar de pé, a impediu.

NACIONAIS - ACHERON

— Por favor, fique um pouco mais. Preciso de você.

Evinha ergueu a cabeça, e foi dura.

— Eu sei. Mas tenho que ir. Também preciso de você, no entanto, sei que não contarei com a sua ajuda.

— Deixe-me explicar...

Marieva levantou-se antes que o rapaz tentasse finalizar a frase, e o confrontou:

— Não Adrian, permita que lhe diga uma coisa. Somente isso, porque realmente preciso ir, você sabe para onde, com quem e o por que.

Ele sentou-se para ouvi-la com atenção.

— Quero que pense antes de responder. Se estivesse em um carro onde só há espaço para mais uma pessoa, só uma, além de você. É uma noite muito chuvosa, faz frio, e ao passar num ponto de ônibus, nota que há três pessoas que estão ali paradas, em pontos diferentes e não podem se ver, mas todos esperam pelo ônibus. São: Sua mãe, que está muito doente, e aguarda um modo de ir para o hospital. O médico, que cuida da sua mãe e pode salvá-la, e mais adiante um pouco, o grande amor de sua vida.

Ele antecipou:

NACIONAIS - ACHERON

— Você.

Ela prosseguiu.

— Todas as três pessoas são importantes e necessitam de sua ajuda. O que você faz? Quem você salva?

Adrian parou, pensou. Olhou para a jovem, e meio que querendo se justificar, respondeu:

—Minha mãe, afinal, ela é a minha mãe.

—Essa é a sua resposta? Salvaria sua mãe?

—Sim. — respondeu.

—Resposta errada.

—Mas ela é a minha mãe! — retrucou.

— Este é um teste psicológico, Adrian. A maioria das pessoas respondem que socorreriam suas mães. Alguns os médicos, outros o grande amor da sua vida. Mas a resposta certa, não é nenhum dos três.

— E qual é a resposta correta?

— É você sair do carro, dar o seu lugar ao médico junto com as chaves, e o lugar do carona a sua mãe, e ir de ônibus com o grande amor da sua vida.

— Jamais pensaria isso. — disse decepcionado.

—Eu sei. Entendeu o que o teste diz? É preciso sair do nosso espaço de acomodação, Adrian. Para enfrentar as condições mais intrincadas que a vida nos impõe, às vezes, temos que sair da nossa zona de conforto. Não adianta apenas querer ajudar a pessoa que mais amamos, se não estamos dispostos a nos sacrificar, a renunciar seja o que for em prol dela.

— Aonde quer chegar?

— Saia da sua zona de conforto, Adrian. Dê as chaves do carro nas mãos do destino, enfrente o que tiver de enfrentar, ainda que não seja por mim, o que é mais que compreensível, faça isso pela sua mãe.

E retirou-se.

## CAPÍTULO XIV

### ALGUÉM VIU UM TREM

Antes de chegar à sala de música, Marieva atinou para certa movimentação no pátio da clínica. Cessou, e observou.

Uma ambulância estacionou entre o portão e a guarita. Mikael e Harriel saíram dela, tranquilos e falantes, não constituiria excesso interpretá-los como felizes. Todavia, os enormes olhos da moça, concentraram-se no veículo. Raciocinou em frações de segundos. Recolheu informações em sua mente, e apenas emitiu um som:

— Hum.

Sorrateira, resvalou pela recepção sem deixar rastros, fingiu contemplar o jardim seco e sem vida, continuamente por ela criticado. Aproximou-se o quanto pôde da guarita. No relance, avistou os dois sujeitos que prosseguiram com aquele que parecia ser o melhor assunto de suas vidas. Marieva riu. Agachada, refez o percurso, agora, beirando curvada pela outra borda da muralha, o que desembocaria na porta do motorista.

Com cuidado, preocupou-se em dar mais uma olhadela ao seu redor, os dois indivíduos, ainda

NACIONAIS - ACHERON

jaziam lá, e a conversa cá fluía encorpada com belas gargalhadas.

Foi o bastante.

Ardilosa, embocou a mão pela encurtada janela junto à vidraça do motorista, e destravou o pino da porta, abrindo-a com um contragolpe a maçaneta da veraneio ano 1979, modelo 1980, que por espantoso que pareça estava em ótimo estado de conservação, diferente do mais na Casa dos Destinos. Reconhecia carros, paixão herdada de seu avô, já havia visto centenas daqueles, utilizados numa época onde convinhavam como ambulância, rabecão e viatura policial.

Marieva percebeu que o camburão possuía chaves como qualquer automóvel. Mas seria pedir demais para que estivessem ali. Numa breve analisada, constatou que o tanque estava pela metade, e que o velocímetro encontrava-se quebrado, marcando 100 km/h. Um disparate, se tratando do veículo em questão. Achou melhor parar por ali, afinal, cometer alguma falha agora, seria crucial para os seus planos.

Resolveu volver à rota que a levaria à sala de música onde Jocasta, de certo, já soltava fogo pelas ventas. O alarme em não cometer erros foi

NACIONAIS - ACHERON

tamanho, que a moça não atinou que na aresta oposta da guarita, Raziel observava todo seu trajeto e súbita curiosidade pela viatura. Logo, que adentrou, ele tracejou um suave riso, e um breve comentário:

— Garota esperta. Garota muito esperta.

E saiu.

— Até que enfim senhorita Rondan Palhares! Pensei que tivesse evaporado. — A enfermeira não escondeu a ansiedade e o nervoso, desencadeados desde a desistência de Adrian.

— Acho que encontrei o jeito de provocar seu acidente.

— confessou.

— O que? — Jocasta bradou em alto e bom som.

— Arrumou um trem?

— Definitivamente você não conhece o significado da palavra discrição. — reclamou à amiga. — É lógico que não arranjei um trem. Disse que encontrei um meio de reconstituir seu acidente. São coisas distintas, minha cara! — enfatizou.

— E o que foi que conseguiu? — dessa vez cochichando.



— Quando estava vindo, vi certo burburinho na entrada da clínica. Mikael e Harriel estavam descendo de uma ambulância.

— Ambulância? Espere um momento, não está se referindo àquele camburão carrega defuntos que trazem os pacientes, está?

— Bem se é o camburão modelo 79, em bom estado, e um mero pormenor, O ÚNICO TRANSPORTE QUE HÁ NESTA POSSILGA, sim estou!

— Quer que eu morra num rabecão?

Marieva passou a mão pelo rosto, não acreditando na redundância que a amiga colocava em pauta. Conteve-se e proferiu:

— Minha querida, linda e amada Jocasta, ou aceita o rabecão e torna a viver, ou vai de limusine direto para o céu. Pegar ou largar!

— Desculpe. — ajeitou-se na cadeira.

— Deveria estar dando graças à Deus se conseguirmos roubar a ambulância, para tirá-la daqui.

— Nós vamos roubar a ambulância?

— Não, vamos tomar emprestado! É claro que vamos roubar a ambulância, ou acha mesmo

que nos daria com chave na ignição e tudo? Aliás, esse é outro pequeno contratempo. Teremos que fazer ligação direta.

— Por mim, ótimo. Sei fazer ligação direta.

E dessa vez, foi Marieva quem se surpreendeu.

— Sabe?

— Sei, cansei de fazer no carro da minha irmã quando não queria me emprestar.

— E por que ela não queria te emprestar o carro?

— Probleminhas... Só porque suspenderam a minha carteira. Mero detalhe. — sorriu.

As duas se calaram.

Instantes depois...

— E o Adrian? Não veio mesmo.

— Estive com ele quando o dia amanhecia.  
— relatou Evinha.

— E então? — Jocasta jogou os cabelos para os lados com o intuito de ouvir melhor. — O que falou?

— Na verdade, quem falou alguma coisa fui eu.

— Respondeu Evinha, procurando algo para por na

vitrola.

— Espero que Adrian reflita sobre o que conversamos, mas não estou disposta a pensar nele Jô. Não mesmo. Precisamos sair desse lugar o quanto antes, e isso inclui com ou sem ele, por mais pesar que isto me traga. — respirou.

— Acha que vamos conseguir sem ele, Evinha?

— Talvez sim, talvez não. Porém, tenho certeza que devemos tentar. O que vier, será o nosso lucro.

E mais um dia passou na Casa dos Destinos.

A noite veio imponente. E junto dela, a jornada de Marieva e Jocasta até o porão.

Um toco de vela. Sim, cotoquinho de vela foi tudo que conseguiram para alumiar o caminho, infestado de baratas, ratos do semelhantes ao tamanho de um gato, e um ar embolorado como o tempo que de certo, fez daquele ambiente um recinto de repouso eterno.

Marieva liderava as duas, afinal, conhecia o caminho das pedras. Estivera lá na noite da sala especial. Por um momento temeu perder-se outra vez. Agarrada ao seu braço, a enfermeira sentia

NACIONAIS - ACHERON

constantemente ameaçada, não somente pelos insetos e bichos peçonhentos, entretanto, e principalmente, pelo medo e o asco que o ambiente expunha. A chama da pequena vela, mal dava para aclarar centímetros a frente das duas. Vez por outra, uma corrente de ar fazia graça, e colocava em cheque a pobre flama, que era de pronto, resguardada por Marieva.

O silêncio era mais que necessário. Decidiram antes de percorrer o trajeto, de não trocarem uma palavra sequer. Despertar atenção, não era de fato, o intento de nenhuma das duas moças. No entanto, quando Marieva avisou por meio de gestos que estavam próximas da abertura do porão, Jocasta precisou quebrar a promessa:

— A vela! — sussurrou.

— Fica quieta. Esqueceu, do que combinamos?

— segredou Evinha.

Jocasta tentou então apontar agoniada para a vela utilizando todos os dedos das mãos.

— Quer parar de sandices? — replicou Marieva.

— Apague a vela. — Balbuciou.

Marieva não compreendeu a repentina  
NACIONAIS - ACHERON

preocupação da amiga com o toco de luz flamejante.

— O que tem ... — Ouviram um barulho. Pararam, observando a sua volta. — O que tem a vela, mulher?

— Quer entrar num porão repleto de pólvora com uma vela acesa? — cruzando os braços, numa cara de poucos amigos.

Marieva precisou aderir, ela tinha razão.

A chama foi apagada com dois toques simultâneos da enfermeira sobre a vela. Marieva pediu para que ela se agachasse com cuidado e a ajudasse a empurrar a porta de ferro, que rangia em demasia. Procuraram se ajeitar, e cochichando dão início uma contagem de um à três.

O impulso é severo demais. A porta se abre, porém, as duas se embolam no chão devido a queda.

— Eu disse que não precisava de tanta força, Jô.

— resmungou o que sobrou de Evinha embaixo do corpo da amiga.

— Pois é, me lembrei dessa informação logo que percebi que nos tombaríamos no chão. Ai! — levantando com as mãos nas costas.

— E agora, o que vamos fazer em meio à essa escuridão?

Marieva, ainda de joelhos, engatinhou em direção à uma pequena vidraça, que notara da última vez que esteve no porão. Tateando pelas paredes, conseguiu destrancar o trinco da janela, e uma lua cheia e companheira, logo clareou um pouco mais o recinto.

— Melhor agora? — indagou .

Foi quando Jocasta contemplou toda à sua volta, e uma nova visão da Casa dos Destinos povoou sua mente. Marieva não cometeu exageros quando contou que havia barris de pólvoras mais que suficientes para mandar toda clínica pelos ares.

Eram centenas deles.

Todos empilhados metodicamente um em cima do outro, sucessivamente.

Sim, formavam uma cascata estonteante.

A medida que ia apreciando tantos barris, seu rosto ia se transformando do mesmo modo. De repente parou. Olhando para amiga.

— Estão todos cheios?

Marieva saiu do breu onde permanecia. Passou por ela, parando na frente de dois tonéis.

Virou-se de novo, agora, com as mãos, cada uma na rolha que obstruía a passagem da pólvora. E os arrancou respectivamente.

— *Voulà!* — Sorrindo.

Jocasta correu, tentando buscar no fio de luz oferecido pela lua, um modo de clarear a incessante cascata de pó que desatinou a escorrer dos barris.

Abarrotando as mãos, abriu um riso contagiante. As duas, entretanto, motejavam tanto, de poder conter as altas gargalhadas que vieram em seguida.

— Não acredito! — Falou a enfermeira, cheirando o pó acinzentado. — É pólvora de verdade!

— Viu agora tudo que temos que fazer, é pegar os cálculos com Adrian, e levar alguns dele para o topo da clínica.

— Levas estes barris?

— Está vendo outros, lesada da silva?

— De que jeito, Evinha? Carregar esses toneis abarrotados de explosivos, sendo mulheres e sozinhas?

Foi neste instante, que uma nova silhueta com uma lanterna a pilhas, entretanto caduca,

apareceu corrigindo a enfermeira.

— Sozinhas não! Foi daqui que pediram um homem forte, lindo e gostoso?

As duas sorriram, pularam, e ao mesmo tempo gritaram:

— Adrian!

O rapaz havia ponderado suas atitudes com o poder de persuasão de sua amada. E depois de muito ser beijado, beliscado e apertado pelas duas, Jocasta se atreveu a questionar:

— O que lhe fez mudar de ideia?

Olhando sem piscar para franzina Marieva, e do alto de seus quase 1.90 cm, se limitou a dizer:

— Saí da minha zona de conforto. Afinal, não dizem por aí, que atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher?

E sem pestanejar, ela empurrou Jocasta, se pendurou no seu pescoço atrelando suas pernas a sua cintura, e lhe deu um beijo que só os amantes conhecem.

Adrian assuntando com o beijo arrebatador, olhou curioso e perguntou:

— Onde foi que aprendeu a beijar assim, menina?



— Não gostou? — retribuindo a indagação com um tom malicioso.

— Só não gostei por um detalhe, foi um beijo roubado. Vai ter que devolver. — sorrindo.

No dia seguinte, durante o banho de sol, começaram a traçar o plano de fuga. Apenas Jocasta, faltava para completar o trio, sua demora era devido sua passagem na cozinha, traria pacotes de sacos plásticos que lá vira, e segundo Adrian os ajudaria a espalhar a pólvora.

O que ainda o intrigava, era de como transportariam alguns barris para o cume da Casa dos Destinos. Era inviável carregá-los sem ser vistos ou desprovidos de força, como eram. O ponto foi discutido logo que a enfermeira chegou abarrotada de pacotes de sacos plásticos.

Agora, que somente eles estavam na clínica, a segurança era bem mais branda, quase nunca viam alguns dos misteriosos funcionários. Processo que facilitou Jocasta engordar uns 30 quilos, pelo menos em sua aparência, o fato se dava, porque carregou os pacotes por dentro de suas roupas.

— Pelo amor de Deus, me acudam! Estes pacotes estão me esquentando por demais! —  
NACIONAIS - ACHERON

chegou aos berros.

Adrian cantarolou para ela:

— Você é doida demais! Doida, muito doida, você é doida demais!

Após a ajudarem, refletiram sobre os toneis de pólvora. Marieva teve uma ideia de súbito:

— E o elevador?

Jocasta se engasgou, socorrida por Adrian com tapinhas nas costas.

— O elevador dos superiores? — indagou entre uma tosse e outra.

— Pode ser uma boa opção. — comentou Adrian.

— Estão malucos? — Jocasta se enfureceu. — Como vamos usar aquele elevador?

— Como usamos todos os outros em toda nossa existência. Se há um elevador, tem que haver um poço. Portanto, o elevador tem acesso há algum lugar no porão, e pode conduzir facilmente os barris. O que acha Adrian?

— Tudo ou nada.

Puxaram a pobre enfermeira pelos braços, e desceram até o porão. Reviraram todos os cantos da sombria sala. Até que num determinado momento,

Adrian acabou com a angústia:

— Achei!

A entrada do elevador estava lacrada por uma falsa parede de madeira, O rapaz afastou alguns barris, e começou a quebradeira. Passado quase meia hora, conseguiram tirar toda parede. Mesmo cansados, decidiram que aquela era a melhor hora para colocar os barris, cerca de quatro por vez, e no fim da manhã, haviam feito aproximadamente vinte viagens, num total de oitenta barris de pólvora, que foram espalhados estrategicamente por Jocasta e Marieva, quando chegavam nos andares superiores.

Todos estavam demasiadamente cansados, no entanto, satisfeitos.

Passaram toda madrugada como formigas, ensacando a pólvora nos sacos plásticos e em baldes.

Adrian sentou-se na terra barrenta do porão com a lanterna, e desenhando naquele chão com uma faca subtraída da cozinha, as explicou metodicamente cada passo que dariam na manhã do dia seguinte.

O dia da fuga.

Depois de repetir exaustivamente  
NACIONAIS - ACHERON

separadamente o que cada um faria, outro problema surgiu.

O tempo.

Eles não tinham como cronometrar o tempo, não havia hora na Casa dos Destinos.

Jocasta então, relembrou da sala de música, como os discos que haviam eram os saudosos vinis, era comum vir o tempo de cada música na frente de seu título. E Adrian, calculara que para espalhar os feixes de pólvora, assim como os sacos nas estruturas, e levar o carro a cerca de 800 metros em ponto morto pela ponte, se fossem extremamente rápidos 01hr. Contudo, este tempo teria que ser dado por Raziel, e Marieva se encobriu da tarefa de confrontá-lo.

Mas, o tempo de fuga a partir da explosão, ainda existia. Precisariam de aproximadamente 03h30mins. Não poderiam ultrapassar isso. Senão, colocariam o plano todo abaixo.

Voaram à sala de música. Procuravam por um enredo que se aproximasse dos 03h30mins. Acharam alguns temas, todavia, muito melancólicos. Não queriam que a música que os acompanhariam em sua fuga fosse do tipo: “Eu não sou cachorro, não!”.

NACIONAIS - ACHERON

Após uma longa busca, e desavenças em gostos musicais, Marieva, se deparou com uma música que ela adorava, com precisos 03h43mins. Pensou: “É essa!”

Correu chamando Adrian e Jocasta que se empurravam, dizendo um estar com inveja do outro por ter encontrado uma ou outra celebridade.

— Vejam essa música? O que me dizem?

Jocasta olhou e ficou toda animadinha.

— Com este ser cantando, serve até parabéns para você, querida! Eu topo!

— E você, Adrian?

Quando viu, as olhou e proferiu um sonoro:

— Não!

— Por que não? — Questionou Evinha, ajudada por Jocasta.

— É? Por que não?

— Ricky Martin? — Ele protelou.

— She livin La vida loca! — Tudo haver comigo, amor.

— pulou Evinha com o LP na frente do corpo.

— Comigo também! — endossou Jocasta — Fechamos nela! Somos duas contra um, democracia é tudo baby!

# PERIGOSAS

As duas batem as mãos num cumprimento vencedor.

Nada restou ao pobre rapaz, que não passar a noite escutando ensandecidamente "she livin La vida loca!", enquanto as duas dançavam enlouquecidas por toda sala.

Uma despedida da saudosa sala de música, para ninguém botar defeito. Ninguém, além de Adrian.

## ULTIMO CAPITULO

### LINVIN LA VIDA LOCA!

Os três caminhavam lado a lado pelos corredores da Casa dos Destinos, eram fortes, decididos e unidos. Em nada lembravam, as três pessoas emaranhadas por suas características apáticas, submissas, depressivas e suicidas, como Adrian e Marieva.

Marcharam em direção ao elevador, sabiam que às três horas da tarde em ponto, os funcionários subiriam para reunião com superiores. Porém, naquela tarde, não houve reunião, e ao invés de subir, desceram do elevador, os três homens de terno.

Raziel, Harriel e Mikael.

Não seria exagero, afirmar que um grande duelo aconteceria entre os lados. Entretanto, quando se enfrentaram, Marieva foi a única a andar à frente representando sua aliança, do mesmo modo, do outro lado, Raziel. Os dois se encararam, e Raziel foi enfático:

- O que quer de mim, Marieva?
- Tempo. — objetou precisamente.

— Sabe que não posso lhe dar isto.

— Sabe que vamos explodir esta pocilga inteira, com ou sem a sua permissão.

Ele olhou para o lado foi até um aparador, e apanhou uma ampulheta, esticou o braço direito e foi talhante.

— Uma hora.

Ao ouvir Jocasta, protelou:

— É muito pouco tempo para...

Marieva a interpelou, enquanto Adrian a apaziguou pondo a mão sobre seu ombro.

— É o suficiente.

Raziel virou a ampulheta, e o tempo passa a ser contado.

— É melhor se apressar, Marieva. As areias do tempo correm contra vocês.

— Contra não, ao nosso favor!

Ele lhe deu as costas pondo o objeto em seu bolso, e antes que a porta do elevador se fechasse, não escondeu o orgulho de vê-los ali, como três heróis bélicos, prontos para sua última batalha. Não se contendo, ergueu o dedo na direção do rosto da moça e bradou:

— Manda ver!



Aceleraram cada um para executar a sua parte do plano. Quando chegaram ao saguão, se entreolharam, e Adrian se pronunciou:

— Daremos conta. Mantenham a tranquilidade.

— Nos veremos em 50 minutos aqui, certo?  
— Arrematou Marieva.

— Certo. — os outros responderam.

Marieva correu como uma flecha os oito lances de escadas, até chegar à torre norte, de onde teria que começar a espalhar as pólvoras conforme as determinações de Adrian. Colocou um feixe em cada perímetro de cada torre, e o mesmo em todos os andares superiores. Vez por outra, o cheiro da pólvora lhe causava náuseas, e mesmo que algumas vezes tenha sucumbido as vias de fato, não se acanhou em posicionar os detonadores caseiros em seus devidos lugares. O suor escoava pelo seu corpo como água fresca descendo pelas montanhas após o rigoroso inverno. Era sem dúvida, uma tarefa muito árdua para uma moça de estrutura tão modesta. Todavia, puxar cada barril daquele com cerca de 50 quilos cada, um pouco menos que sua massa corporal, lhe trazia prazer, um misto de satisfação e orgulho de que ao menos, uma vez na

NACIONAIS - ACHERON

vida, estava de fato bancando algo correto em prol de uma nobre causa, tornar a ter o direito de viver.

Adrian, precisou se embrenhar nos mais estreitos cúbicos que o prédio tinha. E onde não tivesse tais cúbicos, teria que arrumar um meio de colocar os sacos com os explosivos lá. Ratos, baratas e adjacentes se tornaram colegas de quarto. Ele apenas os advertia:

— É galera, acho bom vocês arrumarem outro canto, porque daqui a pouco o bicho vai pegar por aqui.

Enquanto, distribui em exata proporção os sacos nas encurvaduras, pilastras e vigas do prédio, um mar de emoções passava pela sua cabeça. Onde poderia imaginar que um dia, se jogar com tanta coragem num aventura alucinante e descabida como aquela. Mas o sabor de estar junto de Evinha, poderia fazê-lo de certo ir a Lua pelo menos cem vezes. Adrian, enfim, conhecia a satisfação.

A Jocasta foi dada a empreitada de espalhar os barris em feixes em toda área térrea, que concebia nas enfermarias, quartos, salas e o refeitório e a guarita dos seguranças, por último. Ela teria que levar a linha de pólvora para fora da clínica por no mínimo, trinta metros. E assim o fez,

NACIONAIS - ACHERON

júbilo mesmo, experimentou quando chegou no refeitório, e sorrindo bradou aos quatro cantos:

— Adeus sopa rala e chá de quinta! Vocês, nunca mais!

Apenas se embarçou, na divisão dos tonéis da cozinha e da guarita. Na imprecisão, decidiu trocar os baldes na copa e os barris para a guarita. Abriu os portões com muita dificuldade, soltou o freio de mão da velha ambulância e a empurrou até a marca que Adrian lhe mostrara da sacada, eram quase 800 metros empurrando a joça automobilística, no entanto, conseguiu bravamente, e arrematando seu serviço, desenhou a linha de pólvora, seu desafio final. E então, retornou ao saguão. Sabia que pela ordem, certamente, acabaria primeiro. Não obstante, veio Marieva, seguida tão logo por Adrian. Os três estavam exaustos.

— Quanto tempo ainda temos? — ele indagou.

— Uns oito minutos. — precisou Evinha ofegante pela descida.

— Vamos meninas, temos que sair daqui o quanto antes.

Os três desceram as escadarias da recepção como as mais ligeiras lebres de um campeonato.

NACIONAIS - ACHERON

Antes de romper o portão, Marieva parou e apreciou o que seria a última vez a Casa dos Destinos.

Adrian e Jocasta também pararam estranhando sua reação.

— Vai sentir saudades, amor? — Ele brincou enquanto limpava o suor do rosto na camisa encardida.

— Nunca mais trabalharei em uma clínica, é uma promessa que faço à mim mesma. — glosou Jocasta.

Evinha sorriu dizendo:

— Saudades? Aqui ó!

Dando uma bela banana para o lugar mais inóspito que já conhecera.

— Vamos sair daqui! — gritou.

E pulando entre entulhos e pedregulhos, correram até a marca dos trinta metros, a fim de começar a explosão da clínica. Adrian tirou do bolso o último palito de fósforo reservado para aquela memorável ocasião. E as suplicou:

— Torçam para que ele funcione, não tivemos direito a teste drive.

Ajoelhou-se, e com muito cuidado, ascendeu

o palito riscando no asfalto, protegido pelas mãos de Evinha. A primeira tentativa fracassou. Jocasta permitiu-se enlouquecer.

— Ai meu Deus, não vai me dizer que este fósforo vai dar piti!

Adrian solicitou para que se acalmasse. Em nada, sofreguidão os acudiria aquela altura, já haviam arriscado demais. Ele segreda com Evinha sem que a enfermeira veja:

— Quanto tempo?

— Menos que dois minutos com certeza.

— Vamos conseguir!

— Sim, vamos! — trocam um breve selinho.

O rapaz se concentra e tenta mais uma vez, porém, em vão. Agora, era questão de segundos para que a tempo dado por Raziel se esgotasse, foi quando Marieva lembrou-se de um importantíssimo detalhe.

— Sou eu quem tenho que fazer isso!

— Por quê? — indaga Adrian sem entender seu raciocínio.

— A Casa dos Destinos foi projetada por Raziel para mim, lembra? Sou eu quem tenho que explodi-la.

E quando os três homens apontaram na sacada na contagem regressiva, Evinha agachou-se, rasgando com toda vontade o fósforo no chão que se ascendeu prontamente e iniciando a fagulha no feixe de pólvora que se alastraria em segundos por todos os cômodos do local.

Se afastaram, indo além, andando de costas, e cerca de dez segundos depois, as primeiras explosões começaram estilhaçando todas as janelas e andares superiores. Entre as incontáveis explosões e escombros, as silhuetas de Harriel, Mikael e Raziel foram desaparecendo com a mesma ferocidade.

E o que viram era uma visão antológica, digna de um grande clássico do cinema.

Por alguns minutos, puderam apreciar tudo aquilo, inda que não cressem no que seus olhos os proporcionavam.

Enfim, era uma realidade:

A Casa dos Destinos estava sendo detonada.

Uma mistura de riso e lágrimas os ascendiam, os deixando fascinados.

A contemplação teve fim, quando Marieva, indagou Adrian :

— O que faremos?

NACIONAIS - ACHERON

— Correr. — respondeu. — Temos que correr e muito! Não se esqueçam, a partir desse instante temos cerca de 03h40mins para percorrer parte da ponte, chegarmos no carro e seguir com a segunda parte do plano. O mesmo período da musica "she livin La vida loca" que cansamos de ouvir, para cronometrarmos nosso tempo. Entendido?

— Dá-lhe Ricky Martin! Uhooooooooooooooooo!  
— proclamou Evinha.

— Pernas para quê te quero! – Gritou Jocasta retirando as sapatilhas de enfermeira para correr ainda mais.

Jocasta nunca correria tanto em sua vida, semelhava uma verdadeira maratonista, deixando de lambuja o casal crepúsculo na lanterninha. De vez em quando, olhava para trás e gritava:

— Viram eu disse que era boa na corrida!

E desatinava a voar com os pés novamente. Adrian e Marieva corriam de mãos dadas, vez por outra ela tentava olhar para trás, ele a repelia:

— Não olha amor, não olha! Apenas corra, vamos conseguir!

Passados os primeiros 500 metros, uma grande explosão jogou pedaços enormes de  
NACIONAIS - ACHERON

concretos sobre eles. Por muito pouco, um bloco abissal de cimento não atingiu a cabeça de Adrian. Isto os obrigou parar e ver o que tinha ocorrido.

— Isto não era para acontecer! — ressaltou Adrian.

— Como não era para acontecer?— questionou Marieva.

— Não era para explodir tudo?

— Sim, mas não assim.

Foi quando o moço lembrou-se de um pormenor.

— Jô, quantos baldes de pólvora colocou na guarita?

Ela arregalou os olhos, tentando se esquivar do erro.

— Baldes?

— Conheço essa cara! — Constatou Evinha.  
— Ela fez merda!

— Pelo amor de Deus, Jô, quantos baldes colocou na guarita?

— Nenhum.

— Ufa! Dos males o menor. — respirando folgado.

— Por quê? — A enfermeira quis saber para



avaliar o volume da atrocidade que cometera.

— Por um momento tive medo que tivesse trocado a quantidade de baldes da guarita, isso certamente comprometeria a estrutura da ponte. Desabaria tudo!

— Ei! - gritou Evinha. — Estão ouvindo isto? É impressão minha ou a ponte está estalando?

Adrian olhou de súbito para Jocasta. Que se desculpou dizendo:

— Coloquei dois barris nos lugar dos baldes. Foi mal, gente!

— VOCÊ O QUÊ? — Evinha tentou agarrá-la pelos cabelos, e foi contida por Adrian.

— Foi sem querer amiga!

— Eu vou matar você, Jocasta! Picotar em micro células!

Adrian apartou as duas colocando-se no meio, e foi enfático:

— Receio que não haverá tempo para isso! Estamos encencados!

— E agora? — Jocasta puxa os próprios cabelos.

Desolado Adrian responde:

— Só consigo pensar na frase do filme do Di

Caprio: “*Não importa o que façamos agora, o Titanic vai afundar.*” A ponte vai cair!

— O que vamos fazer Adrian? — pergunta Marieva aflita, enquanto assiste a cabeceira da ponte do lado da clínica começar a ruir.

— Correr, é tudo que podemos fazer! Vamos embora, corram! É tudo que podemos e temos que conseguir!

Mais uma vez, a enfermeira desatinou a dianteira dos dois. Rápida, ela também tinha a missão de chegar ao carro antes de Adrian e Marieva e dar a partida.

Em segundos, a ponte começou a estalar ainda mais forte e próximo aos dois. Marieva notou que no canto do seu olho direito, pedaços da mureta de proteção da ponte começaram a cair, soltando parte dos cabos de aço que sustinham a armação da ponte. Ofegante enquanto correm, tenta alertar o companheiro:

— Adrian, as muretas, os cabos estão se soltando!

— Vem, vamos nos manter no meio dela, sempre no meio, certo?

Cada passada que davam, os cabos iam se soltando passando por milímetros por suas cabeças.

NACIONAIS - ACHERON

No rompante, Adrian, deu uma breve olhada para trás, rompendo com o conselho dado a Evinha minutos atrás.

E foi aí, que gritou:

— Droga!

Assustada, Marieva, o indagou:

— Adrian?

— Evinha, não olhe, apenas confie em mim. Pode fazer isso?

— Olhar para onde? O que aconteceu?

Ele segurou ainda mais forte sua mão, e entre pulos, solavancos e estilhaços, a puxava decidido.

Seu receio, era que a jovem, assistisse o que ele havia visto. Que o pavimento da ponte estava se desmanchando praticamente à poucos metros de suas passadas largas e desesperadas pela liberdade.

O cenário era avassalador.

Jocasta entrou no velho camburão, já tentando engatar a marcha do câmbio mais potente, com a estrita finalidade de zunir com a ambulância pela ponte.

— Vai, vai! Vai logo!

Suas tentativas não a davam êxito. Foi

quando viu pelo retrovisor Adrian e Marieva, estugando feitos loucos, enquanto a ponte, estilhaços e cabos, vinham em sincronia atrás deles.

Não crendo, colocou a cabeça para fora, e berrou:

— Ferrou!

E mais célere, desandou, obstinada, fazer a ambulância pegar no tranco de qualquer jeito.

Marieva começou a dar sinais de cansaço, diminuindo a velocidade. Adrian, percebendo, a puxava aos berros:

— Não desista! Nós vamos conseguir!

— Estou sem ar e sem pernas. — balbuciou em ritmo mais lento.

— Corre Marieva Rondan Palhares! Vamos! Força!

Ela o olhou sorrindo, e recobrou as forças.

Jocasta já tinha conseguido ligar o camburão 79, Mais algo trincava a partida.

— Onde estou errando Deus? Todos os procedimentos para ressuscitar esta relíquia de quatro rodas já foram realizadas! O que há de errado?

Foi quando Adrian e Marieva a alcançaram.

— Não está pegando? — Adrian indagou palpitante.

— Corram, não se preocupem, alcançarei vocês!

— Tem certeza? - preocupou-se Evinha.

— Sim, vão!

Prosseguiram decorrendo pelo meio da ponte. E a última visão de Jocasta, pelo retrovisor não foi das animadoras.

— Ai caramba! É o apocalipse!

Literalmente, faltavam poucos metros para que ela e o camburão fossem engolidos pelos destroços da construção. Encheu o peito de coragem, respirou fundo, e sem conversas, ligou novamente a aboleta automobilística, soltou um pé da embreagem, e afundou o outro no acelerador, berrando:

— Vamos correr para a mamãe, belezinha!

Adrian começou a sentir uma forte dor sobre o diafragma, sabia que era devido o pique imposto ao seu corpo defasado depois de anos na cadeira de rodas. Marieva notou sua fadiga.

— Também não aguento mais! Precisamos parar! Por favor!

Ele atendeu seu pedido, parando e trazendo a mão em cima do abdômen. Mal conseguiam se comunicar devido a imenso empenho, quase sobrenatural.

Se entreolharam desgastados, e embora, ambos não tenham se pronunciado, experimentaram o medo de não conseguirem. Quando Marieva tomou a iniciativa e pensou em dividir com ele o que passava dentro de si, naquele momento crucial. Adrian, a impediu, pondo a mão sob seus lábios, enquanto acenava a cabeça para que se calasse.

De repente:

— Vai carona?

Jocasta abriu um sorriso inesquecível, com um braço para fora da porta. Os dois pularam vaporosos, na parte traseira do camburão, iniciando a segunda parte de toda aquela aventura que apelidaram como "plano de fuga".

A enfermeira cortava os enormes pedaços de cimento e cabos, com uma destreza espetacular, de causar inveja a qualquer piloto de Fórmula I. Os solavancos e safanões na traseira, sofridos por seus amigos, eram intermináveis, entretanto, valiam a pena, diante da agilidade de moça. Marieva se

NACIONAIS - ACHERON

limitou a comentar entre uma cabeçada e outra:

— Agora entendo, porque suspenderam a carteira dela!

Jocasta foi magistral no volante. Conseguiu, em poucos segundos, fazer com que o velho carro rendesse uns bons cento e cinquenta quilômetros por hora.

Em um dado instante, Evinha fixou o olhar entre escombros e fumaça.

— Está vendo? — apontando para o canto.

— Vendo o quê? — Adrian se aproximou dela.

— Raziel! Veja, ali! Agora, lá!

— Santo Deus, o que será que ele quer?

A cada cinquenta metros percorridos, era possível vê-lo parado num canto, ora de um lado, ora de outro. Somente os observando.

Quando já estavam além da metade do comprimento da ponte, Mikael parou ao lado de Raziel que os observava cuidadosamente, e com discrição o questionou.

— Suas ordens?

Manteve-se silencioso por alguns segundos, como quem refletisse toda situação e respondeu:

— A ordem é que contemplemos o que o poder da vontade pode concretizar na existência de um ser humano. Veja bem, meu amigo. Não são todos os dias que podemos admirar três jovens batalhando para ter uma segunda chance.

— Sobretudo, Marieva. — completou Mikael.

— Em pensar que chegaram À Casa dos Destinos carregados pelos braços da morte, e agora, lutam com unhas e dentes pela vida!

Os dois permaneceram como espectadores.

Atingido a metade do caminho, a segunda parte do plano, era deixar Jocasta no carro para que pudesse acelerar ao máximo até chocar-se com a última mureta da ponte. O que simularia a mesma forma de colisão, que a colocara em coma, no acidente com o trem, circunstância que a fez ir para a Casa dos Destinos, após ser indicada por Raziel.

O casal desce do carro.

Não há como negar, é uma hora tensa para todos.

Marieva aproxima-se da amiga ao volante, beija sua mão, e tentando esconder o choro com a voz embargada, sorri a apoiando:

NACIONAIS - ACHERON



— Não tema, vai dar tudo certo!

Jocasta fita os dois, e também não consegue esconder a emoção.

— Amo vocês. Amo para sempre.

— Lembre-se: — advertiu Adrian. — Temos todo o tempo do mundo. Nós iremos nos encontrar outra vez.

Ela sorriu, e repetiu a frase que os selava.

— Temos todo tempo do mundo.

— Vai!

Marieva bateu com pressa na porta, visto que o desabamento já se aproximava novamente.

Jocasta limpou os olhos, fixou uma meta imaginaria. Acelerou o carro uma, duas e na terceira vez, o ronco do motor era colérico, soltou o pé da embreagem, o que fez a ambulância decolar sem nenhum respeito.

Adrian abraçou Marieva, a cena a seguir, era muito árdua de ser acompanhada, em especial, quando alguém que se ama, é o seu protagonista.

Jocasta corajosamente mirou dentro da última mureta de proteção, e colidiu em cheio, explodindo o automóvel consigo instantaneamente.

Os dois choram.

Há silêncio.

Adrian está com a cabeça curvada com lágrimas que escoam sem reserva de seu rosto, quando sente um leve puxão na mão direita. Marieva o fita dizendo:

— Vamos, agora é a nossa vez!

Ele atenta mais uma vez para trás e percebe que devem correr um pouco mais, para alcançarem o ponto que marcaram.

E eles correm.

Lado a lado.

De mãos dadas.

Ainda que um mundo estivesse caindo sobre suas cabeças, literalmente.

Assim que alcançam a marca, arfantes olham um para o outro. É hora de se despedir.

— Chegou a nossa hora, Adrian.

Ele a entrelaça contra o peito com toda força. Segura seu queixo, e lhe promete:

— Vou te procurar e vou te achar, entendeu? Vou encontrá-la, não importa o tempo que leve, irei te encontrar!

Eles se beijam.

Adrian se coloca de costas para o precipício.

Olham um para o outro, por mais que não queiram, há a possibilidade de ser a última vez. Espira fundo, solta a mão dela, e se joga num pulo só.

Falta muito pouco para toda ponte vir abaixo, Marieva, também se posiciona com todo aquele mar em destruição à sua volta. E quando sente-se preparada para saltar, vê pela última vez a imagem de Raziel entre as ruínas.

Está sereno. Parece satisfeito.

Retira as mãos dos bolsos, e com um sorriso no canto dos lábios, começa a bater palmas, como quem aplaudisse contente, todo seu espetáculo.

Marieva entende enfim, que a missão de Raziel sempre foi protegê-la, permitindo que fizesse suas escolhas por si só.

Ela sorri comovida, e moleca, pisca para ele batendo continência em seguida.

Raziel se curva diante dela, como o servo, o guardião, o protetor que ininterruptamente foi.

Ela cerra os olhos. Procura forças dentro de si. E sem titubear, pega impulso suficiente na corrida e pula de braços abertos em direção do abismo.

A acompanhante notou uma reação diferente nos batimentos cardíacos e no monitoramento cerebral do rapaz. Sabendo que há anos, aquilo não acontecia, levantou-se indo em direção ao leito.

— Onde estou? — Perguntou ele.

A moça incrédula assustou-se, e correu para a porta para chamar pelos enfermeiros e médicos.

Sem demora, o Doutor Savala veio ao quarto do jovem.

— Onde estou doutor?

— Voltando de uma longa viagem, meu amigo. De uma longa viagem. Sabe qual é o seu nome?

Ele sorriu comedidamente, e respondeu firme:

— Adrian.

— Seja bem vindo Adrian. Muito bem vindo. Vou mandar avisar à sua mãe, com licença.

Ávila já havia perdido a esperança de receber aquele telefonema. Cansara de ficar horas e horas ao lado do aparelho na ânsia de ouvi-lo tocar. Naquela manhã, desistiu. Precisava continuar a vida, ainda que este não fosse seu desejo. Foi no

jardim, quando estava aguando as plantas, e tentando sorrir outra vez, que o telefone tocou. Sem maiores pretensões, acreditou ser da escola do filho mais velho, que vinha apresentando um comportamento rebelde devido os últimos acontecimentos na família.

— Pronto! — disse sem muita paciência.

Do outro lado um ruído, semelhante a um choro, foi sua resposta. Seu coração palpitou, na alma, sentiu e disparou:

— Mana? É você?

Jogando-se na primeira cadeira que encontrou devido às pernas bambas. Do outro lado, uma voz respondeu:

— Ainda quer uma irmã?

— Só se o nome dela for Jocasta.

Ambas choraram, e a conversa continuou...

O médico acabara de sair do quarto da visita de rotina, quando falou a dona Helena que o quadro de sua neta não havia evoluído, mesmo diante do tratamento trazido da Bélgica.

A senhora confiante, somente replicou ao Doutor.

— Minha neta, vai acordar ainda hoje, eu sinto.

Ele se despediu com um aperto de mão, sem nada dizer para não ser intransigente.

Helena foi a cabeceira da neta, ajeitou com cuidado o travesseiro, penteou seus cabelos. Foi até a mesa, desembulhou o maço de tulipas que trocava diariamente, desde que a moça sofrera o incidente. As arrumou num jarro ao seu lado, e ao lado petiscos que ela adorava.

A explicação do que na verdade era “A Sala Especial”, nada mais, que o único dia do mês que os pacientes do C.T.I, recebiam visitas devido seu estado grave e o risco de morte eminente. Os aromas que a sala despertava, assim como os sons de vozes familiares, era o dia em que a família tinha acesso aos seus entes nesta condição.

Quando chegou à janela, e tentou fechar a cortina, com medo que um golpe de vento frio entrasse sem ser convidado e piorasse o estado de sua neta, dona Helena ouviu bem baixinho.

— Não, vovó. Deixe a janela aberta, eu quero ver o sol entrar.

A senhora largou abruptamente as cortinas, virou-se para a cama, e trazendo as mãos

NACIONAIS - ACHERON

envelhecidas pelo tempo a boca, não acreditando em ver Marieva com os olhos abertos lhe admirando.

— Filha! — gritou.

— Senti saudades vovó. Muita!

E depois de longos beijos e muitos abraços, as duas conversaram.

*Passaram sete anos...*

Dia 08/09, pós-feriado nacional, e feriado municipal na cidade de Saquarema. A típica festa em comemoração ao dia santo dos católicos deu lugar também para um Festival de Talentos Nacional. Era gente de todo canto, de todos os lados. Uma feira ao ar livre de talentos musicais, teatrais, artísticos, de todas as esferas e para todos os gostos.

Jocasta e Adrian, haviam se encontrado meses antes, numa feira de artesanato em Pernambuco. Agora, ela era uma pintora despontando para o gosto popular. E ele, desde que

se recuperara totalmente dos cinco anos naquele leito de hospital em coma profundo, passou a se dedicar à música, aperfeiçoando o violonista que havia dentro dele e apurando a sua doce e grave voz.

Entretanto, o que desejava mesmo, era nunca deixar de cantar a melodia de Renato Russo e companhia, que um dia lhe traria a menina franzina, corajosa e arditamente encantadora. Que povoava não somente seus pensamentos, como os seus sonhos, assim como todos os seus dias.

E naquela manhã de sol na Capital Internacional do Surf, não foi diferente. Afinou o violão, esquentou as cordas vocais, e pelo menos mais uma vez, tocou e cantou.

Uma menina me ensinou  
Quase tudo que eu sei  
Era quase escravidão  
Mas ela me tratava como um rei...

Jocasta, sempre que o via tocar a música procurava estar perto dele. Porém, naquele dia, sentiu tanta sede, e decidiu ir comprar um



refrigerante para os dois. Quando saia da modesta lanchonete, percebeu que o som de Adrian havia cessado. Estranhando, correu de imediato até onde estava o amigo. No entanto, a multidão do Festival a impedia de ir mais rápido.

Já se passavam quase dez minutos, e angústia de não ouvir a continuação da apresentação de Adrian, a deixava mais nervosa.

Por fim, conseguiu se aproximar. A roda de pessoas que se formava a volta dele ainda estava lá, o que teria então acontecido?

Bastou se entremear entre o povo, para que seus olhos descobrissem a causa de silêncio .

Adrian e Marieva estavam abraçados.

Não conseguiam tirar os olhos um do outro.

Ela segurou a mão dele, passou em seu rosto bem suavemente. Enquanto as pessoas gritavam o aclamado: “Beija! Beija!”

— E eu que disse que lhe encontraria, acabei sendo encontrado.

— Eu sempre disse que te conhecia de algum lugar.

— Relembrou Evinha.

— Agora sabemos de onde. Da vida.

Eles colocam suas cabeças de frente uma para outra. Adrian fecha os olhos e sussurra:

— Uma menina me ensinou quase tudo que eu sei...

— Era quase escravidão... — ela também segredou.

Ele a apanhou no colo, rodando como um menino que brinca num dia de chuva, e berrou em alto e bom som:

— Mais ela me tratava como um rei!

E aquela foi a cena do primeiro dia dos restos de suas vidas. Jocasta não quis atrapalhar aquela ocasião, sabia que dali para frente, os três teriam muito para conversar, brigar, rir e se aventurar. Resolveu caminhar pela beira da Praia da Vila, vez por outra pulando uma ou outra onda. Até que se acomodou na areia, e olhando o infinito azul do mar saquaremense, proferiu:

— Pois é... Da próxima vez que tiver a sensação, que conhece alguém de algum lugar, mas não sabe exatamente de onde, lembre-se: Talvez, vocês já estiveram juntos na Casa Dos Destinos. E deitou-se, para tirar um cochilo.

PERIGOSAS

FIM

NACIONAIS - ACHERON

## SOBRE A AUTORA

**DANKA MAIA** é Escritora e Professora. Mora em Saquarema, Rio de Janeiro.

Filha, amiga, tia e plena em saber que é amada e aceita por um Deus que a ama como ela é.

Iniciou seu amor pela leitura através dos gibis de seu pai, depois nos dolorosos poemas da adolescência até que se sentiu pronta para colocar no papel tantas histórias já escritas há anos em sua memória.

Depois de 12 livros escritos, e mais amadurecida no mundo literário, ela agora vive um novo ciclo, chegou o momento de escrever as histórias que foram inspiradas por Deus. Nesta nova fase vieram Os Avisados, Quando O Segundo Sol Chegar, Amor Em Terras De Fogo e O Sol Da Meia Noite.

Quem sou eu? Uma rainha em meu mundo, uma  
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mendiga no planeta.

Uma definição? Eu sou intensa por natureza.

Eu sou um canal de um Rio chamado Deus.

NACIONAIS - ACHERON